556 • OUTUBRO, 1992 • ANO 08 • Nº 10 • EDIÇÃO 87 • CR$ 23.000,00

EDITORA AZUL

ROCK & POLITICA A HERANÇA DOS ANOS 60

BIZZ

SEXO, DROGAS E PSICOTERAPIA

AXL

ABRE O JOGO NO "ENTREVISTÃO"

SEPULTURA NO ORIENTE
POR MAX CAVALERA

NAPALM DEATH
POR JOÃO GORDO

Rock & Quadrinhos Scans

AO VIVO PEARL JAM • CHILI PEPPERS • LEGIÃO URBANA • SKID ROW • PARALAMAS

Cuidado, Peixe Bravo!
Com Ca
Você Pinta
Molda, Per
E Até
MPM LINTAS

.scolor
ı,Decora,
sonaliza
Cola.
É claro, sempre existe alguma coisa nova que você pode inventar. Cascolor está aí pra isso mesmo. Cascolor é uma nova dimensão da cola. Você pode, por exemplo, fazer enfeites de natal, bijuterias, pinturas em vidro, papel, metal, decorar o skate, a mochila e muitos outros lugares. Basta usar a sua enorme imaginação. Cascolor vem em seis cores fosforescentes: azul, laranja, pink, vermelho, verde e amarelo. Agora se você não gostou do que inventou, tudo bem, Cascolor é lavável, e não é tóxica. Cascolor. Agora você pinta, decora, molda, personaliza e até cola o sete.
Cola Colorida Fosforescente
CASCOLOR
A cola mais descolada do mundo.

GALERIA MUSICAL

KORG · Di Giorgio · Zildjian · TAMA · del vecchio · OCTAGON · Santo Angelo · KRAFT · ALESIS STUDIO ELECTRONICS · Ibanez · BOSS · ROCK BAG · Fender · Oliver · Jennifer · TAKAMINE · Tagima · Peavey · Pearl · Giannini.

RUA TEODORO SAMPAIO 763

P.A. INSTRUMENTOS MUSICAIS
F. 64 3430
282 5653

COMPRA VENDA TROCA
TELEVENDAS PARA TODO O BRASIL
PROPORSOM instrumentos musicais
F. 64 6919
853 0816

CENTRAL DISTRIBUIDORA DE INSTRUMENTOS MUSICAIS
F. 64 0475
883 5080

INDIE RECORDS & VIDEOS

CD • CDV • VINIL • VHS • IMPORTADOS (USA-EUROPA-JAPÃO)
ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO BRASIL
Av. Pedroso de Morais 1053 SP / Tel: (011)816.1220 Fax: 815.9882

PAI DO ROCK

INSTRUMENTOS MUSICAIS • NACIONAIS
IMPORTADOS • NOVOS E USADOS
ACEITAMOS ENCOMENDAS • FONE 883-6779
R. TEODORO SAMPAIO, 865 PINHEIROS - SP CEP 05405
PROMOÇÃO! NA COMPRA DE INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS VOCÊ CONCORRE A 4 DIAS NA ILHA GRANDE NO HOTEL ALPINO E MAIS UMA PASSAGEM DE IDA E VOLTA A MIAMI

LONDON CALLING

DISCOS, CDS E VÍDEOS

A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES

SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA E EUROPA

RARIDADES DE: U2 • RAMONES • SISTERS • DOORS • STOOGES • CURE • CRAMPS • SEX PISTOLS • SMITHS • MADONNA • ETC.

ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO PAÍS

SOLICITE CATÁLOGOS

FONE: (011) 223-5584

R. 24 DE MAIO Nº 116 - RUA ALTA - LOJA 15 - CEP. 01041 - CENTRO - SP

O ROCK VIAJA DE BIZZ

PARA ANUNCIAR
LIGUE: 211-7866
RAMAL 314

EDITORA AZUL

Dia primeiro de setembro de 92, reunião de pauta da BIZZ. Em cima da mesa, boas propostas de pauta para esta edição – inclusive um diário de bordo do braço oriental da excursão do Sepultura, relatado pelo próprio Max Cavalera; e a história da conexão rock-política, que centenas de milhares de caras-pintadas nas ruas exigiam da revista e Ana Maria Bahiana escreveu `a perfeição. Tudo muito lindo – mas e a capa?

Imperou a lógica: pela quarta vez em dois anos, deu Guns N'Roses. Os caras são adorados por uma parte gigantesca dos leitores da revista, estrelaram a turnê mais polêmica da temporada ao lado do Metallica e Faith No More, não saem da MTV, não param de vender discos e não saíam na capa da BIZZ desde agosto de 91, quando demos um preview de *Use Your Illusion*. Para completar, ainda pintou uma possibilidade comprar da revista norte-americana *Rip* uma entrevista extra-longa, extra-profunda, que Axl Rose concedeu para seu amigão Del James. Quem somos nós, pobres jornalistas, para resistir aos anseios da nação *rocker*? Deu *gunners* na cabeça (apesar da já famosa bronca com o GN'R por parte de alguns membros da redação. Nova prova que quem manda aqui é o leitor, sem demagogia).

Dia 25 de setembro, quinta-feira, a BIZZ de outubro quase pronta para ir para a gráfica. De repente chega o telefonema: o Guns N'Roses deve desembarcar no Brasil na primeira semana de novembro para uma série de shows; datas e lugares a confirmar. E a gente com a nova BIZZ na mão, Axl olhando da capa numa pose clássica de rebelde sem causa. Sincronicidade é isso aí...

Rock & Quadrinhos Scans

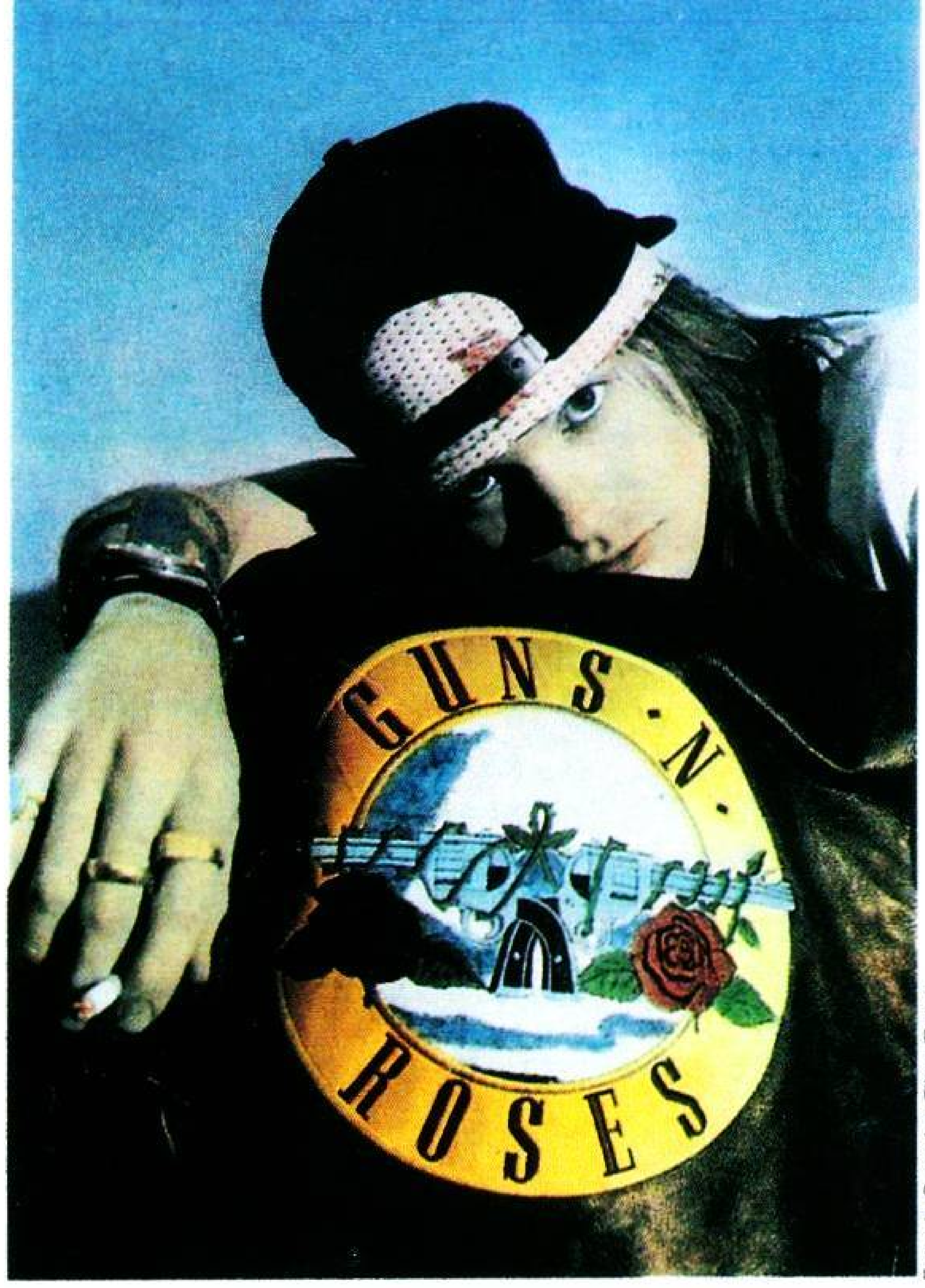


Foto de Capa Ian Tilton/Retna

6 SHOWBIZZ
O que o Video Music Awards não mostrou

12 FAST FORWARD
Quem é "o novo Nirvana"

22 SEPULTURA NO ORIENTE
Rituais bizarros na rota de Max e Cia.

26 ROCK & POLÍTICA
Das raízes da contestação aos anos 90

31 EU, AXL
Como fazer sucesso e não ficar louco

40 AO VIVO
Lollapalooza 92, Legião, Paralamas, Pil

48 CONEXÃO BRASIL
Disk Putas, Pit Bulls On Crack

49 JUKEBOX
Lesley Gore

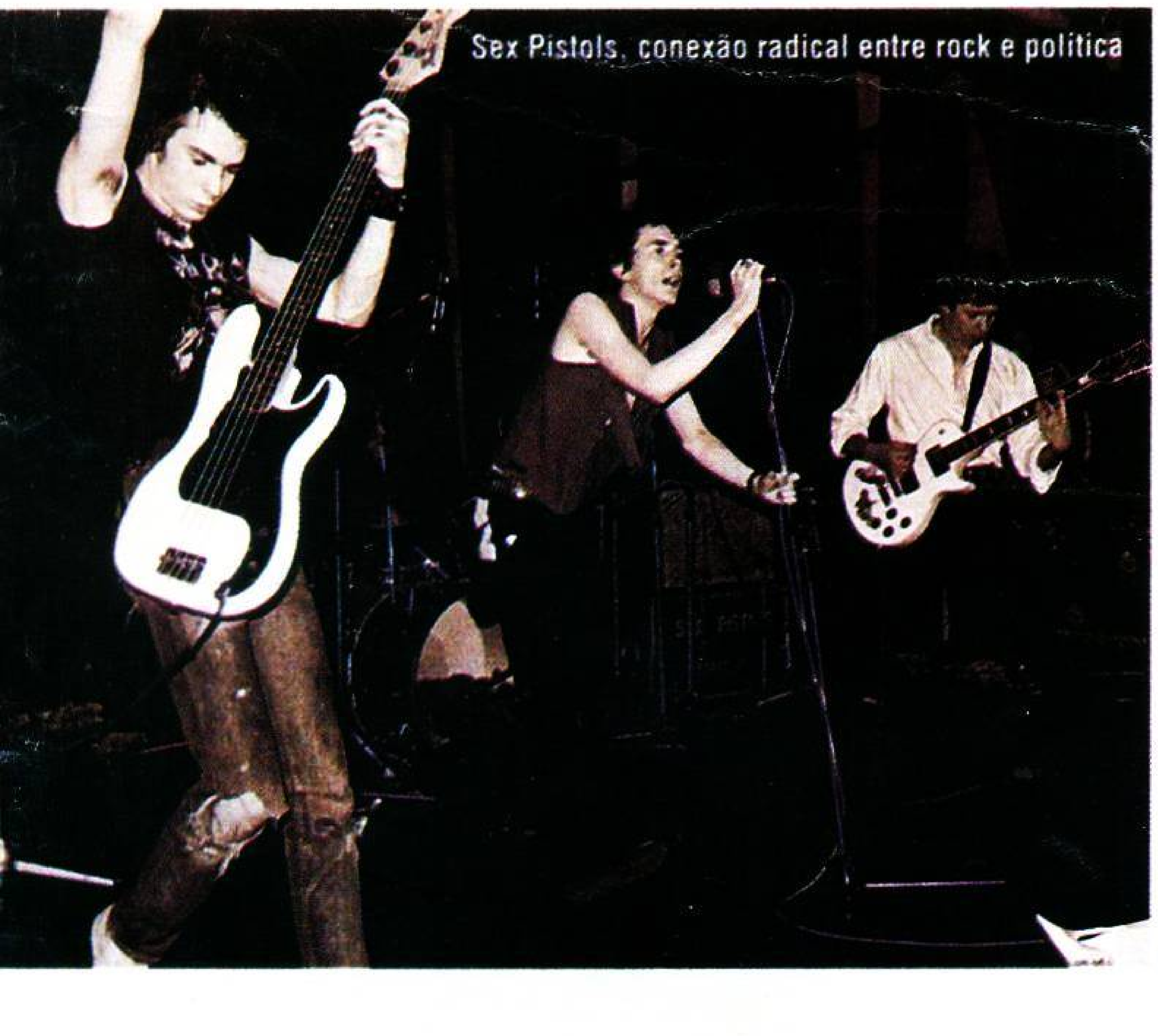
50 DANCE MUSIC
O preço de um remix (e mais)

51 DISCOS
Ministry, finalmente no Brasil

62 LETRAS
"Hunger Strike", Temple Of The Dog

64 CARTAS
U2 e Pearl Jam causam desabafos

66 DISCOTECA BÁSICA
Tim Maia, Tim Maia (70)


Sex Pistols, conexão radical entre rock e política

Stevenson/Retna

VIVA MORRISSEY!

São dez anos de carreira, cinco desde o fim dos Smiths, três álbuns solo e não é que Morrissey continua a voltar a ordem do dia. Em 91 ele já havia batido o recorde de lotação do Madison Square Garden em Nova York. Este ano sua popularidade nos EUA continua no auge, provocando furor por onde passava para dar sessões de autógrafos.

Your Arsenal, produzido por Mick Ronson (ex-Mott The Hoople) chegou a 21º nos EUA, o posto mais alto tanto de sua carreira solo quanto com os Smiths.

Simultaneamente foi relançado *The Best Of Smiths Vol. 1*. Os clássicos singles "This Charming Man" e "How Soon is Now?" voltaram à parada inglesa. Os dois discos devem estar saindo logo aqui.

Morrissey também vem sendo acusado de fascista e racista pelo tom ultra-nacionalista de algumas de suas letras e sua manifesta simpatia pelo movimento skinhead. Apesar disso, Morrissey teve que sair no meio de um show em Finsbury Park, Londres, depois de ter virado alvo de, entre outras coisas, uma caixa de laranjas arremessados por skinheads.

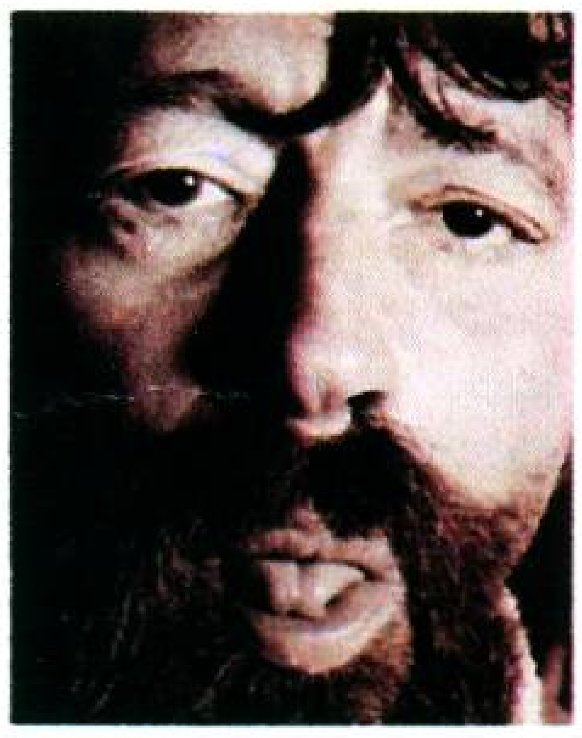
RICO MAS NEM TANTO

Anunciado como sendo "o mais volumoso contrato já travado por um artista e uma gravadora", o novo acordo firmado entre Prince e a Warner não é lá tão favorável para o artista, nem se aproxima do valor de 100 milhões de dólares anunciados. O máximo que Prince deverá realmente receber de adiantamento são 30 milhões de dólares. Para embolsar os anunciados 100 milhões, ele precisa vender cinco milhões de cópias de cada disco que lançar — meta difícil, já que a venda média de seus últimos três álbuns não passou dos cinco milhões.

De fato, Prince começa agora a receber royalties de 25% sobre a venda de seus discos — o valor mais alto da indústria —, mas se suas vendas futuras não forem satisfatórias a Warner teria o direito de deduzir a diferença entre o número ideal e as vendas reais dos royalties gerados pelas vendas dos discos anteriores de Prince.

Gamma-Sigla

RAUL MANIA



Rui Mendes

Para variar, esperaram o homem morrer para decidir que ele era gênio. Kika Seixas, ex-mulher de Raul Seixas abriu o baú onde ele guardava textos esparsos, tapes inéditos, recortes sobre seu ídolo Elvis e outras coisas mais. O resultado foi o disco e livro *O Baú Do Raul* (Ed. Globo; veja crítica do disco nesta edição) que compilam os arquivos de Raul. Uma horda de velhos e novos fãs tomou conta do Circo Voador, no Rio, e do Aeroanta, em São Paulo, durante os shows de lançamento do disco e do livro. No palco passavam nomes como Erasmo Carlos, Frejat, Comando Negri, João Gordo, Ira!, Celso Blues Boy, Kid Vinil, o clone Roberto Seixas, e ex-Mutante Arnaldo Baptista. Na onda da raulmania foi lançado também *Raul Seixas - Uma Antologia* (Ed. Martin Claret), de Sylvio Passos e Toninho Buda, com todas as letras das músicas que Raul Seixas gravou, uma rápida biografia e alguns estudos com as visões do ídolo sobre seus assuntos prediletos: Sociedade Alternativa, Jesus e o diabo.

Warner

GUNS E RED HOT COM UM PÉ NO BRASIL

Quase tudo certo para a vinda do Guns N'Roses ao Brasil em novembro! Datas e lugares a confirmar, mas parece que rola mesmo. Também corre que em 93 vêm Metallica e Red Hot Chili Peppers, este último para o Hollywood Rock. E segundo um fax recebido do jornal argentino *El Diario De La Tarde* há quase certeza de shows em Buenos Aires do Nirvana, B-52s e Joe Cocker (entre 8 e 12 de novembro). Isso pode significar datas no Brasil também.

SEPULTURA JUNIOR

No começo de setembro, Igor Cavalera comemorou seu aniversário no Aeroanta, com uma festaça que reuniu no palco Yo-Ho-Delic, Jazzzzumbi e boa parte do Sepultura. Enquanto isso, seu irmão Max urrava de alegria em Phoenix (EUA) com a notícia de que em janeiro nasce seu primeiro filho. A mãe é Gloria Djunowski, empresária de cabelos mutantes do Sepultura.

A banda conquistou o prêmio de melhor grupo independente de 92, no Concrete Foundation Forum — convenção anual dos selos independentes americanos. Para recebê-lo, eles se apresentaram no Palladium, em Hollywood, ao lado de Rob Halford Fight, Exodus, Bio-Hazard e Circus Of Power.

E mais! O Sepultura fecha o ano excursionando pelos EUA durante o fim de novembro e quase todo dezembro com o peso superpesado Ministry. O fim dessa turnê animalesca será em pleno Madison Square Garden, Nova York.

S

LONDRES

Além do *line-up* imcompreensível (Almigthy, WASP, Slayer, Thunder, Skid Row e Iron Maiden), o festival de Castle Donnington foi o mais molhado dos últimos tempos. A área de VIPs não tinha VIPs e o último trem para Londres foi cancelado. Camisinhas foram distribuídas de graça pela *Kerrang!* • O Killing Joke está processando o Nirvana por plágio, alegando que o riff de "Come As You Are" é cópia direta de sua música "Eighties". E por falar nisso, *Bleach*, o primeiro LP de Kurt e cia., está sendo relançado na Grã-Bretanha pela segunda vez • Sinèad O'Connor foi fotografada filmando um vídeo novo... com um cigarro muito suspeito na boca • Depois de dez anos e dois filhos, Sting e sua namorada Trudy Styler resolveram se casar. A primeira cerimônia foi num cartório londrino. A segunda foi numa igreja no campo, perto da nova mansão do casal. Os dois vestiam Gianni Versace e Trudy foi conduzida à recepeção por Sting... em cima de um cavalo branco. Convidados: Charlotte Rampling, Kevin Godley (do Godley & Creme), Peter Gabriel e sua mãe, e os ex-colegas Stewart Copeland e Andy Summers. O melhor da noite foi uma reunião inesperada do Police. Eles tocaram até "Roxanne" e "Message in a Bottle" • Presentes e suando no show de Henry Rollins: Kurt Cobain e Chris Novoselic do Nirvana, Eric do Hole e Nick Cave • A maior *rave* legal que já houve na Inglaterra —doze horas de música para 40 mil pessoas, em Winchester — provocou um engarrafamento gigante. Até os chiques Pet Shop Boys tiveram que andar até o local quando o trânsito empacou. *ANAMARIA G. DE LEMOS*

NOS BASTIDORES DO

Sanduíches frios, refrigerantes quentes, intervalos abissais entre entrevistados, microfones pifando, monitores invadidos por chuviscos, nada disso foi o bastante para estragar os ânimos da imprensa reunida numa tenda gigante montada nos bastidores dos Music Video Awards da MTV, realizado em pleno campus da UCLA, em Los Angeles.

Afinal, nada melhor que o caos reinante no backstage de um show de prêmios para criar um espetáculo à parte, montado sobre perguntas debilóides e respostas instantâneas nem sempre brilhantes. Porém, quando o foco das perguntas desviava do habitual "como você se sente?" a porca torcia o rabo. Que o diga Suna Said, editora da *Together* — a revista feminina da UCLA — e da revista gay da universidade, que causou confusão disparando perguntas como "você é viciado em heroína?" (para Chris Robins, dos Black Crowes) e "é verdade que Whitney Houston é lésbica?" (para Bobby Brown, marido de Whitney, que retrucou "Casei com ela, e não sou gay").

Tudo, naturalmente, acabou em festa: um convescote gigante, montado sobre o gramado do Drake Stadium, campo de futebol americano onde treinam os Bruins, time da universidade. Plebeus misturados com a realeza do rock, todos os juntos numa fila só para o uísque e para a pizza. No fim, restaram as palavras das celebridades.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

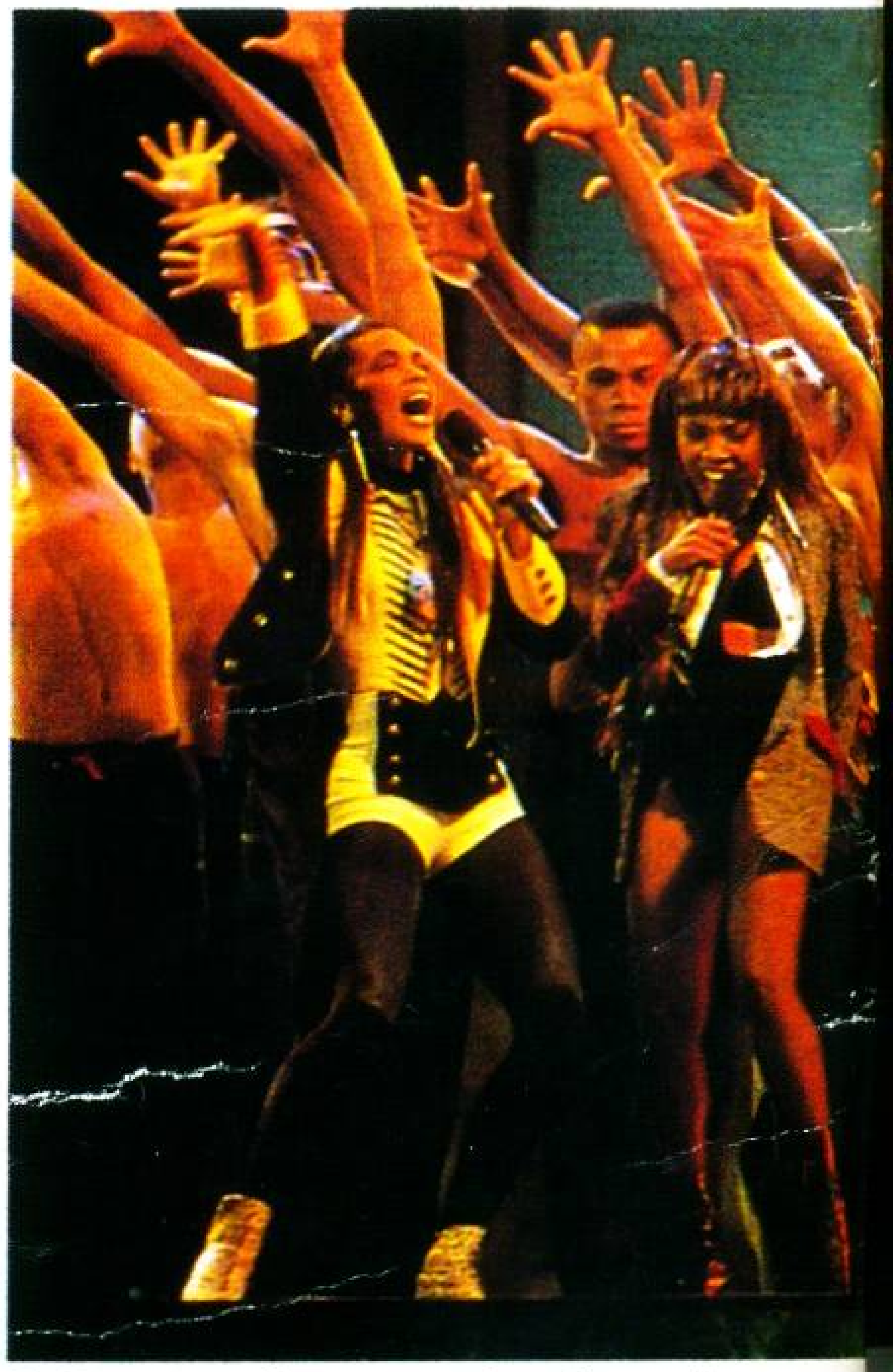
PREMIADOS

Video "Right Now" Van Halen
Video de grupo "Even Better Than The Real Thing" U2
Masculino "Tears In Heaven" Eric Clapton
Feminino "Why" Annie Lennox
Rap "Tennessee" Arrested Development
Heavy/hard rock "Enter Sandman" Metallica
Alternativo "Smells Like Teen Spirit" Nirvana
Artista novo "Smells Like Teen Spirit" Nirvana
Dance "Cream" Prince & NPG
Breakthrough (*) "Give It Away" Red Hot Chili Peppers
Vanguarda "November Rain" Guns N'Roses
Trilha de cinema "Bohemian Rhapsody" Queen
Diretor Mike Fenske ("Right Now", Van Halen)
Coreografia "My Lovin' (You're never Gonna Get It)" En Vogue
Direção de arte "Give It Away" Red Hot Chili Peppers
Edição "Right Now" Van Halen
Fotografia "November Rain" Guns N'Roses
Efeitos especiais "Even Better Than The Real Thing" U2

(*) Categoria para videos que marcam a passagem de um grupo do underground ou anonimato para o sucesso nacional.

Fotos MTV

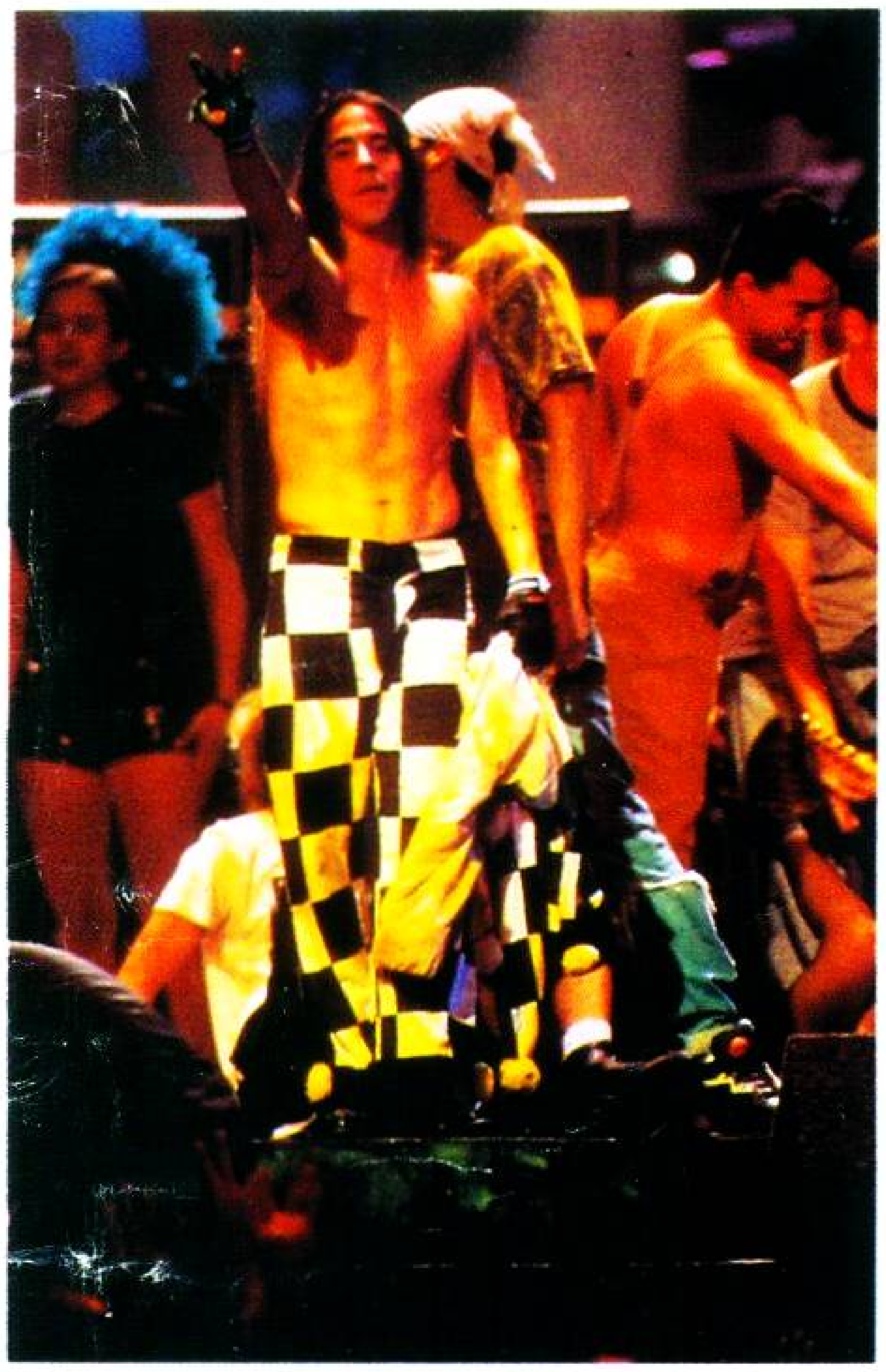
Bem-vindo ao mundo de Wayne...



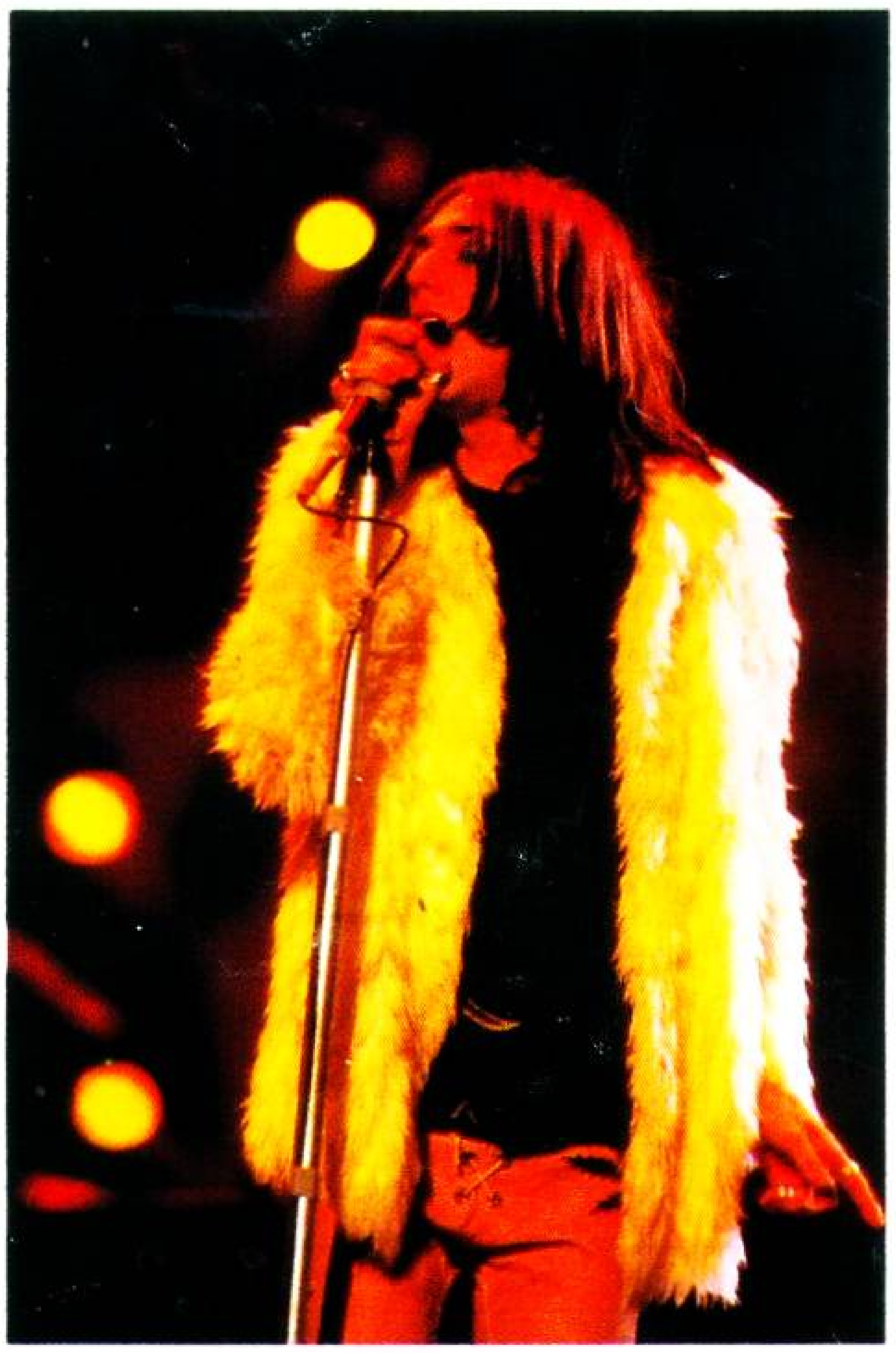
En Vogue mais novecentos dançarinos...

Kriss Kross e Magic Johnson

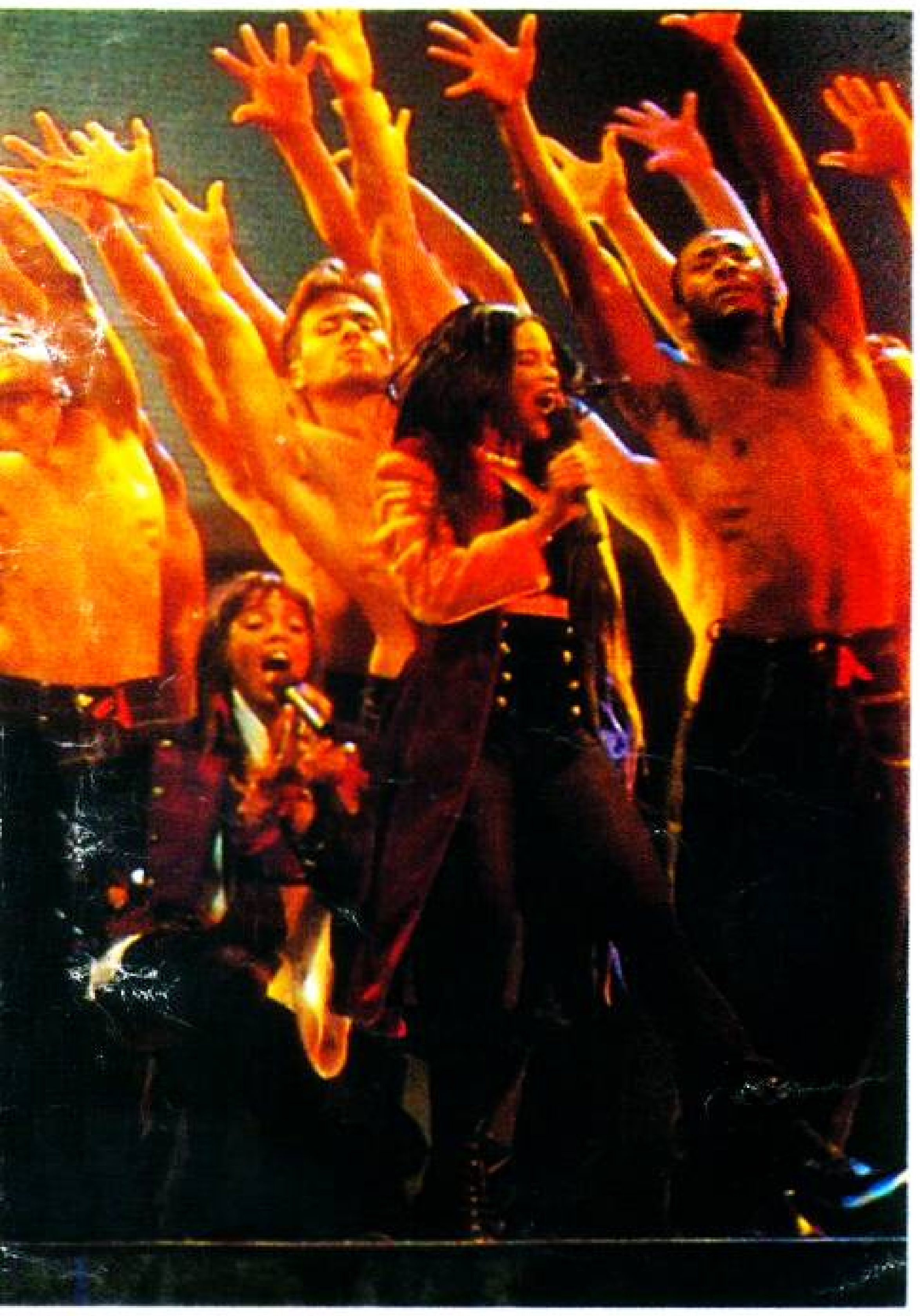
VIDEO MUSIC AWARDS



Anthony Kieds do Red Hot no xadrez



Chris Robins, o rei do brechó



"Meu nome é Sam Peckinpah... Whoopi Goldberg... Sergio Leone..."
O Black Crowes se apresentando à imprensa, depois que um repórter pediu que eles se identificassem por nome antes de responder às perguntas

"Nossa camareira deu liquidificadores para todos nós e eles três agora só bebem vitamina de cenoura com laranja, coisas assim. Mas eu não."
Lars Ulrich, do Metallica, quando lhe perguntavam se a banda ainda entornava direto, como quando nos tempos em que era conhecida pelo apelido de Alcohollica

"O importante é primeiro terminar o curso colegial antes de dar uma de louca e se mandar para a Europa."
Cindy Crawford dando conselhos para quem pretende se iniciar na carreira de modelo

"Vi altos cabelos hoje à noite, altos cabelos."
O apresentador Dana Carvey, o Garth de *Wayne's World*

"No canto direito superior"
Chris Robinson, dos Black Crowes, respondendo à pergunta "qual é a posição do rock hoje em dia?"

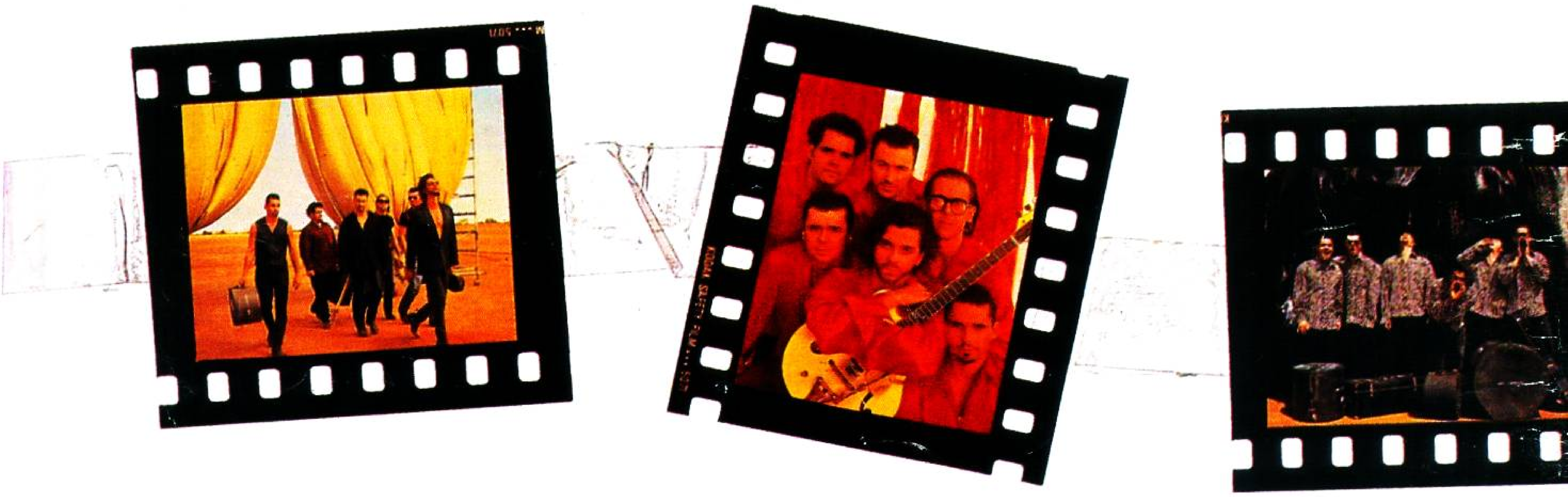
OUÇA ESSA

"Ele vinha ao estúdio, trabalhava meia hora, depois ficava em casa uma semana se recuperando do esforço. Mas adorava: foi aquilo que o manteve vivo por mais tempo."
Brian May, a respeito da participação de Freddie Mercury na gravação do álbum *Innuendo*

LOS ANGELES

Quem quiser ver o conteúdo do livro *Sex* — o ensaio fotográfico de erotismo estrelado por Madonna — precisará desembolsar 50 dólares. As livrarias foram proibidas pela editora que está lançando o livro de deixar na prateleira uma cópia de cortesia à disposição dos curiosos que entrarem na loja. Além disso, *Sex* será vendido numa embalagem lacrada. Há rumores de que haveria um cadeado trancando o volume; outras especulações apontam para a embalagem do livro numa enorme camisinha • Chegou às lojas dos Estados Unidos *Classic Rock (And other Rollers)*, livro de fotos que reúne o melhor do trabalho de Baron Wolman, um dos pioneiros da fotografia de rock americana. Baron foi o primeiro editor de fotografia da Rolling Stone, na década de 60 • Mais abrasivo é *Hammertime*, biografia não autorizada do ex-MC que retrata o rapper como um homem ambicioso, mas sem escrúpulos • A autópsia do baterista Jeff Porcaro, do Toto, provou que o músico não morreu por causa de uma reação alérgica ao pesticida que ele borrifava em seu jardim. Os médicos declararam que o infarto que matou Porcaro em agosto teria sido causado pelo enrijecimento das artérias, consequência do uso continuado de cocaína • *Ice-TV* é o talk-show que o rapper Ice-T irá estrear numa estação americana a cabo • Nos baús da Motown foi encontrada uma inédita do Jackson 5, "Who's Loving You". • Acústicos da MTV viraram fonte de renda segura: depois do estouro do *MTV Unplugged EP* de Mariah Carey é a vez de Eric Clapton faturar com o seu, que chegou ao segundo lugar da parada americana. Enquanto isso, num plano mais modesto, João Bosco lançou o primeiro (e elogiado) disco tirado de um "desplugado" para a MTV brasileira. *J.E.R.*

WELCOME TO WHER

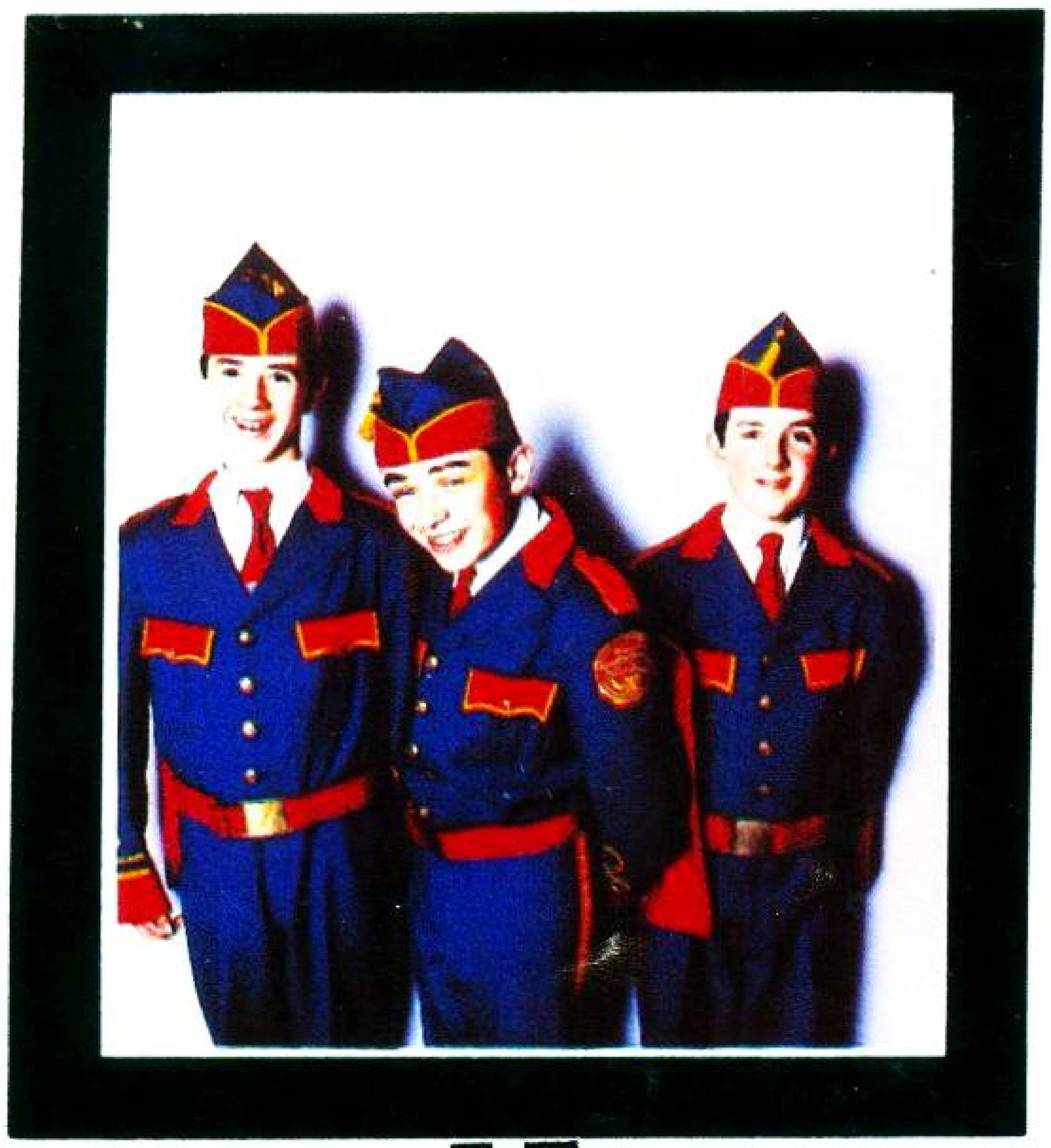


VOCÊ QUER SABER QUAL E A NOVA CARA DO INXS?
DOU-LHE UMA, DOU-LHE DUAS, DOU-LHE TRÊS.

PolyGram

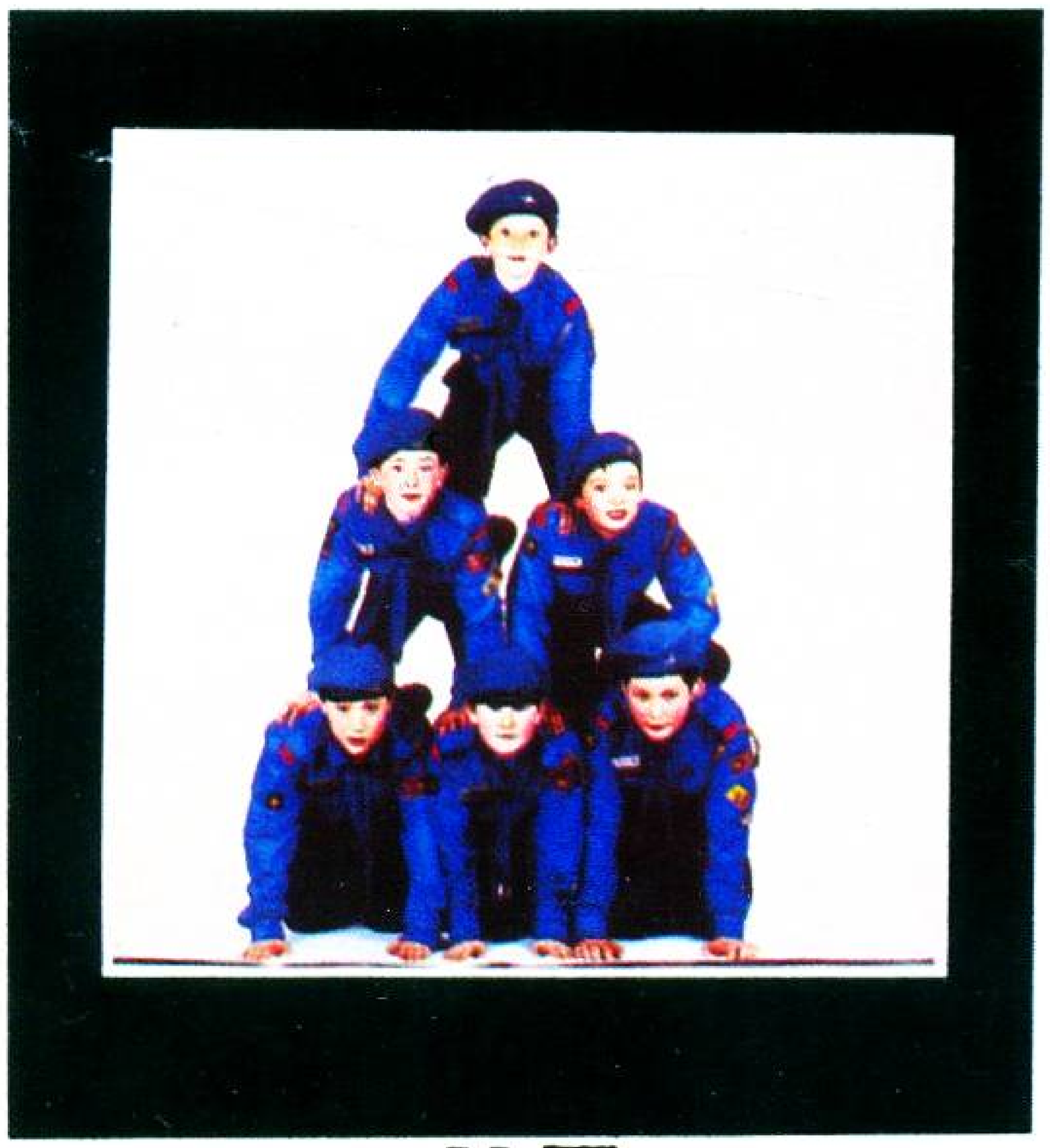
Mercury

VER YOU ARE INXS



CD

LP



K7

Ex-discípulos do jazz reinventam o barulho

A normalidade é assustadora. Os integrantes do Helmet, por volta dos seus 30 anos, cabelos curtos, vestindo street wear com blazer e falando de jazz, podiam ser psicopatas. Uma banda que só vendeu oito mil cópias de seu primeiro álbum, antes de ser contratada por uma *major* por mais de um milhão de dólares, não pode ser apenas normal.

O baixista Henry Bogdan, que costuma disfarçar seus 32 anos com um quepe skatista da Thrasher, ri da situação: "Nirvana virou a cabeça das gravadoras".

A indústria tremeu com os quatro discos de platina de *Nevermind*. Caçadores de talento passaram a babar sobre o catálogo das gravadoras independentes, oferecendo contratos de

e t minimal

Kristin Callahan/ LFI

três álbuns e dólares em abundância para bandas que até o ano passado só tocariam na casa de críticos entediados. "Estão todas correndo atrás da próxima banda de um milhão de dólares", garante Bogdan.

E Helmet vem bem embalado. É "o futuro do death metal", segundo algumas revistas headbangers. O curioso é que, se não se dedicasse a matar canções em série, Page Hamilton podia ser um Frank Zappa ou Robert Fripp dos 90. Hamilton tem mestrado em guitarra de jazz, pela Manhatan School of Music, tocou na orquestra de guitarras de Glenn Branca e na vanguardeira Band Of Susans. Sua alma gêmea, claro, tinha que ser o baterista John Stanier, formado em death metal na Flórida. Essa mistura, acrescida da guitarra de Peter Mengede e o baixo com formação clássica de Bogdan, não é nada Emerson, Lake and Palmer. Na contramão do namoro progressivo de Primus ou Faith No More, com quem excursionaram, Helmet é radicalmente contra firulas. "Não temos uma abordagem acadêmica", diz o baixista. "Gostamos de Rapeman e Napalm Death. Coisas intensas, pesadas, agressivas — é o que nos une e o que se sente em nossa música."

Meantime, o disco de estréia do Helmet no selo Interscope (de Gerar e Marky Mark), distribuído pela Warner, é, sem dúvida, intenso. Um monstro de metal retorcido, quase sem melodia, entoado com vocais de Pit-bull. Animal mesmo. Ainda mais minimalista que Prong.

A Interscope chamou Andy Wallace, responsável pela mixagem de *Nevermind*, para mixar *Meantime*, mas Wallace também trabalhou com Slayer, e é isso que o peso do disco lembra mais.

A *major* acabou pagando chumbo grosso com ouro. O guitarrista Page Hamilton já gozou a indústria dizendo que vai mandar flores para o Nirvana. "Vamos abrir para eles em Portland e Seattle, e aí entregaremos essas flores", confirma Bogdan.

A relação do Helmet com o metal é esquizofrênica. "Gostamos de metal, mas também o odiamos", diz o baixista. "Não há nada mais chato do que um solo ou uma música muito longos e complicados. Helmet não tem nada a ver com isso. Fazemos música simples, com riffs pesados e efetivos." Talvez o segredo do "futuro do death metal" seja morar em Nova York. "Não há como não escutar Sonic Youth se você mora em Nova York", diz Bogdan. "Quase todos, hoje, são influenciados por Sonic Youth. Eles ajudaram a quebrar vários clichês do rock e a redefinir as estruturas das canções." Essa influência, que vem desde o primeiro álbum, *Strap It On*, lançado em 90 pelo furioso selo independente Amphetamine Reptile, é mais alienígena do que música clássica na subcultura: quanto mais headbanger melhor. O que anima o otimista Bogdan. "É bom ver que o público de metal está escutando outro tipo de música. Há dez anos, ele não ouviria bandas punks ou mesmo o industrial do Ministry."

Mas Helmet, Surgery, Ween, Hole, Come, Cell e Pavement — a geração das bandas de nome curto dos States —, apesar de molhadinhas com o interesse das *majors*, podem estar gozando precocemente no atual quadro de prosperidade underground. É só surgir uma nova onda para as gravadoras abandonarem a cena. Bogdan prefere não fazer previsões. "Procuramos não pensar onde nos encaixamos no mercado. Não creio que as contratações causem tanto dano à cena quanto as pessoas dizem. Talvez abram espaço para o discurso de novos punks. As independentes continuam aí. Elas agora vão ter que se arriscar mais e gravar artistas mais radicais. Espero que isso gere boas bandas. Vamos esperar para ver."

MARCEL PLASSE

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

BODY COUNT é hardcore negro casca-grossa detonado por *ICE-T* e sua gangue. Se as letras, xingando Deus e o mundo, zoaram a moral americana — especialmente a de "Cop Killer"—, o som zoa seus ouvidos ao máximo. Sem perdão. *C.E.M.*

Depois dos experimentos com outros instrumentos e convidados em *Out Of Time*, o **R.E.M.** surpreende novamente, agora pela simplicidade. **Automatic For The People** mostra o quarteto voltando as suas raízes sonoras, caprichando nos rocks e nas baladas e com moral para escapar das artimanhas do *mainstream*. *C.P.*

Incrível que tenha preciso uma independente esperta, a Bullet, para finalmente lançar aqui os **Cramps**. **LOOK MOM NO HEAD**, o último deles, não é tão incrível quanto os velhos, mas Poison e Lux imperam mesmo assim. *A.F.*

ELVIS é a trilha sonora de um especial de fim de ano que a NBC-TV exibiu em 68. **Elvis Presley** em interpretações especialmente legais de hits como "Jailhouse Rock" e "All Shook Up". O que mais pode-se pedir? *R.C.*

vermelho

Voando sobre a crise

Mulher pelada e guerra aos sertanejos marcam gol para o rock carioca

Na mesma época em que os decanos do rock enfrentavam a turbulência de críticas pela falta de agilidade criativa – a crise de meia-idade que assolou a "geração 80" – o Barão manteve-se em evidência fazendo exatamente aquilo que sempre fez: um rock'n'blues honesto e sem muitas concessões a modismos. Com isso eles conseguiram emplacar até mesmo nas rádios populares, marcando um dos poucos gols do rock brasileiro em meio à enxurrada brega-sertaneja.

Frejat tenta explicar esse momento do grupo: "O último disco tem uma parte acústica muito forte, que evidenciou o lado de canção que o Barão sempre teve, desde o primeiro LP. O público gosta muito de canções e para a gente é essencial ter essa coisa de melodia, harmonia e letra, os componentes da canção tradicional. *Supermercados Da Vida* é uma evolução desse conceito".

A preocupação primordial do Barão Vermelho é com o público. "Nós temos a consciência de saber para quem nos apresentamos. Não adianta fazer um show conceitual para um público de festival. Isso é ridículo", diz Frejat. "A gente gosta é de estrada, nossa vida é tocar ao vivo", emenda Guto Goffi, único remanescente da formação original do grupo, que hoje se completa com Fernando Magalhães (guitarra e vocais), Rodrigo Santos (baixo e vocais) e Peninha (percussão).

E como eles, que começaram quando o rock brasileiro ainda parecia inviável, estão vendo o panorama para as novas bandas?

"Uma das diferenças é que em 82 o rock brasileiro não era sucesso, em 92 ainda é sucesso", afirma Guto. "É super importante a permanência da gente para manter esse espaço do rock dentro do dial. Eu acho que essas pessoas que estão começando agora têm na cabeça o fim fonográfico. Todo mundo quer gravar um disco. Para as bandas que começaram na geração da gente, principalmente as primeiras, isso era totalmente distante. Nesse sentido rock'n'roll era uma coisa de coração — mesmo que eu tenha que tocar em barzinho é o que eu vou fazer", completa Frejat.

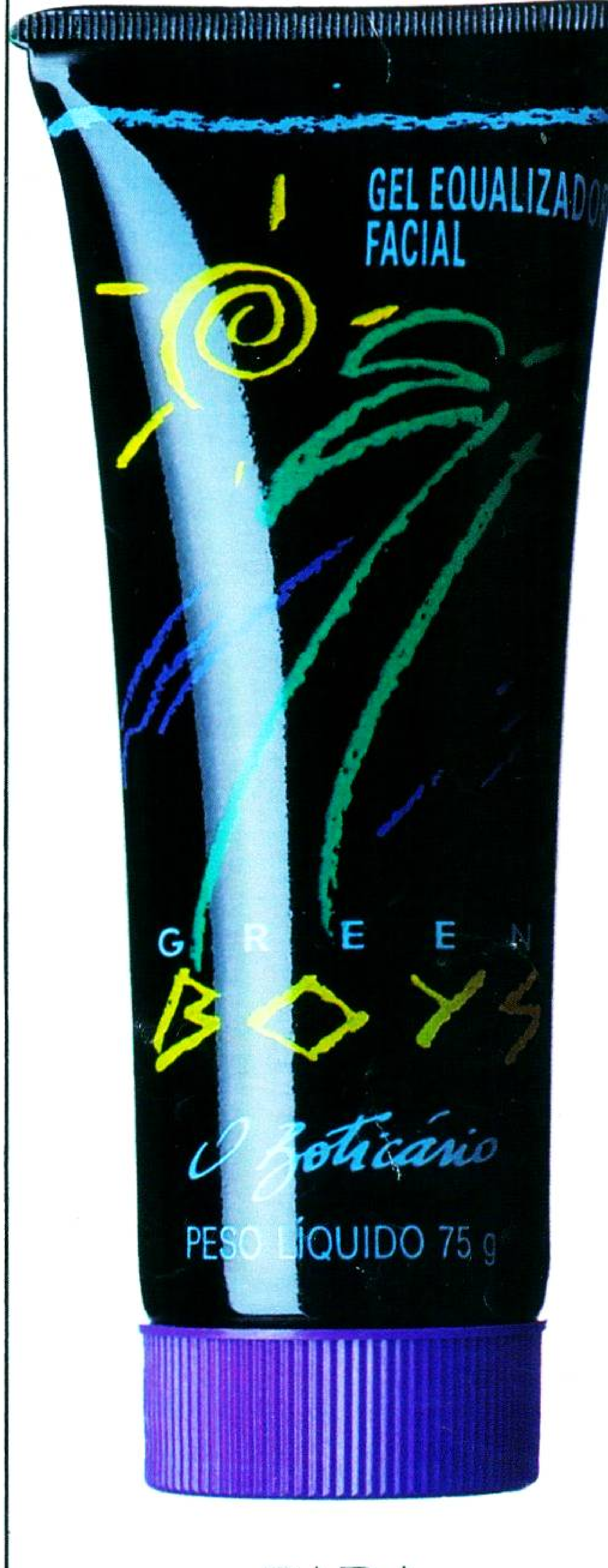
A julgar pela atual "seca" de lançamentos das gravadoras esse parece ser o destino dos aspirantes ao estrelato. A situação da própria Warner, berço do pop/rock na década passada e que agora cobiça a xaropada das concorrentes, é bastante emblemática. Frejat engrossa o coro dos que acreditam que os selos independentes podem ser a chave para essa renovação: "O mercado está reduzido a vender regionalmente ou para um público mais localizado, o que descomplica o sistema de distribuição, que sempre foi o maior problema para o independente no Brasil. Eu acho que essa é a grande salvação não só para o rock como para a música brasileira contemporânea. Hoje em dia as gravadoras estão completamente por fora, e olha que a gente fala isso estando dentro de uma delas. Cada vez mais as gravadoras se distanciam do público. O cara da independente está mais perto para descobrir as coisas".

Ressalvas apenas para as bandas que compõem em inglês alegando que o português não soa bem para o tipo de música que eles fazem.

Guto Goffi é quem assume a metralhadora do velho biplano escarlate: "Eu não acho que isso seja rock brasileiro, isso é brasileiro fazendo rock. O cotidiano do Brasil é a coisa mais heavy metal que tem, como é que não fica bem? Pagar mico em inglês é melhor que pagar mico em português? Tem um monte de gente pagando mico em inglês. O Ed Motta quer falar inglês mas não sabe".

E por falar em polêmica, o vídeo de "Pedra, Flor E Espinho" acabou beneficiado – como tudo que é proibido – pelo veto da Globo às cenas de nudez. Virou notícia! "Coincidiu com a época do *Calígula* na OM, que gerou uma onda de conservadorismo em cima das TVs. Os caras, pressionados, ficaram com medo de botar o nosso clip no ar. O mais absurdo foi que, uma semana depois, a gravadora apresentou o vídeo da Madonna, que tem ela totalmente vestida, dos pés à cabeça, e foi recusado porque era comportado demais."

Esse ano o Barão, que ainda participou do LP em homenagem à Raul Seixas e acaba de gravar "Back To Bahia", para o disco/songbook de Gilberto Gil, descarta o envolvimento em novos projetos, pelo menos de imediato. Para Frejat, as prioridades agora são o novo disco e a turnê *Fúria E Folia 92/93*: "A gente passou dois anos sem gravar e pelos próximos dois anos a preocupação tem que ser com esse disco". *CLÁUDIO CAMPOS*



PARA ADOLESCENTES COM ESPINHAS E VERGONHA NA CARA.

Se você morre de vergonha quando encosta seu rosto cheio de espinhas na face suave e sedosa de uma garota, não se desespere, meu amigo. Use Green Boys. Este é um gel que deixa sua pele macia e bem cuidada. Green Boys é muito natural. É o seu gel greenpeace.

O Boticário

ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR
TEL.: (041) 800-3011 LIGAÇÃO GRATUITA

Matt Anker/ Retna

napalm death

aula de ódio

Os reis do *death* voltam ao Brasil e João Gordo dá aleluia

Barulho? Apocalipse sonoro? Anti-música? Grindcore, hardcore, death core e outros *cores* mais que a mídia especializada inventou, não conseguem transmitir a fúria que o nome Napalm Death causa.

Utopia Banished, o novo disco dos caras, é uma aula de ódio. Suas 15 canções são obras-primas do noise. Está certo que da formação original não sobrou mais ninguém. O único membro mais antigo é Shane Embury, o baixista gordinho que tocou no lado B do 1º LP, *Scum*. A maior podreira já registrada em vinil.

O monstruoso Lee Dorrian, com seu vocal de gorila, saiu após perceber que o Napalm Death se comercializava rapidamente.

Radical, ele montou o Cathedral, dito *doom* metal, um som lento, arrastado e pesadíssimo, com pitadas de Black Sabbath. Ou seja, o oposto de sua proposta inicial.

O guitarrista Bill Steer saiu fora para montar o Carcass, outra podreira, depois de participar do EP *Mentally Murdered*.

Muitos pensavam que era o fim, mas em 89 eles pintaram em São Paulo para dois shows. Mark "Barney" Greenway substituiu perfeitamente Lee Dorrian nos vocais– o mais louco de todos–, Mick Harrise, na batera, e para surpresa de todos, dois novos guitarristas, Jesse Pintado (ex-Terrorizer) e Mitch Harris (ex- Righteous Pigs), deram mais peso e nova vida ao Napalm.

O público não entendeu bem quando no 1º dia eles tocaram quase somente músicas do LP *Harmony Corruption*, desconhecido aqui na ocasião. Resultado: a nova formação, com uma proposta mais death, não agradou a rapaziada.

Shane ficou preocupado. Chegou até a me perguntar por que o público estava frio? Será que eles não estavam gostando?

Disse-lhe para que tocassem mais músicas antigas. Então ele me pediu para fazer o set list do dia seguinte. Misturei música do *Scum* e do 2º álbum, *From Enslavement To Obliteration*. Maravilhoso! O 2º show foi um sucesso.

Após os shows no Brasil, eles partiram para uma escalada bem -sucedida, deixando rapidamente de serem uma banda underground. Poucos entendem como um grupo tão barulhento – e, provavelmente, o mais rápido do mundo – faz tanto auê.

Bem, no mínimo eles influenciaram toda uma geração, foram os primeiros e únicos no estilo. Graças a eles a Earache, um obscuro selo, passou a ser uma grande força no cenário independente inglês. Dando chance para várias bandas do mesmo naipe.

Logo após a gravação do home video, *Harmony Corruption* – outra obra-prima – Mick Harris, o louco vegetariano, deixa a banda por excesso de estrelismo, montando o vagaroso Scorn.

Agora sim é o fim, pensei...

Estava enganado. Danny Herrera, o novo batera, é muito melhor que Mick. Ele bate mais forte, dando mais definição e agressividade ao som da banda.

E agora, Napalm Death novamente no Brasil?

Se *Utopia Banished* é retumbante, imaginem o novo show. Perfeito!

JOÃO GORDO

Nino Andrés

peso endiabrado

A Europa se rende de novo ao metal mineiro

A cena death dos EUA tem Morbid Angel e Obituary; a Inglaterra, as emanações sulfurosas do Carcass; a Suécia rende-se ao abominável Entombed

Porém, em plagas brasileiras, quem responde pelo extremo dos extremos do setor é o quarteto mineiro Sarcófago. Ainda que muitas vezes injustamente ignorado por aqui, o grupo está prestes a se consolidar no exterior, graças ao licenciamento de seus LPs pelo selo Music For Nations.

O Sarcófago veste a camisa do death metal sem constrangimento, e, como ressalta o baixista "Gegê" Minelli, "nunca alteramos nosso som em função dos modismos".

A afirmação é sustentada pela brutalidade insular dos três álbuns gravados pela Cogumelo: *I.N.R.I.* (87), *Rotting* (89) e *The Laws Of Scourge* (91). Lá fora, sem esquema especial de mídia, *Rotting* já ultrapassou as 30 mil cópias vendidas. *The Laws* ... vai indo pelo mesmo caminho.

Além da boa acolhida por parte do público, o LP vem recebendo o aval da imprensa – numa cotação de 0 a 5, o mesmo arrancou três "K" de Sean Tyler, crítico da *Kerrang!*.

Tanto sucesso motivou o Sarcófago a brindar os fãs locais com a edição exclusiva do EP *Crush, Kill, Destroy*. Enquanto "Little Julie" e a faixa-título só eram disponíveis na versão inglesa do CD *The Laws Of Scourge*, as conhecidas "Midnight Queen" e "Secret Of A Window" reaparecem agora em remasterização digital.

E tome porrada!

ARTHUR G. COUTO DUARTE

Flavio Colker

Disco baby

Fernanda Abreu lança seu segundo disco e aclama o sampler como a melhor invenção desde a roda

A verdade seja dita: Fernanda Abreu foi uma das primeiras pessoas no Brasil a adotar a linguagem e a estética da dance music como base do seu trabalho e a fazer apologia da *disco* como a fonte suprema do divertimento. Ainda que a voz estivesse mais para Charo que para Cheryl Lynn, a ex-Blitz estreou com pé direito em sua carreira solo. Conquistou grandes espaços na mídia, emplacou pelo menos um hit nas rádios (o charme "Você Pra Mim") e abriu as perspectivas de um movimento de dance music produzida no Brasil.

Dois anos depois, o segmento dance (em suas infindáveis mutações) tornou-se um dos mais rentáveis do nosso combalido mercado musical, o Chic ressurgiu das cinzas com um certo movimento neo-*disco* e até Donna Summer trouxe sua "last dance" ao Brasil. Em meio a tudo isso os poucos lançamentos locais levaram um fim melancólico.

É dentro desse panorama que Fernanda Abreu está disparando seu novo LP: *Be Sample: SLA II*. Um título que, segundo ela, resume com precisão toda sua proposta!

"'Be sample' é um trocadilho com 'be simple', ser simples, na verdade da vida ser um sampler. Desde que você nasce vai acumulando uma porrada de informações e é como se o sampler fosse uma extensão do seu cérebro e você pudesse materializar essa informação num instrumento. Finalmente você pode colocar numa música suas influências de uma maneira direta. É um conceito muito novo, mas a arte é feita dessas transgressões. Se o Dali quer botar bigode na Mona Lisa, tudo bem, não tem que ficar pedindo autorização para isso. Nunca vi o sample como um roubo, acho que em arte ninguém é dono de nada. Toda idéia provavelmente se inspirou em outra coisa. A citação faz parte do processo artístico."

Fernanda Abreu confessa não estar acompanhando muito as últimas tendências do universo dance. Ela não faz um som projetado para acompanhar o ritmo vertiginoso dos lançamentos internacionais para pista de dança. Talvez nem conseguiria se quisesse. Mas ao realizar um trabalho autoral, mantendo-se fiel às suas influências e convicções ela mostra porque ainda vale a pena se falar de música pop dançante no Brasil.

CLAUDIO CAMPOS

Nos anos 80, a consagração dos yuppies fez com que homens e mulheres se transformassem em verdadeiros anúncios ambulantes. Num delírio de ostentação, quem não usasse a marca certa, bem exposta, quase uma placa de identificação, não tinha acesso aos lugares "certos", com as pessoas "certas". O importante não era o recado que se deixava escrito, mas a caneta que escrevia o recado.
Os anos 90, ao que parece, vão se transformar exatamente no oposto. O que mata a sede é a bebida, e não a garrafa. Saber se exibir é saber ser discreto. Ninguém mais quer vestir um rótulo. Não existe mais bula para andar na moda. As pessoas sentem que o cargo não faz o homem, que o hábito não faz o monge e o que interessa é colocar o seu jeito de ser na roupa que vestem.
Jô Soares.
JEANERATION
TEM UM TIPO QUE É O SEU TIPO.

Jaqueta de sarja.
Mais duas cores básicas,
além da padronagem
preta.

Vestido chambray.
Um dos 63 modelos de
verão da linha feminina
Jeaneration.

talent
Cotton lycra.
Um dos 7 modelos,
numa das 10 cores.
T-shirt básica.
Em 10 cores.
ATION
É O SEU TIPO.
Lojas exclusivas
Jeaneration: São Paulo,
shoppings Iguatemi,
Ibirapuera, Morumbi e
Continental. Florianópolis,
Shopping Itaguaçu.
Natal, Natal Shopping.
Araraquara.
E nas lojas autorizadas
em todo o Brasil.

DO OUTRO LADO DO MUNDO

Possessão demoníaca, poções feitas de sangue e fãs kamikaze na rota oriental do Sepultura

Começamos a etapa oriental da turnê *Arise* chegando em Los Angeles e sendo acordados na mesma noite pelo terremoto que atingiu a cidade. Cinco da manhã: o quarto inteiro tremendo, com os quadros e lustres prontos para cair da parede!

Seguimos para a Nova Zelândia, onde fizemos um bom show de aquecimento, para um público de aproximadamente duas mil pessoas . A diversão de nosso primeiro dia livre foi saltar de *bungee jump*, de um guindaste próximo a um rio em Auckland.

Próximo passo, Austrália. Os shows por lá já foram com maior público. Tanto que fomos obrigados a trocar o local por um maior, tamanha a massa de gente. Em Melbourne e Sídnei tivemos uma média de cinco mil pessoas em cada show.

Chegamos em Jacarta, Indonésia, no dia 6 de Julho. O aeroporto lotado de fãs e policiais que, de cara, prenderam nossos passaportes. Depois acabaram tendo de nos escoltar até o ônibus. Já havíamos sido notificados que os fãs da Indonésia eram completamente chapados.

No hotel, antes do show, ainda estávamos sem os passaportes e sem nenhuma explicação do que estava acontecendo. E, ainda por cima, nossa próxima missão era uma reunião com a censura da Indonésia. Um tipo de *Expresso da Meia Noite*, com membros da Inteligência Militar, Departamento de Turismo, Imigração e do Departamento de Informação da Indonésia.

Eles estavam com os passaportes e, depois de mil perguntas, pediram que o Andreas mostrasse como a banda se comportava no palco. Foi a coisa mais estranha que vimos, mas era muito importante para a realização do show.

Eles nos disseram que era proibido mostrar nossas tatuagens e nos obrigaram a assinar um documento no qual éramos responsáveis por qualquer coisa que acontecesse de errado durante o show, podendo ser julgados e condenados!

Não tínhamos outra opção, quinze mil ingressos já haviam sido vendidos antecipadamente.

Depois de sermos forçados a assinar os documentos, eles finalmente nos devolveram os passaportes.

À noite, a diversão começa. Os organizadores do show nos disseram que estávamos indo a uma festa que, mais tarde, descobrimos ser um verdadeiro ritual.

Fomos levados à mansão do sr. Setiawan Djody, que organiza esse tipo de festas para amigos como David Bowie ou Mick Jagger.

O agito começou com uma jovem carregando uma cesta cheia de cobras najas vivas, que logo passou a cortar as cabeças de algumas delas com um machado, espremendo o sangue dentro de alguns copos cheios de um estranho licor preto.

Alguns convidados nativos da festa beberam a primeira rodada — acredita-se que bebendo esse drinque chamado "Debuc", você adquire força e sabedoria. Acabamos não resistindo e o Andreas, junto com o Nino, nosso operador de som, e Gloria, nossa empresária, acabaram bebendo o "Debuc".

Eu não sei se eles ganharam força e sabedoria mas, com certeza, azia e vômito sim!

Na seqüência, fomos convidados a entrar no salão da casa, onde haviam preparado uma *jam session* . Acabamos detonando algumas covers, tipo Black Sabbath, para um público bem diferente do nosso.

Começou a hora tão esperada da noite, o ritual que todos tanto comentavam conosco antes da festa.

Com uma música bem típica da Indonésia ao fundo, um dos homens começa a se cortar inteiro com uma faca, mastigando e engolindo alguns copos de vidro e algumas lâminas de barbear. Outro homem, aparentemente possuído por um espírito, começou a se espetar inteiro com uns espetos de uns 30 cm, atravessando totalmente partes do corpo como a língua, o pescoço, pernas, braços e nariz, demonstrando uma expressão de imensa dor, e acaba fazendo uma espécie de reza e controlando a dor.

Depois colocaram uma toalha na cabeça de um moleque de uns dez anos e atearam fogo, fritando um ovo e mostrando para todos da festa que o ovo realmente havia sido frito na cabeça do pobre menino.

O ritual termina com todos eles derramando um tipo de ácido no corpo e agradecendo aos deuses pelo poder de controlar a dor.

Feriado em Jacarta. Descobrimos que Kadafi em pessoa estava visitando a cidade e havia trazido seu próprio camelo para beber o leite numa espécie de cerimônia.

Chegamos ao estádio Lebak Bulus escoltados pela guarda presidencial. Passamos o som de tarde e já havia bastante gente fora do estádio, pelo barulho que escutávamos .

"Colocaram uma toalha na cabeça de um moleque de uns dez anos e atearam fogo"

O show foi caótico como esperado e com um público de trinta mil pessoas. A polícia tentava acalmar a massa que estava bem agressiva. Só para se ter uma idéia, o último show com um público tão grande foi o Deep Purple em 75, onde aconteceu o assassinato do empresário da banda!

No dia seguinte, os jornais locais elogiaram o show e ficamos sabendo que os New Kids On The Block e Europe tocaram , cada um, para dez mil pessoas. Isso logicamente nos deixou fodidamente orgulhosos.

Fomos direto para Surubaya, onde realizaríamos o segundo concerto da Indonésia.

Ouvimos falar que seria mais louco que Jacarta e que as vendas antecipadas de ingressos já beiravam os trinta mil.

Com um dia sem show, decidimos fazer uma sessão de fotos, já que a ilha é lotada de templos. Na maioria deles havia uma espécie de suástica que, só depois fomos descobrir, é um dos símbolos da religião local.

Mais alguns templos, como o de Tanah Lot, que fica na praia e tem um visual fantástico, e já estávamos a caminho de volta para Jacarta. Já era noite e o próximo dia prometia ser agitado.

Começamos o novo dia com uma visita ao *Surabaya Post*, principal jornal da cidade, onde recebemos pela primeira vez um disco de ouro (na verdade uma fita de ouro, já que na Indonésia não se fabricam LPs) — por termos vendido acima de 25.000 cópias de *Arise*.

O pessoal do jornal armou um palco e, com a presença de cerca de 1.500 fãs, recebemos o prêmio e fomos direto para o estádio fazer a passagem de som.

Antes do show, fomos avisados que cinqüenta mil pessoas já se encontravam no estádio e umas dez mil estavam do lado de fora tentando entrar. Resultado: dez carros foram queimados por fãs que não conseguiram assistir ao concerto.

Lá dentro o show rolou normalmente, com um público louco como o esperado. Acabamos a apresentação com o Igor chutando a bateria de cima do palanque e com o resto da banda destruindo pedestais e monitores no palco.

Fim caótico para um show caótico. "Nada melhor do que terminar o show desse jeito", desabafa a banda nos camarins logo após.

Os jornais mais uma vez publicam que os shows foram um sucesso, mesmo com toda a confusão que rolou. Parece que eles já estão acostumados com tumultos e coisas do tipo.

Na manhã seguinte, antes de sairmos do hotel, encontramos alguns fãs que, pelo jeito, haviam dormido na porta do hotel, e ganhamos deles uma faixa que dizia "Sepultura Come Back"!

Daí para o Aeroporto. Próxima parada,

"Na Indonésia nos proibiram de mostrar as tatuagens"

Japão! Os dois shows que fizemos por lá já haviam esgotado os ingressos, mesmo antes de sairmos do Brasil.

Chegamos em Tóquio e tivemos já um primeiro dia com muitas entrevistas e quase sem tempo de conhecer nada.

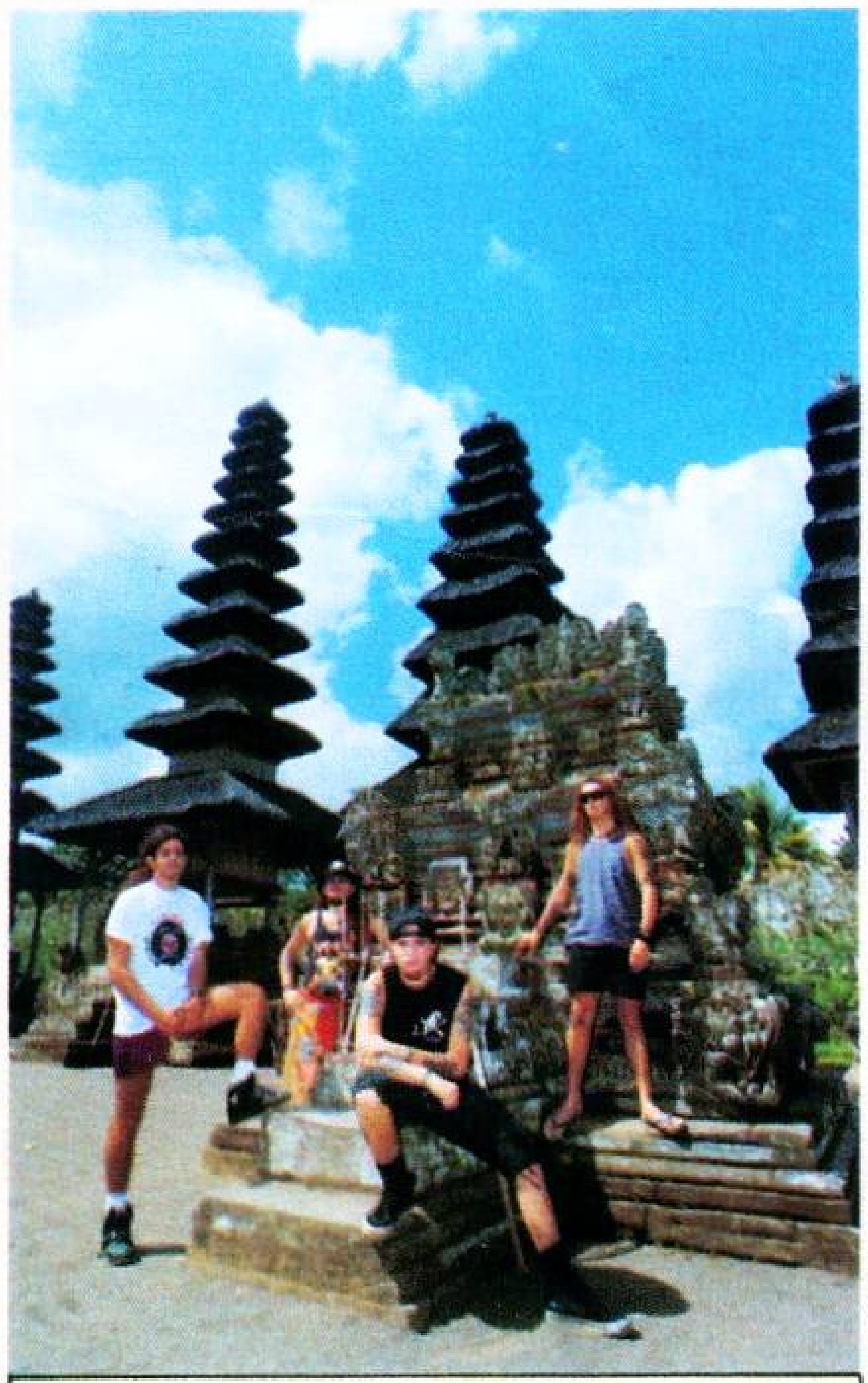
No dia seguinte, todos foram dar umas voltas por Tóquio e acabamos descobrindo que eles não são muito chegados em pessoas com tatuagens. As pessoas olhavam meio estranho pra gente. Talvez pensassem que éramos membros da Yakuza, que têm o corpo coberto de tatuagens e costumam cortar os dedos da mão como pacto.

Também descobrimos que a nossa entrada na piscina do hotel era proibida devido às tatuagens, mais uma vez!

Ao chegarmos ao local do Show começaram os problemas com a segurança local. Eles queriam que a barreira que separa o público do palco fosse colocada a cinco metros do palco. Ridículo!

Depois de duas horas de discussão, acabamos conseguindo mover a barreira para um metro do palco, distância a qual estamos acostumados em lugares para 1.500 pessoas.

O show correu normalmente, até calmo demais



se comparado com a Indonésia, mas o público se mostrou muito animado, principalmente com algumas novidades que tocamos.

No dia seguinte, pegamos o famoso trem bala e fomos para Osaca, onde faríamos o último show no Japão. A agenda local começou com uma sessão de autógrafos na Tower Records.

Com um público mais animal que o de Tóquio, o show de Osaca foi mais energético e com o público agitando bastante.

Terminamos a turnê no Japão com um passeio turístico e logo estávamos no avião para Honolulu, no Hawaí, última etapa da turnê.

Depois de tanta zoeira, o Hawaí foi mais como uma semana de férias com um show no meio. Visitamos alguns vulcões, praias, lugares típicos...

O público é parecido com o da Califórnia e o show foi bem legal.

Assim terminamos a missão no dia 27, quando pegamos o vôo de volta para L.A. e de lá para o Brasil, onde terminamos a turnê *Arise*, num total de 152 shows entre Europa, Américas do Norte, Central e Latina, Ásia e Oceania.

Até a próxima Tour!

MAX CAVALERA

ROCK E POLÍTICA

Toda vez que nossos desejos permanecem irrealizados por muito tempo, o rock volta a fazer sentido. Aqui, os momentos em que música e política se namoraram de maneira explícita

"Para tudo/ gire, gire, gire/ aviste uma geração/ gire gire gire/ e um tempo para cada coisa debaixo do céu" "Turn Turn Turn", *The Byrds*

"Será que a música está pedindo um rio de sangue?" "Corner Soul", *The Clash*

Rock'n'roll é sobre sexo. Sexo, e seu companheiro ideal: a falta do que fazer. O diabo, pai da preguiça, também é progenitor do rock: essencialmente, inequivocamente, continuamente, a música fala aos baixos instintos, ao animal debaixo da pele da civilização.

É por isso que ele foi sempre tão temido: na América puritana dos anos 50 ou na União Soviética puritanamente comunista dos 50, 60, 70, 80; no Chile de Pinochet, na China de Mao e no Brasil dos generais. Porque ele fala de prazer, e prazer é poder.

Eventualmente, ocasionalmente, esse discurso, esse canto, esse batuque se expressa em outras palavras mais claras, mais aceitáveis mas nem por isso menos perigosas. Em momentos e circunstâncias muito específicos de sua longa história – mais longa que todos os envolvidos poderiam supor – rock e política se namoraram de modo decisivamente explícito.

E nem sempre a favor das forças do progresso, embora sexo seja algo tão iluminador: há rock atrás de muito skinhead preconceituoso, de muito imperialista ganancioso, de muito machista ignorante, de muito racista estúpido. Rock, por ser extremo, gera tanto generosidade desmedida (e ingênua, até) quanto intolerância cega. Política, como sexo, é território das paixões regido mais por Vênus que por Apolo, mais pela terra que pelo sol, mais pela deusa que pelo Deus. E é aí que o rock se sente mais à vontade.

Flagramos aqui os momentos em que o rock falou mais claramente de política como força de progresso e não como agente da reação, porque das baixarias tanto da política quanto do rock já se fala e já se ouve bastante (basta ligar o rádio. Quantas canções estão lá só para fazer o ouvinte dormir e não para despertá-lo?)

Não são momentos estanques: a história é um contínuo, já diziam os antigos, e não há por que discordar deles. Woody Guhtrie vive em Billy Bragg, Bob Marley está escondido no rap do Arrested Development e Woodstock se transformou em Lollapallooza. Temos ainda os mesmos anseios comuns: felicidade, justiça, trabalho, preguiça e prazer. Toda vez que nossos desejos permanecem irrealizados por muito tempo, o rock volta a fazer sentido.

ANOS DE ESTRADA 1900 — 1955

Nossos antepassados históricos, ali pelo delta do Mississipi, conheciam basicamente o poder do blues como instrumento de sedução. É curioso que o blues seja visto, hoje, como uma forma

Fotos: Público do Woodstock (Joseph Sia/Retna), John Lennon (Lawrence Kirsch/Retna), Sex Pistols (Paul Slattery/Retna), Bob Marley (Paul Slattery/Retna), Marvin Gaye (LFI), Bob Dylan (Michael Ochs/LFI), Woody Guthrie (UA). Ilustração: Maria Amélia

musical respeitável, solene e até vetusta – em sua essência ele é o sempre foi música de sacanagem. Sem vergonha e sem problema.

Com uma boa lente de aumento, contudo, acham-se traços da realidade social, racial e política dos anos 20, 30 e 40 nos blues profundos de Robert Johnson, Howlin' Wolf e Muddy Waters, nas baladas itinerantes de Leadbelly: histórias de tuberculose, bóias frias e cidades segregadas, alcoolismo, desemprego, miséria e fome.

Canções explicitamente "políticas", ou seja, com o objetivo expresso de comentar os fatos da época e animar/informar as massas, aparecem no período da Grande Depressão da década de 30, e concentram-se na figura do grande trovador dos descamisados, Woody Guthrie.

Armado com um embornal surrado e um violão caquético inscrito com os dizeres "esta é uma máquina de matar fascistas", Guthrie foi, talvez, o último dos cantores políticos americanos a viver o que cantava e a cantar o que vivia: não do alto das colinas de Hollywood ou dos arranha-céus de Manhattan, mas ao longo das estradas poeirentas que levavam os órfãos do sonho americano, sem casa e sem trabalho, de Oklahoma à Califórnia, do Kentucky a Minnesota.

Antes de existir rock, Woody Guthrie já fazia canções políticas contra a Grande Depressão dos anos 30

Três décadas depois, um menino magrinho da Universidade de Minneapolis, após ler pela décima vez o livro de memórias de Woody, *Bound For Glory*, empacotou sua guitarra e seus pertences de estudante e deu adeus aos colegas dizendo que ia visitar Guthrie, então um velhinho semi-paralisado pela doença de Huntington num hospital de Nova York. O rapaz se chamava Robert Zimmerman, nome logo mudado para Bob Dylan.

ANOS DE SONHO
1956 — 1967

Sem contar os batuques em bongôs e os uivos existenciais dos beatniks, a tradição do canto politicamente explícito de Guthrie e seus contemporâneos (Leadbelly, Hank Williams) pode ser encontrada, no final dos anos 50 e início dos 60, nos campus das universidades americanas e nos bares de Greenwich Village, em Nova York. Estava disfarçado sob o rótulo de folk, folk rock ou, como a imprensa da época gostava de chamar, "canção de protesto".

Essencialmente, a cena congregava jovens brancos, de educação superior e confortável situação familiar, que haviam crescido com os sons de Guthrie e sua geração. Através deles haviam aprendido a gostar da música americana de raiz – *bluegrass*, blues rural – e seus flagrantes sem retoques da realidade social e política de um país que nunca foi exatamente tão próspero ou tão igualitário como quer acreditar.

É para esta cena, onde pontificavam Peter Paul and Mary, Pete Seeger e a musa suprema, Joan Baez, que Bob Dylan gravitou ao chegar em Nova York em 1961.

Dois anos depois, Dylan já era o maior astro que o estilo havia produzido e até hoje, no óbvio ocaso de sua carreira, ele ainda é basicamente lembrado como o homem que elevou a "canção de protesto" acima da vala comum da simples adoração às raízes folk. O canto de Dylan, inicialmente, era uma cópia descaradamente sincera de Guthrie, Williams e dos *talking blues*.

Paulatinamente, contudo, à força de sua poesia imaginativa, Dylan criou um mundo que se parecia muito mais com a América urbana dos anos 60 que com o campesinato mais ou menos idílico dos anos 30.

Suas canções eram mais interessantes que as de Guthrie e Seeger porque, ao invés de protestar, perguntavam: "Quanto tempo até a paz?" "A quem servem os mestres da guerra?" "Você não entende este mundo, entende, Mr. Jones?" Curiosamente, o rock que se desenvolvia ao redor de Dylan e da cena folk era rigorosa e deliberadamente apolítico, uma retomada tanto da sacanagem blues (Rolling Stones) quanto da alegria pop (Beatles, Who) em nova roupagem. Foi o contato, em 65, entre Dylan e os Beatles – especialmente o núcleo de Lennon & McCartney – que infeccionou as duas facções, politizando o rock e eletrificando o folk, com resultados curiosos e irreversíveis.

À margem do mundo branco do rock, contudo, o movimento pelos direitos civis dava origem a um novo estilo musical que viria a ser conhecido como soul music.

Sua agenda política era, inicialmente, invisível mas nem por isso menos eficiente – o objetivo era tentar o até então impensável *crossover* da música negra para o público branco, mas sob o controle de artistas, empresários e produtores negros. O imenso sucesso de artistas como Aretha Franklin, Marvin Gaye, The Temptations, Jackson Five, Stevie Wonder e Otis Redding, mesmo sem canções explicitamente políticas, é um triunfo dos direitos civis em forma de música.

ANOS DE LUTA 1968 — 1975

Os idílicos "anos 60" do mito terminaram com três assassinatos – dos irmãos Kennedy, John e Robert, de Martin Luther King – e uma guerra que nunca conseguiu ser entendida ou apoiada nem pelo povo americano nem pelos seus aliados, a do Vietnã.

A partir de 68, as coisas se radicalizaram não apenas na América mas em todo o mundo ocidental – e, de um modo ou de outro, estes assassinatos, esta guerra e as idéias implícitas neles estão na raiz comum dos fatos culturais extraordinários que marcam o fim da década de 60. Não seria uma licença histórica muito grande considerar toda a música pop deste período – notadamente o período 68/71 – como intrinsecamente política. Mesmo quando não dito claramente, seu discurso era um só – dê as costas, caia fora, crie sua própria realidade, não participe do mundo que gerou os assassinos (de pessoas, de idéias).

> **Todo o pop de 68 a 71 é político, à sua maneira – de Stones e Beatles a Marvin Gaye e Jimi Hendrix**

Nesta fase até os maiores *party boys* do rock'n'roll, os Stones, houveram por bem louvar o guerrilheiro urbano ("Street Fighting Man") e os Beatles interromperam seu desbunde lisérgico para discutir (ainda que de forma indecisa) a revolução ("Revolution"). Entre baladas militantes (como "Ohio", do Crosby Stills And Nash) e uma vasta obra-prima de atributos visionários (o álbum *What's Going On*, de Marvin Gaye, que contém a primeira canção de preocupação ecológica, "Mercy, Mercy"), a grande gema política do período talvez seja uma peça musical sem letra alguma.

É a desconstrução do hino nacional americano por Jimi Hendrix. Ela foi aperfeiçoada ao longo de vários concertos (inclusive um na ultramilitante universidade de Berkeley, que viria a ser várias vezes sitiada pelas tropas da Guarda Nacional Americana) e afinal apresentada, em toda sua fúria gloriosa, no histórico festival de Woodstock, em 69.

De Woodstock em diante, a gana *drop-out* do rock perde rapidamente seu lustro político e vai-se afundando num marasmo de autocomplacência do qual só despertará na marra pela gritaria punk. Uma exceção teimosa seria John Lennon, que fez nos anos 70 seu trabalho mais discursivo e engajado.

Significativamente, contudo, a muitos e muitos quilômetros de Woodstock, Berkeley ou Londres, as sementes combinadas do soul, do rhythm'n'blues, dos direitos civis e do desbunde se entrecruzavam para produzir a forma mais original de pop político – o reggae jamaicano.

Personificado em Bob Marley, o reggae combina elementos do visionarismo hippie – o dar as costas à sociedade do consumo, a volta à natureza, o louvor da preguiça como antídoto à ética puritana do trabalho – com a munição pesada da luta contra o racismo. Adiciona ainda elementos novos de conotação religiosa, oriundos de uma leitura sui generis – e politicamente engajada – do Velho Testamento.

No universo do reggae os africanos são o povo escolhido por Deus e sua história é a da luta pela volta a uma Israel mítica, livre dos grilhões da pobreza e do racismo, distante da Babilônia dos opressores – os donos de escravos, os exploradores do trabalho alheio, os assassinos de homens e idéias.

ANOS DE CAOS 1976 — 1984

O punk surgiu, na Inglaterra, do desemprego em massa semi-subsidiado pelo Estado (de novo o demônio da preguiça, pai do rock) e das butiques de Malcolm McLaren. E nos Estados Unidos, da abundância classe-média dos anos 70, das garagens grandes para três carros e das pistas de skate.

Como no pique do rock furioso do final dos anos 60, não seria exagero chamar todo e qualquer urro emitido entre 76 e 79 de música política: contra a autocomplacência do próprio rock, contra o elitismo da indústria musical, contra a manipulação das massas, contra o trabalho vão e estéril, contra o sexismo, o racismo, o classismo. Anarquia, enfim, doce e ansiada, cantada em verso e berro pelos Sex Pistols.

O rescaldo do punk e o endurecimento da realidade social, racial e política do Primeiro Mundo refinaram esse urro. Nos Estados Unidos, Reagan e sua política de elite aguçou e polarizou bandas como Dead Kennedys – de onde Jello Biafra emergiria para uma carreira abertamente política –, Black Flag e X. Na Inglaterra, as pressões de uma sociedade multirracial exigiam tomadas de posição como as do ska militante e o *unity rock* do Beat, Selecter e Specials.

Mas a grande voz política ainda é a do Clash. Num trio de álbuns incandescentes – *Give 'Em Enough Rope*, *London Calling* e *Sandinista* – elevou o brado punk da garagem à linha de frente do comentário social. Da Guerra do Vietnã à revolução na Nicarágua, do desemprego às tensões raciais de Londres, nada permanece sem comentário no repertório do Clash – um verdadeiro manual de rock politicamente explícito.

ANOS DE RETOMADA 1985 — 1992

O ano de 85 traz um marco na politização do rock: o concerto *Live Aid*, quando uma verdadeira constelação de astros se reuniu, ao vivo e via satélite, para levantar fundos para as vítimas da fome na Etiópia. O concerto traz em si a planta para a retomada política do rock na virada da década: global, high-tech, segura e confortável.

Global: as causas agora não são mais apenas as da América ou da Europa Ocidental; florestas da Amazônia, povos em extinção na Somália e conflitos étnicos na Àsia Menor são todos dignos das atenções da nova elite pop. Um subproduto desta nova militância global é o surgimento da chamada *world music*, um termo extremamente dúbio que em geral significa "tudo aquilo que não é pop produzido por anglos" (o gênero, na verdade, pode traçar suas origens diretamente a partir dos festivais panculturais Womad organizados por Peter Gabriel desde o final dos anos 70).

> **Pela primeira vez desde os anos 60, quem tem 18 anos deve encarar escolhas duras e radicais**

High-tech: dispense-se os violões caquéticos e as botas furadas de Woody Guthrie – o novo paladino dos fracos tem agora a seu dispor satélites, videoclips e comunicação instantânea com as massas (que, aliás, são cada vez maiores).

Segura: causas "complicadas" como feminismo, direitos gay e posicionamento político à esquerda do espectro podem ser evitadas sem prejuízo para a imagem engajada moderna. Causas tipo unanimidade internacional abundam: florestas tropicais (desde que em solo alheio), espécies animais em extinção, ecologia de um modo geral, miséria e fome no Terceiro Mundo são todas boas pedidas.

Confortável: o novo paladino pop não precisa mais dedicar sua carreira, integralmente, à militância. Na verdade, ele não precisa nem cantar a respeito das causas que defende – não mais que uma ou duas canções, em geral feitas sob encomenda para álbuns beneficentes, serão o suficiente para garantir sua inscrição no clube. E, é claro, o impacto positivo dessa militância ocasional (e bem divulgada) sobre o restante da carreira comercial do artista é interminável. Não é difícil descobrir alguns do maiores ícones dos anos 80/90 sob este disfarce de cruzado moderno: Sting, U2, Sinneàd O'Connor, REM, Bob Geldof e muitos, muitos mais.

Rap já é outra praia, infinitamente mais perigosa, por misturar elementos muito mais combustíveis: o radicalismo militante de Malcolm X e dos Panteras Negras (e não a militância educada de Martin Luther King), as lições crossover do soul, o charme maldito do próprio rock'n'roll em sua primeira hora.

Grande parte do rap é – como o rock já foi – apenas juvenilmente malcriado. A parte engajada, contudo, não tem papas na língua: Public Enemy, KRS 1, Arrested Development, Queen Latifah.

Ice T, Ice Cube e NWA têm um perfil dúbio. Por trás da fachada agressivamente política esconde-se, na verdade, um desejo de chocar que tem mais a ver com subir na vida sem fazer força que qualquer outra coisa.

O FUTURO: PODE-SE CHEGAR LÁ A PARTIR DAQUI?

O mundo está passando, hoje, por uma encruzilhada tão complexa e definitiva que a não politização da música é praticamente impossível. O fim da guerra fria deixou o planeta sem polarizações mas com tensões ainda mais dispersas e maiores. Ao Primeiro Mundo é cada vez mais impossível ignorar o abismo econômico e social que o separa do Terceiro – mesmo porque as multidões de imigrantes que pulam este abismo diariamente estão tornando essa divisão cada vez mais irrisória.

E, se não temos mais bombas atômicas para nos destruir, temos a ameaça de um cataclismo ecológico, o buraco na camada de ozônio, a Aids. Infelizmente, o repertório de horrores de que é capaz a raça humana não cessa de se renovar.

Até os anos 80, as gerações se sucederam sob o abraço amplo e sacana do rock, acreditando que tudo seria como antes. Não mais. Pela primeira vez desde a geração dos anos 60, quem chega aos dezoito anos no início dos 90 tem que se deparar com escolhas duras e radicais.

A música da nova década tem obrigatoriamente que falar disso. De um modo ou de outro. A turnê Lollapallooza, que há dois anos atravessa os Estados Unidos como uma mistura de circo, Woodstock e comício, talvez seja o maior indicador do novo papel que o rock pode vir a ter no final do século. No final do milênio. Se chegarmos lá.

ANA MARIA BAHIANA

Stills

Eu, AXL

Entrevistão Especial em duas partes

O telefone tocou. Era Blake, secretário pessoal de W. Axl Rose, perguntando se eu estava pronto para uma entrevista com o arisco e polêmico líder do Guns N'Roses. Apesar de estar ocupado com outros projetos, não sou bobo de passar essa bola para outro. Mas Blake fez um pedido pouco usual: em vez de uma conversa cara a cara, Axl queria fazer a entrevista por telefone. Meio incomum, mas não problemático. Data e hora foram agendadas.

O que se segue é a nossa conversa-maratona. Em vez de uma entrevista formal, é mais como se o leitor fosse convidado a escutar um bate-papo. Conheço Axl da mesma maneira que qualquer um pode conhecer Axl. Tenho orgulho de considerá-lo meu amigo, e por isso mesmo não tenho medo de dizer a ele o que sinto ou se ele está sendo escroto. Não, não vou publicar o número do telefone dele. Mas se você quer entrar no jogo, sente-se perto do telefone e espere pacientemente (claro que ele se atrasou para ligar; goste ou não goste dele, o homem é coerente). Imagine o telefone tocar e tire-o do gancho...

É meio estranho fazer a entrevista pelo telefone.

Você sabe porque eu quis fazer desse jeito? Algumas vezes as pessoas dizem coisas mais pesadas pelo telefone do que fariam pessoalmente. Então achei que seria legal dessa maneira, principalmente porque estou tentando manter minha privacidade. Posso fazer isso no meu próprio espaço, e só falar.

Eu tenho cinco fitas de 100 minutos, então podemos conversar até derreter.

Certo.

Mesmo te conhecendo bem, ainda leio artigos em revistas para saber o que é dito sobre o Guns N'Roses e, em particular, sobre você. As última entrevista com alguma substância foi a de Kim Neely na *Rolling Stone*, mas você ainda está em todas as revistas. Leio coisas que nada têm a ver com o GN'R, artigos onde você é comparado a Adolf Hitler ou algum outro tipo de demônio, somente para pôr um tempero no artigo do jornalista.

Acho que há um grande medo do desconhecido, e o meu novo lance é "Eu sou o desconhecido".

Parece algo que o Stephen King diria. Por que você é o desconhecido, e por acaso você é assim de propósito?

Sim, parcialmente, estou tentando não me expor demais. Negatividade vende, e a mídia sabe disso. "Axl Rose é o bandido do rock'n'roll". Existe um monte de pessoas que achava que os Rolling Stones não deveriam existir, que falou merda sobre eles. Agora nós somos ***enormes***, e parece que as pessoas que fazem mais barulho são as que não gostam de nós. Elas pegam qualquer pedra e jogam na gente. Quando leio que o Guns N'Roses é a trilha sonora perfeita para David Duke (*político americano de extrema-direita*), isso me machuca. Eu não estou nem aí para David Duke. Não sei nada sobre o cara, exceto que ele era membro da Klu Klux Klan, e isso é uma merda. Existe um monte de gente que escolheu usar aquela música ("One In A Million") pelo que imaginam que o som queira dizer. Se eles detestam negros, eles vão escutar minha música e detestar os negros ainda mais, mas me desculpe, não é isso que eu quis dizer. Nossa música afeta as pessoas, e isso assusta muita gente. Penso bastante naquela música. Mais do que em qualquer outra música há muito tempo, ela trouxe à superfície certas coisas, acendendo uma discussão de como as coisas são fodidas.

Outra razão porque tenho ficado na moita é que estou tentando dar um tempo para o nosso sucesso sobreviver, e assumir responsabilidades pelo nível em que estamos. Eu não tinha energia suficiente para ficar em contato com a mídia. Em vez de ficar me relacionando com a mídia, tenta-

“Eu pensava: Por que será que as pessoas estão gostando? Serão as mesmas que me detestavam?”

va crescer em meu próprio espaço. Precisei fazer isso nos últimos anos. Levou anos para ultrapassar o sucesso de *Appetite For Destruction* . Eu pensava: “Por que será que as pessoas estão gostando de nós? Serão as mesmas que me detestavam?”

Existem muitas pessoas que têm medo do que pensam que eu poderia ser. Elas vêem o poder da música e das palavras, elas vêem as reações das pessoas à nossa música, e a reação natural é culpar a pessoa que faz a música. Não sou necessariamente responsável por essas reações. Eu escrevo, e a banda toca; isso vem do coração. Em nossas músicas mostramos situações em que estamos realmente fodidos, mas damos a volta por cima, e as pessoas assimilam a idéia de sobreviver aos obstáculos.

Eu estava assistindo hoje esse lance de “desmetalizar” os garotos. Tudo o que os pais sabem é que se eles vêem o filho ouvindo Ozzy Osbourne, tomando ácido e pintando cruzes de cabeça para baixo nas paredes, e os pais não sabem o que está acontecendo com ele, ou ela. Então concluem que a culpa é do Ozzy.

Então você está sendo culpado pelas cagadas da próxima geração?

Isso de acordo com os pais, ou de quem quer que seja. Existem muitas pessoas que não entendem ou não sabem manejar a rebelião de seus filhos.

É isso aí. Assumir responsabilidade pelas próprias ações e, se você tem um filho, responsabilidade pelas ações dele, é bem duro.

Especialmente uma responsabilidade que parte de nós nunca quis realmente, e que agora tem.

Porque o mundo tem uma concepção errada de você, especialmente sobre você ser um drogado?

Por acaso Bill Clinton não levou o maior cacete por ter admitido que ele experimentou maconha? Isso é besteira. O GN'R chegou ao topo da montanha escalando um monte de merda que sempre jogaram em nós. Estamos vivendo desse jeito, vivendo nossas músicas, e isso começou a nos matar. Era mudar ou morrer. Certas pessoas que viram que temos controle sobre nós próprios, controle sobre nosso físico e nossas vidas, escrevem que estamos todos sedados e previsíveis. Eles dizem que não vivemos mais no limite. Na verdade, eu estou vivendo no limite e aprendendo como domá-lo, ao invés de ser sugado.

Eu entendo o que você está dizendo, mas isso não responde a minha pergunta.

OK, primeiro, tomo vitaminas muito específicas, que ligam. Meu corpo precisa delas. Também estou envolvido em um extensivo trabalho emocional para atingir certos objetivos, e se estivesse tomando drogas pesadas isso iria interferir nesse processo. Estou fazendo vários programas de desintoxicação, para liberar as toxinas escondidas que estão lá por causa do trauma. Cheirar muita coca atrapalharia meu trabalho. Tomar drogas definitivamente interferiria nesse meu trabalho.

Já fumar um pouco de erva não atrapalha muito. Atrapalha o trabalho no dia seguinte, mas algumas vezes me relaxa. Se estou pirando bem no meio de Idaho, então um pouco de maconha me ajuda a acalmar. Também, quando você deixa o palco, saindo de um mundo de muita energia para um mundo sedado, é duro. É como saltar de um penhasco com um carro, e é aí que posso queimar um pouco de fumo.

Você não fuma mais muita maconha.

Eu sei. Um ano atrás, enquanto estávamos gravando os discos, fumei muita maconha. Eu estava sofrendo muito e esse era o único jeito de me manter no ritmo para trabalhar. Era a única coisa que tirava minha cabeça dos problemas, que ajudava a manter a concentração para gravar o álbum. Ajudou a me manter naquele tempo. Agora iria interferir.

Você lembra quando se mudou para o estúdio The Record Plant e montou acampamento?

Não havia aquecimento na sala. Era frio e solitário, mas era o único lugar em que eu poderia ficar para me manter concentrado no trabalho. Era maneiro, mas também era escuro, frio e estranho! Cheguei num ponto em que algumas pessoas podiam sentir, pelo jeito como eu estava, pelo tom da minha voz, que eu não estava legal. Um amigo me trouxe alguns presentes de Natal. Outro veio sem se anunciar e ficou comigo no dia de Natal, porque eles estavam preocupados, achando que eu talvez não conseuisse segurar a barra. Eu não podia deixar o estúdio, mas também não podia voltar para casa por causa do meu vizinho. Era um pesadelo.

Era também muito louco, porque essas pessoas não sabiam nada sobre o Natal passado, quando eu estava dirigindo para casa, tentando achar alguém com drogas no caminho porque eu queria uma overdose. Sempre me lembrava do som do Hanoi Rocks, “Dead By Christmas”. Já se passaram dois Natais desde então, e o Natal passado foi o melhor Natal que eu tive em 29 anos.

Por acaso o Robert (John, fotógrafo do Guns) tirou alguma foto de você lá?

Não

“Eu estou vivendo no limite e aprendendo como domá-lo, ao invés de ser sugado”

Isso é chato.

Sim, é uma vergonha.

Seria uma puta foto. Essa e aquela, de quando você jogou seu piano fora através da porta de vidro que tem em sua casa.

Essas foram duas coisas que deveriam ter sido registradas. John Lennon não era tão envergonhado como eu sou. Ele mantinha uma câmera rolando o tempo inteiro.

Eu me lembro estar nos bastidores em San Diego, e você estava atrasado. As pessoas estavam muito tensas. Metade da minha preocupação era com o próprio trabalho, a outra metade era com você. Não era uma preocupação do tipo “Meu Deus, lá se foi a grana da reportagem”, mas “Será que o Axl está legal?”

Nunca estive antes numa posição de ser o responsável pela renda e destino de pelo menos 60 pessoas, como acontece agora em relação ao nosso pessoal de

“No Natal de 91, fui para casa tentando achar alguém com drogas no caminho, porque eu queria uma overdose”

Kevin Mazur/ LFI

"Parte do trabalho de ser um membro do Guns N' Roses é aparecer no palco e ser um super-homem"

apoio. Isso é difícil para mim. Se nós não tivéssemos feito um álbum agora, estaríamos numa turnê. Eu não teria escolhido essa responsabilidade agora. Mas não tenho muita escolha, especialmente se quero manter a minha carreira.

Gostaria de estar mais coeso emocional e mentalmente antes dessa turnê. Parte do trabalho de ser um membro do Guns N' Roses é aparecer no palco e ser um super-homem. Nós temos que emergir acima da energia da platéia, emergir acima de qualquer coisa de ruim que tenha acontecido naquele dia, ficar acima de qualquer coisa que esteja em sua cabeça, enquanto que, ao mesmo tempo, tentando ficar acima de qualquer problema que esteja acontecendo em sua própria vida.

Quando digo que o GN'R está lutando para se manter acima, quero dizer que estamos fazendo o possível para sobreviver, e não algo como "Ei, nós somos melhores que vocês". Não quero dizer emergindo como sendo algo como alguém sedento

"As pessoas me dizem que sou mimado. Sou mesmo"

de poder e crueldade para com o público. Tentamos ficar acima para sermos saudáveis e seguros de nós mesmos, e tentamos passar essa energia para as pessoas. É nisso em que estou trabalhando.

Me parece que está todo mundo caindo em cima de vocês por causa da sua demora em aparecer no palco.

Eu me dirigi à multidão em Phoenix e expliquei, "Talvez eu estivesse muito louco para não ter subido aqui mais rapidamente". Eles amaram isso. Talvez não pudesse me mover mais rápido porque eu estava uma merda.

Não gosto de irritar a galera por estar atrasado. Talvez lendo essa entrevista eles possam entender um pouco das coisas pela quais passo regularmente. É muito difícil, algumas vezes, subir no palco, porque sinto que não tenho como ir lá e vencer. Não subo no palco a não ser que saiba que posso vencer, e dar às pessoas retorno para o seu dinheiro. Estou lutando pela minha própria saúde mental, sobrevivência e paz. Estou me concentrando bastante em ajudar a mim mesmo, e, felizmente, posso suportar as pessoas com quem trabalho.

As pessoas me dizem que sou mimado. Sim, eu sou. Mas o que estou fazendo é para que possa realizar a minha função. Aprendi que quando acontece algum acidente com você, seu cérebro solta substâncias que ficam presas no músculo onde ocorreu o trauma. Elas ficam lá por toda a sua vida. Daí, quando você chega aos 50 anos, tem pernas ruins ou dor nas costas. Quando fica velho, é difícil carregar o mundo de coisas que manteve preso dentro do seu corpo.

Tenho trabalhado no sentido de soltar essas coisas, mas tão logo desprendemos uma coisa e o dano desaparece, algum novo músculo dói. Não é um machucado novo; é alguma velha lesão que, em função dessa minha própria sobrevivência, tive que enterrar. Quando sou massageado, não é uma coisa relaxante; é algo como uma massagem para um jogador de futebol. Tenho feito muitas coisas — terapia muscular, acupuntura, kinesiologia — quase todo dia em que estamos numa turnê.

O show sempre me pareceu como um pôquer, em que se tenta adivinhar o que Axl irá aprontar no palco. Por que isso?

Parte disso é porque o GN'R é um organismo vivo. Não é uma peça. Mesmo se eu estiver dando o mesmo pulo na mesma parte de uma música em particular, não é ensaiado. Este é o melhor meio de me expressar naquele ponto. Chego lá, e me solto. O jeito que me movo, como em "Brownstone", é a maneira de dar o melhor de mim. É como se fosse algo do tipo "Como posso dar o máximo de mim sem desistir da minha vida?" Como posso dar a vida e sair ileso disso?

Nós não entramos mais no palco como o Guns N'Roses costumava fazer, como um grupo punk — e não estou pegando no pé dos punks — pensando que se nós não estivermos vivos amanhã, tudo bem. Agora há bastante coisas dependendo do futuro e do GN'R. Como nós podemos dar tudo o que temos hoje, chegar amanhã e dar tudo de que dispomos de novo? Isso dá bastante trabalho, bastante esforço e bastante manutenção. Quando subi no palco em San Diego, tive que agradecer ao Nirvana. Usei a sua música para me inspirar. Copiei a atitude deles e subi no palco de jeans e camiseta — nunca faço isso. Fui lá e disse ao Slash que não sabia o que iria acontecer. Eu pensava que iria chegar lá e apagar. Se subo lá e não posso cantar por não ter energia, tenho que cair fora. Quando entrei no palco, a multidão emanava energia em nossa direção, e isso encheu meu tanque.

Há uma energia na multidão que, a menos que você tenha visto ou sentido, não tem como explicar. É muito amedrontador. Darby Crash (*cantor da banda punk Germs, de Los Angeles*) estava morrendo de medo dessa energia, e o único modo dele superar isso foi ficando completamente chapado, agindo como se ela não existisse, e mostrando que poderia fazer mais danos a ele mesmo do que qualquer um na multidão. Foi esse o modo como ele superou essa barra, mas essa atitude acabou matando Darby.

É tão estranho você ter se lembrado disso. Ontem mesmo estávamos falando de como o novo disco do Germs é legal.

Hoje estava assistindo *The Decline Of Western Civilization (documentário a respeito da cena punk de Los Angeles no final dos anos 70, dirigido por Penelope Spheeris, a mesma diretora de* Quanto Mais Idiota Melhor*)*. Eu realmente gostava daquele cara, e me senti muito mal com sua morte.

Você sabe que alguns caras vão ler você falando em "viver no limite" e pensar que você quer dizer drogas e loucura, e todos aqueles outros clichês de Hollywood.

Bom, já estou acostumado. São maneiras de lidar com a dor. Era um mecanismo de sobrevivência. Quando vejo alguém famoso dizendo "Não houve drogas em nosso caminho ao estrelato e blablablá" penso "Ei, eles se mantiveram vivos durante aquele tempo, não é? Se você não as tivesse, talvez não teria chegado lá."

Há muitas coisas que não nos ensinaram quando éramos pequenos. Existe muita dor represada ao longo desses anos. Você é ensinado a acreditar que é normal levar porrada na cabeça se você não

"Não subo no palco a não ser que saiba que posso vencer, e dar às pessoas o que elas merecem pelo seu dinheiro"

Gene Kirkland/ Retna

"Todo mundo represa muita dor na infância. Você é ensinado a acreditar que é normal levar porrada na cabeça se você não limpa o prato"

come sua comida. Quando chega à adolescência, é tipo "Me dá uma cerveja. A vida é uma merda". Nunca poderia me ver tentando tirar de alguém o que a pessoa precisa para controlar suas emoções. Eu gostaria de mostrar às pessoas que dá para você passar por cima dessas coisas e não precisar delas nunca mais.

Não estou usando mais sexo e drogas como forma de escapismo, porque atingi um ponto em que não posso mais escapar. Não há saída. Tenho que viver com isso e encarar minha vida de frente. Eu era uma dessas pessoas que achava que não iria sobreviver até a próxima semana. Achava que o mundo estava tão fodido e tão por baixo que atingir o sucesso não era superar tudo isso. Foi como dar a volta por cima em um monte de coisas, como o lado financeiro; aí você tem que aprender como mexer com dinheiro, porque senão você seria enterrado por isso, e ficaria muito mais deprimido.

Eu entendo o que você quer dizer.

Se você está trabalhando sem medo de de chegar a alguma barreira intransponível, você pensa "foda-se". Em certos aspectos nós tivemos sorte, aqueles de nós que ainda estão vivos, que passamos por tudo isso. Há muita gente envolvida com rock'n'roll que está fugindo de algo. Eles se envolveram com drogas e álcool para ajudar a diminuir a dor. Uma grande parte — provavelmente a maioria — dos roqueiros e fãs de metal são pessoas danificadas que estão procurando um jeito de se expressar. Eles podem se relacionar com a raiva, a dor, a frustação da banda que está dando o espetáculo... Posso te ligar de volta em meia hora?

Claro. O que acontece?

É que eu quero comer alguma coisa...

DEL JAMES

Na BIZZ de novembro, Axl Rose fala de seus traumas de infância, da participação no tributo a Freddie Mercury e dos planos para o futuro do Guns N' Roses.

Kevin Mazur/ LFI

Trabalhamos com Catálogos Anteriores

PREÇOS

(MC)	CR$ 74.000,00
(ML)	CR$ 87.000,00
(MT)	CR$ 125.000,00
(CL)	CR$ 115.000,00
(BO)	CR$ 35.000,00
(MS)	CR$50.000,00

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE: (011) 280-2952

As calças (CL) e os Bonés (BO) Estão Disponiveis na Cor Preta e nas Seguintes Referencias

BO1-CL1 — Metallica
BO2-CL2 — Guns N'Roses
BO3-CL3 — Faith no More
BO4-CL4 — Iron Maiden I
BO5-CL5 — Caveiras
BO6-CL6 — Skid Row
BO7-CL7 — Sepultura
BO8-CL8 — Suicidal tendencies
BO9-CL9 — Red Hot Chili Peppers
BO10-CL10 Ratos de Porão
BO11-CL11 — Slayer
BO12-CL12 — Nirvana
BO13-CL13 — Ramones
BO14-CL14 Iron Maiden II
BO15-CL15 — Pantera
BO16-CL16 — Anthrax

NEW ROCK Rua Capote Valente,242 - CEP 05409-000 - São Paulo-SP.

Preços Válidos

ATENÇÃO!
COMO COMPRAR: SEDEX (ENTREGA URGENTE)

- Envie cupom ao lado corretamente preenchido para NEW ROCK: Rua Capote Valente, 242 - CEP: 05409-000, São Paulo/SP.
- DESPESAS DO SEDEX: Devem vir acompanhadas de seu pedido em forma de cheque nominal à NEW ROCK. Os preços médios do Sedex são de Cr$ 21.000,00 (Região Sudeste) e de Cr$ 45.000,00 (demais regiões). Se as despesas forem maiores que os valores acima, a diferença será acrescentada ao valor total a pagar no Correio, ou debatidas se forem menores.
- O Correio mandará um "Aviso de Chegada" entre 8 e 15 dias, após o envio de sua carta.
- Você tem até 7 dias para retirar e pagar a encomenda, após receber este aviso.

* No centro de São Paulo, venda exclusiva na Devil Discos: Rua 24 de maio 62 - 2º andar

RB
TOTAL DA COMPRA Cr$: ____________
NOME: ____________ BO- 87
END: ____________
____________ Nº ____________
CEP: ____________ FONE: ____________
CIDADE: ____________ ESTADO: ____________
RG: ____________ ASSINATURA: ____________

MOD.	REF.	COR	TAM.

Tamanhos P, M e G

A O VIVO

LOLLAPALOOZA II

Bicentennial Park (Miami)

Sábadão no parque. A moçada de shorts e biquíni, morgando em toalhinhas, tomando sol e curtindo a brisa marítima. Presenciando, de quebra, a história se fazendo instantaneamente. Lollapalooza é uma gíria antiga; quer dizer algo como "legal". Uma boa versão talvez fosse "pedra 90" ou "barra-limpa"... e é isso que foi.

Nunca topei muito a banda de Perry Farrell: voz fina, pretensão demais, barulho sem direção, coisa de maluco californiano e não caipira brasileiro. Mas que o cara acabou se provando um visionário, não há como negar.

Uma boa adaptação do velho slogan *blow your mind*, isso que é o Lollapalooza: um carnaval itinerante com a missão declarada de explodir a mente da moçada para as miríades de opções menos evidentes da moderna sociedade americana. A velha missão do rock'n'roll, revista e adaptada, transformada numa superturnê de 36 cidades norte-americanas: não é preciso se conformar com o que está planejado para você. Existem outras alternativas. Sempre.

Muito nobre e estimulante... mas se isso realmente funciona num pasto, sob o sol fustigante e com os fiéis devidamente entupidos de Budweiser, é outro departamento. Estandes do Greenpeace, campanhas pró-aborto, P.E.T.A. e outras esquerdices liberais de Primeiro Mundo colam bem para dar aquela cobertura cabeça; de boas intenções, o inferno está cheio. No fim as pessoas soltaram seus 26 dólares foi pela zona mesmo. Mas alguma coisa resta fora a festa. Ou não.

Grana muito bem gasta de qualquer forma, apesar das reclamações caretas sobre o elenco "predominantemente branco e heavy" do festival. O que aliás, não procede exatamente... E as exceções, perdão, foram as queimações. Como o Lush: as meninas são simpáticas, mas Cocteau Twins noise à uma da tarde não deu não. Só os fãs se animaram.

O que mudou radicalmente com a entrada do Pearl Jam –a banda mais quente do último verão americano, disparado. E quer saber? Funcionaram em show melhor que no disco. Hard rock bem simples, mas cheio de climas e com um vocalista carismático sem forçar demais a mão (se bem que ele escala uma escadinha até o topo do palco, se joga do palco na platéia... mas OK, rock é isso aí). Teve direito até a uma bem-escolhidíssima cover de Neil Young, de "Keep On Rockin In The Free World". Desprovida do sarcasmo sombrio do original, claro, como convém.

Em seguida veio o Jesus And Mary Chain, que continua não seduzindo os americanos –mas meu, puta show. Quatro da tarde, sem fumaça nem escuridão, e o Jesus mandou uma hora de puro rock'n'roll, só sucessos, sem dar um tempo. Reid Bros em dia de Ramones... segundo melhor show do dia.

O Soundgarden, sei não. A banda até que é legal, mas o cantor Chris Cornell decepcionou. Os hits garantiram a festa –"Big Dumb Sex" e "Outshined" são anormais de boas– mas não bateu, e chegou a irritar a correção política da (boa) cover de "Cop Killer" do Ice-T. Talvez fosse efeito da cerveja, mas o bode foi inevitável.

O problema é que o próximo era o artista mais insuportável do dia, Ice Cube, exceção à regra "roqueiro branco" mas ídolo justamente da molecada branca suburbana –e um puta chato. Rap ao vivo é chato, sempre será chato e não tem conversa. O sono se aproximava... o espírito firme, mas a carne fraca... hot dogs, kebabs e quetais já queimados... mas um dos estandes mais procurados era o dos coquetéis de

smart drugs, torpedos de aminoácidos com vitaminas que levantam até morto.

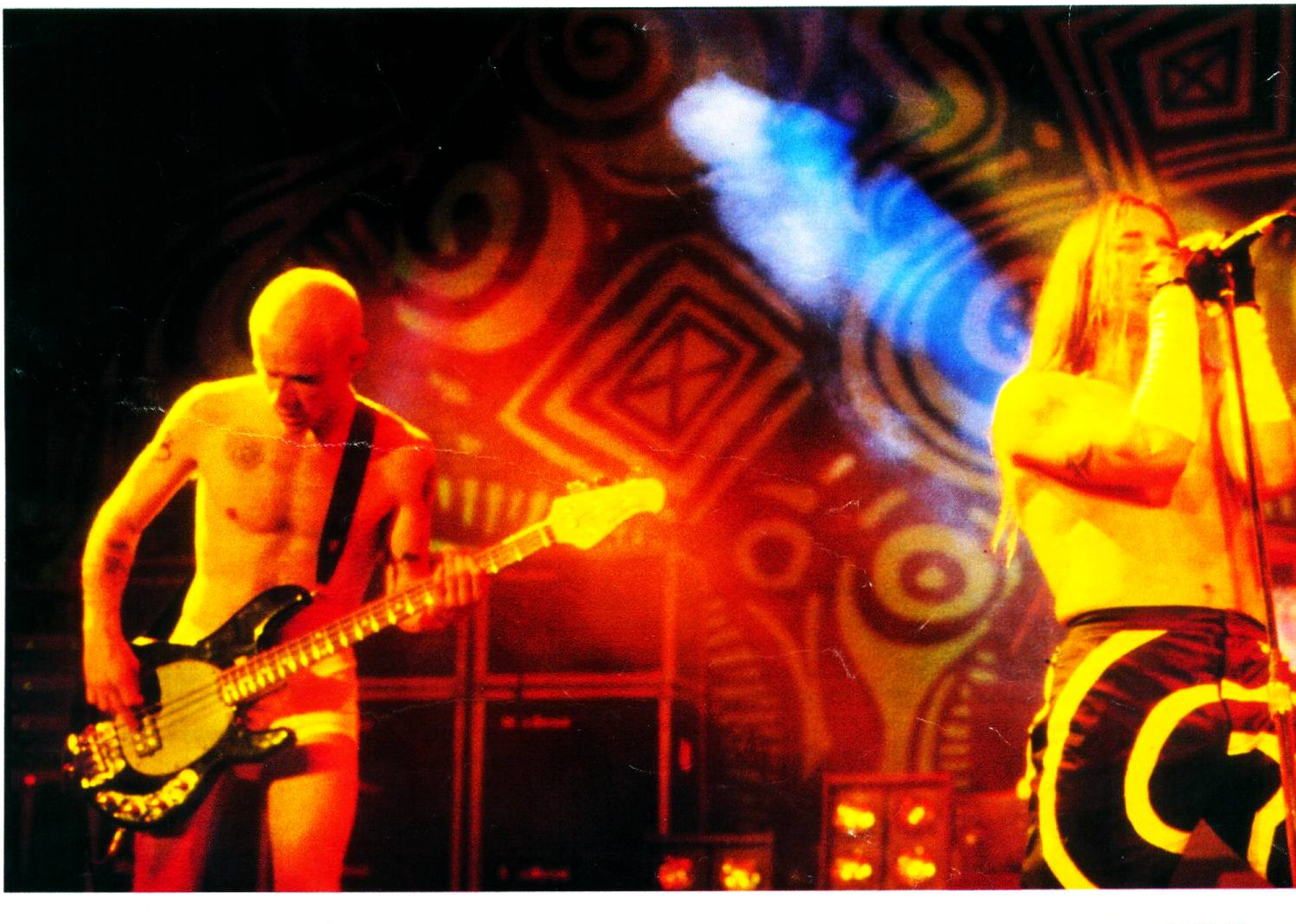
E no que as bolas bateram no meu cérebro, começou num dos pequenos palcos o Jim Rose Circus –uma feira grand-guignol, de escatologia apavorante. Só vendo. Um dos caras come vermes vivos, outro chupa lagartixa, o próprio Jim Rose deita no vidro moído e chama uma mina da platéia para ficar pulando em cima.

Mas o pior, o muito pior estava por vir. Um bacana enfia uma mangueira pelo nariz até o estômago; aí, suga por ela um coquetel de coca-cola, pimenta malagueta e Maalox. Urgh... e então ele regurgita aquela meleca gosmenta pelo narina numa jarrinha... e um cara da audiência tomou aquilo! Cinco mil anos de civilização para acabar nisso?

Como visto, já estava mais do que bom... e então entrou o Ministry. Não dá nem para tentar descrever o que foi. Da nova "New World Order" a "Jesus Built My Hot Rod" a "Thieves" a "Stigmata", foi uma hora e meia de pesadelo apocalíptico, muito alto, muito pesado, muito animalesco. Uma lembrança de que, por baixo do chantilly, rock'n'roll ainda pode ser uma coisa ameaçadora.

Para manter o pique da moçada depois do Ministry, só um terremoto (até que no dia seguinte a natureza colaborou: um dos piores furacões da história, o Andrew, devastou o sul da Flórida). Mas o que veio não foi assim um tremeterra. Os Red Hot Chili Peppers, legais como são e por cima da carne seca como ficaram este ano, não têm gás para entrar num palco depois do Ministry. Muito menos com um guitarrista verde, o tal Aryk Marshall. Bacana, funkeiro, festivo, dançante –mas inevitavelmente uma queda no nível adrenal da moçada.

Fim de história: um dia sublime e a afirmação do Lollapalooza como o grande evento musical deste início de década. Palmas para Perry. Ano que vem tem mais. *ANDRÉ FORASTIERI*



Fotos Jay Blakesberg/Retna

Dólar? Ouro? CDB?
Ou um Elba?
Estas e outras dúvidas surpreendentes você só pode esclarecer no Jornal da Tarde. Além das informações econômicas mais traduzidas e das dicas de investimento, você tem o Jornal do Carro. Toda quarta-feira, com tudo sobre o mercado de automóveis. Leia o Jornal da Tarde.

Você vai se sentir muito mais seguro, independente de quem estiver na direção.

Passe numa banca ou assine: 858-9000.

jornal da tarde
MAIS SURPREENDENTE QUE A NOTÍCIA.

A

PIL
Palace (SP)

Deve ser a maior responsa do mundo ser o John Lydon. O cara não só é *o* punk sobrevivente (uma contradição em termos) como liderou o PIL, a banda que reinventou o rock, blá-blá-blá, lá pelos idos de 79-80. Acontece que Lydon, apesar da inteligência (ou *ipso facto*), resolveu insistir no mesmo golpe, e sair arrastando por aí uma espécie de PIL-zumbi.

Para quem conheceu o PIL em 86, até que é legal reouvir "Rise" ("I could be wrong, I could be right") ou "Rules And Regulations", ainda que perca a ironia que é ver um ex-punk abrir um show com um arranjo para "Kashmir", do Zeppelin. Só que Lydon sabe que o PIL já é história — e não parece capaz nem de foder nem de sair de cima.

Claro que ele já estava à espera dos cretinos que vão lá para cuspir e berrar "traidor do movimento"; punk em 92 é mais burro e sectário que o MR8 e o PC do B juntos. E é aí que Lydon protagoniza cenas constrangedoras como parar o show, convocar um intérprete ("If you don't speak english you don't speak", berrava ele furioso, enquanto a platéia, mais malaca que mexicano de filme, fazia inocentemente que não com os braços). Ou mandar a segurança pôr para fora dois escarradores, escolhidos a dedo. Pô, tu pensa que é quem, o Sinatra?

Falta ao Joãozinho a esperteza de, digamos, Lou Reed e John Cale. Que, quando não dava mais, largaram o osso (o Velvet Underground) e caíram na vida com bandas de moleques, no maior descompromisso. Lydon, ao contrário, se acochambra numa espécie de "superbanda new wave": tem o John McGeoch (ex-Siouxsie e Magazine), o Russell Webb (ex-Skids e Armoury Show) e até o batera Mike Joyce (ex-Smiths, aliás tocando como macho!). O único desconhecido é o tecladista e guitarrista Ting Ling Ling, ou coisa que o valha. Detalhe engraçado: o guitarrista McGeoch, tampa, gorducho e careca, está a cara do Donald Pleasence, o eterno "acompanhante" do cinema.

O resultado é um show competente, mas inevitavelmente burocrático. Bate ponto até em "EMI", o panfletão punk dos Sex Pistols, tocado no bis (mas sem catarradas, *catorro josi*, por favor!). O espírito do PIL, se ainda está vivo em algum lugar, é nas erráticas carreiras de Jah Wobble e Keith Levine.

P.S.: A decepção já começou na abertura, com o Yo-Ho Delic. O funk-metal dos caras é interessante conceitualmente, mas está na hora de por o pessoal para chacoalhar de verdade — se é que eles têm braço para isso.

ALEX ANTUNES

LEGIÃO URBANA
Ginásio Geraldo Magalhães (Recife)

Quando Renato Russo, com um buquê de rosas na mão, anunciou que antes do show iria cantar o Hino Nacional, eu tremi imaginando ser o início de um desses shows-comício em que o Olavo Bilac do rock brasileiro passaria a maior parte do tempo fazendo discursos óbvios contra Collor e a corrupção que assola o país.

O cenário estava armado para algo assim, com o ginásio lotado de fãs dispostos a aplaudir até mesmo

Meus amigos falam o diabo do Herbert Vianna. De entojadinho para baixo. À distância de cerca de100 metros, com ele lá embaixo no palco, não se nota nada disso (quem estava mais perto disse que ele estava de olho pintado, será?). Mas como confio nos meus amigos – mesmo que alguns deles sejam críticos– fui meio contra vontade assistir o show do Paralamas no Olympia.

Há cerca de três ou quatro anos, a última vez que vi a banda, o mesmo Olympia estava completamente lotado. Desta vez a coisa estava tranqüila. Era domingo — no sábado estava mais cheio, me disse um segurança. Mas a crise conta, é claro. Pelo menos até a entrada da banda no palco, porque aí parece até que tem mais gente na platéia, tamanho é o clima de festa. Um carnaval de rock 'n' roll.

Não tem erro: o Paralamas tem hits o bastante para, se quiser, fazer duas horas de show só com sucessos. Tem músicas novas boas o bastante para levantar qualquer show. Tem músicos de apoio (metais e teclados) impecáveis. E Herbert Vianna não pára de evoluir como guitarrista e showman.

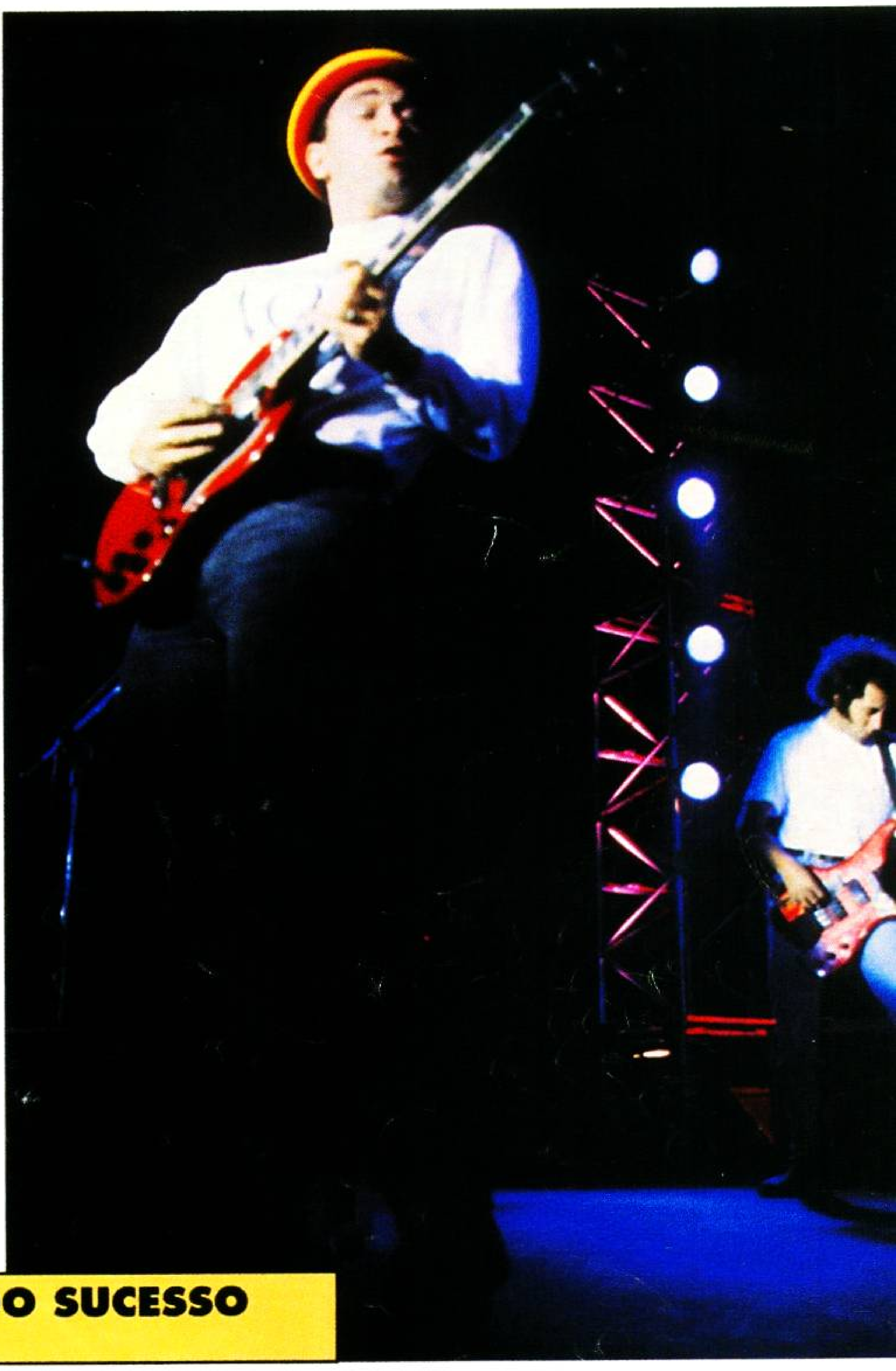
Herbert, que falou pouco, anunciou seus parceiros João Barone e Bi Ribeiro como "os sujeitos mais confiáveis do Brasil", porque, entre outras coisas, pagam eles mesmos as próprias contas e votaram no Partido dos Trabalhadores. Não sei se basta isso para fazer deles os caras mais confiáveis do país. Mas que são a melhor linha de baixo e bateria do rock brasileiro, não há dúvida. Se fazem notar sendo discretos.

A banda não dá descanso do início ao final do show. Não existe nada que não seja clímax. O Paralamas, no palco, é time que mesmo com vantagem de vinte gols, continua atacando. Em determinado momento, depois de muito carnaval, Herbert Vianna como que avisa que o show já acabou e o resto é festa. Mas ninguém arreda o pé. Como a banda, a platéia tem fome de bola. Herbert chama para o palco o guitarrista Edgard Scandurra e juntos detonam covers de Clash, Who e Bob Marley.

No final, a voz de Herbert Vianna está fraca, o som da guitarra de Scandurra não está muito legal, nossos ouvidos também não estão bem, mas todo mundo sai feliz dessa legítima festa de rock'n'roll brasileiro.

ROGÉRIO DE CAMPOS

Rui Mendes / Azul



PARALAMAS DO SUCESSO
Olympia (SP)

os arrotos do cantor. Muitos cartazes anti-Collor e até uma bandeira do PT. Mas, talvez frustrando a platéia, o "Hino Nacional" que o vocalista passou a cantar era uma versão de "Carinhoso" em ritmo de marcha fúnebre. São Pixinguinha lá no céu deve ter pensado em alguma praga para jogar sobre o sr. Russo.

Será que Renato Russo se desinteressou de política? Não, ele está interessado em política, mas na política do amor. Como se fosse uma resposta ao locutor que antes do show ficou "animando" a platéia com frases espertas do tipo "tem muita gata gostosa aí?", "tem muito macho aí?", Renato Russo se dedicou a fazer discursos um tanto desconexos a respeito da beleza do amor e contra os preconceitos. "Não deixem os facistas pegarem vocês!", aconselhou. "Quem de vocês já se apaixonou de verdade?", perguntou para a platéia. "Ui, ui, vocês querem me matar!", retribuindo ao entusiasmo da platéia, "vocês são ótimos, vocês é que deviam estar aqui no palco". Cortejou: "A juventude atual é a mais esperta que já apareceu". E provocou: "Quem é viado aqui?" Perplexidade da galera.

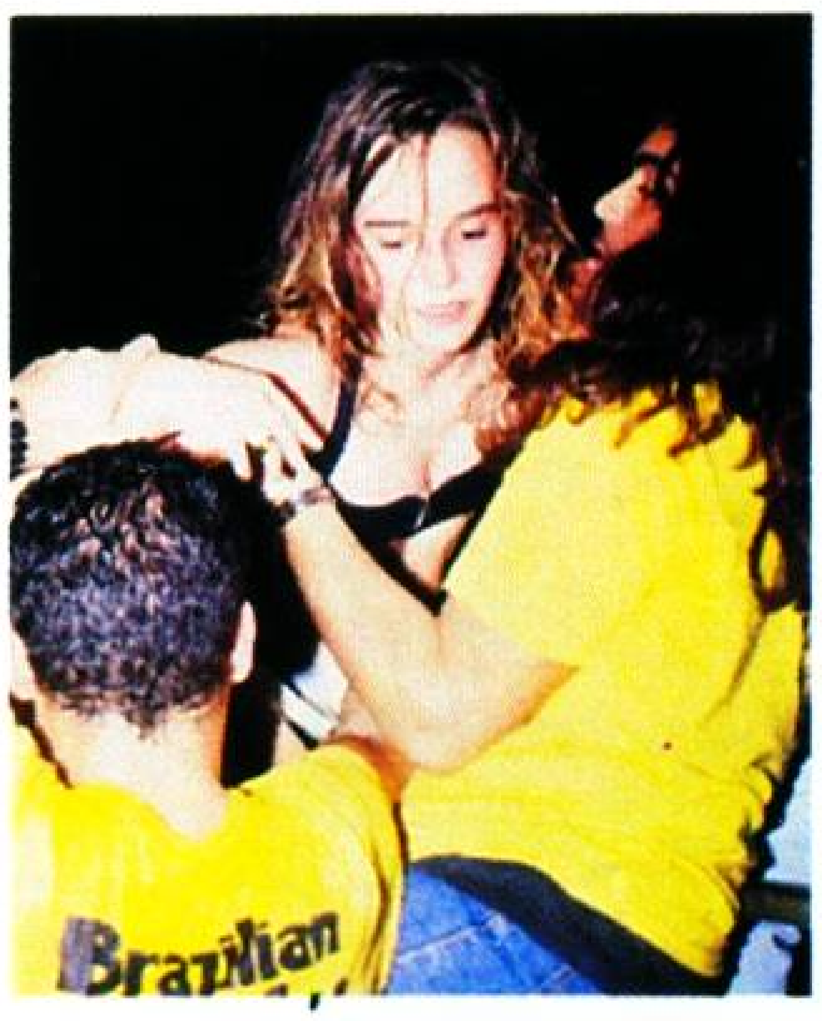
O show é um espetáculo esquisito. Uma fusão do intimismo dos Smiths com o messianismo do U2. O público cantou junto todas as canções, desde as músicas do primeiro disco, como "Geração Coca-Cola", e outros hits até as canções mais complexas do último disco que nunca tocaram no rádio.

E não foi tarefa muito fácil. A aparelhagem não estava grande coisa, prejudicando o vocal, e a banda apresentou novos arranjos para velhas canções. Renato Russo colocou "Carinhoso" (de novo) em "Angra Dos Reis" e fez citações de "Blue Suede Shoes" e "She Loves You", antes de entrar em "Índios".

O guitarrista convidado Sergio Serra (ex-Ultraje) roubou a cena. Deu um toque rock 'n'roll nas mais melancólicas canções da banda. Pulou como se estivesse tocando em um Aerosmith, sustentou a banda enquanto os spots insistiam em focar o guitarrista Dado, mesmo quando era o Sergio Serra quem estava solando. Dado passou a maior parte do tempo fazendo pose de rapaz cool na frente do palco, quase sem tocar. Seu equipamento não ajudou e ele trocou de guitarra meia dúzia de vezes. Mas quem ligou? Renato Russo centralizou as atenções o tempo todo. Cantou, saracoteou, fingiu um desmaio e falou — muito!

Ao meu lado alguns moleques, dois ou três vestidos com camisetas do Legião, no início do show davam risadas dos discursos e expressões efeminadas do vocalista, mas no final pediam para ele calar a boca e cantar. Quando acabou o show, pediam bis.

R. C.



Fotos Santana/Azul

SKID ROW

Ginásio do Ibirapuera

As skidetes conseguiram. Sebastian Bach e Cia. jamais vão esquecer da atribulada turnê pelo Brasil. Um show cancelado em São Paulo e outro interrompido em Porto Alegre por causa de bombinhas juninas. Mas o lance mais emocionante foi o *stage diving* do cantor no ginásio paulista. Sebastian mergulhou na platéia e só foi resgatado pela segurança uns três minutos depois.

Alguns amassos e fios de cabelo a menos depois, ele reapareceu. Precisou de uns minutos de descanso para reiniciar o show,aliás, muito parecido com os do Hollywood Rock. "Psycho Therapy", dos Ramones, cantada por Rachel Bolan, é bem legal, mas não é uma surpresa.

De novidade, apenas mais duas covers: "Delivering The Goods", do Judas Priest, e "Cold Gin", do Kiss, a quem, aliás, o Skid Row deve muito. Arrastou vários integrantes do fã-clube deste grupo — e não só por causa de "Cold Gin". A mistura de hard rocks e baladas e o forte apelo visual tem muito a ver com Kiss. Na coreografia, Sebastian, Rachel e os guitarristas se movimentam pelo palco todo, usando e abusando das passarelas em frente às caixas.

Não que o grupo tenha os decibéis de um Sepultura, mas em seus shows é sempre bom levar um protetor de ouvidos — contra os gritos histéricos das tietes. Tão fanáticas que muitas preferiram ficar atrás do palco, para ver melhor a entrada e saída dos ídolos.

Enquanto isso, do lado de fora do ginásio, um engarrafamento de pais, esperava as mocinhas.

Sobrevivi ao terceiro show do Skid Row em sete meses. E chega! *JOÃO RICARDO LIMA*

Stamp Rock Wear

TEL.: (011) 299 7478

CAMISETAS - BLUSÕES - CALÇAS

RECEBA PELO CORREIO

MALHA MERCERIZADA - TAMANHOS P.M.G

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

CAMISETAS ESPECIAIS

Manga 3/4

Estampa na frente, costas e manga

PREÇOS enviando antecipadamente cheque nominal ou vale postal a STAMP:

MANGA CURTA/MC:.....	Cr$ 68.000,00
MANGA LONGA/ML:	Cr$ 83.000,00
CAMISETA ESPECIAL: ..	Cr$ 90.000,00
CALÇA MOLETON/CA:.	Cr$ 113.000,00
BLUSÃO MOLETON/MT:	Cr$ 120.000,00
BLUSÃO C/ CAPUZ/BZ:	Cr$ 128.000,00

PREÇOS para pagar ao retirar:

MANGA CURTA/MC:.....	Cr$ 90.000,00
MANGA LONGA/ML: ..	Cr$ 110.000,00
CAMISETA ESPECIAL:	Cr$ 120.000,00
CALÇA MOLETON/CA:.	Cr$ 150.000,00
BLUSÃOMOLETON/MT:	Cr$ 160.000,00
BLUSÃO C/ CAPUZ/BZ:	Cr$ 170.000,00

Os preços são válidos até 31/10
De 01/11 a 15/11 aumento de 12%. As despesas postais serão pagas pelo cliente.
Preencha o cupom ao lado e envie para:
STAMP - Rua Heliodora, 321 - CEP: 02022-051 - Santana - SP - SP.
REVENDEDOR STAMP NO CENTRO DE SP:
DEVIL DISCOS-AV.SÃO JOÃO, 439 - 2° ANDAR - LOJAS 343/345

ESTOU ENVIANDO CHEQUE ☐ VALE ☐ NO VALOR DE .... PREFIRO PAGAR AO RECEBER ☐

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

BZ- 8

Nome ....

End. ....

CEP .... Cid. .... Est. ....

Assinatura ....

RG .... Tel. ....

IDADE .... SUGESTÃO PARA ESTAMPA ....

ENTRE SEATTLE E O CEARÁ

Jazzzumbi só não surgiu nos anos 70 porque Sérgio Dias foi ouvir Yes em vez de Jimi Hendrix. A vantagem de ter brotado no underground paulista dos 90 é que seu blues psicodélico vem com peso grunge. Eles tocam Caetano Veloso (!) como uma banda de Seattle caindo de bêbada e querem resgatar a MPB para a geração tosca. "Por que o carinha que gosta de Red Hot Chili Peppers não quer saber de Tim Maia?", pergunta o baterista Piza, ex-So What, como o baixista William Cook. Ao lado do guitarrista Marcos Careca e do vocalista Gian La Barbera, fazem o estilo hard "malaco" brasileiro. Agressão e suingue nacionais.

MARCEL PLASSE

Rui Mendes/Azul

CACHORRADA FURIOSA

Seria difícil acreditar que a demo do **Pitbulls On Crack** é realmente a demo de um novo grupo paulista se não fosse ver o nome deles todo dia no jornal, tocando em qualquer buraco que se digne a abrir as portas para os caras. O heavy com gosto inglês legítimo que eles detonam é tão bom e autêntico que os desavisados pensariam logo em se tratar algum *bootleg* do Mott The Hoople, ou outra coisa que o valha, resgatado lá do meio dos 70. Chris, ex-Cock Sparrer (Inglaterra), Tigueis, ex-A Chave Do Sol, e Pastor são rockers de carteirinha juramentados e conhecem como ninguém o terreno onde pisam. "Nós somos da velha guarda e as coisas que nós gostamos acabaram virando modernas de novo", teoriza o baterista Pastor. Só mesmo assim para fazer algo tão convincente.

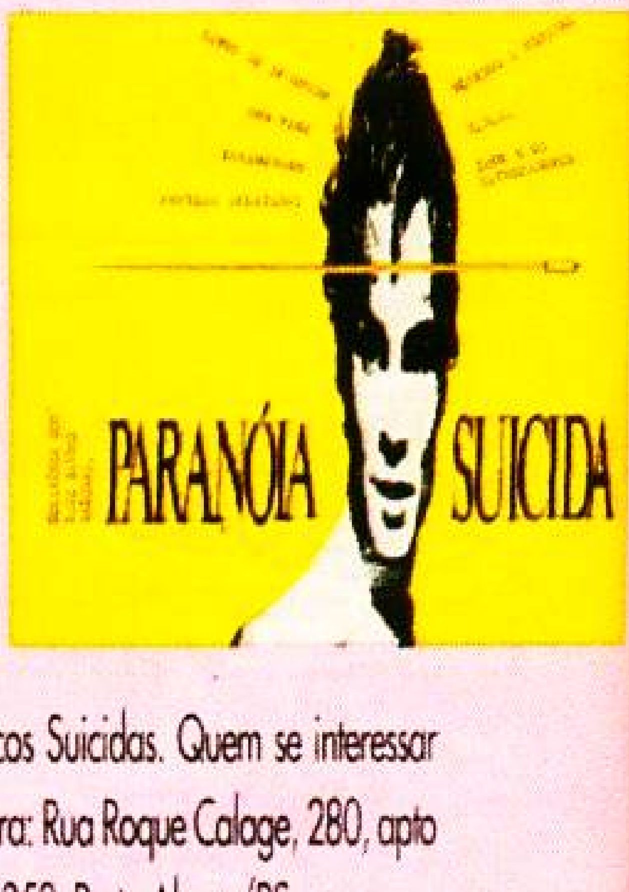
C.E.M.

GOTAS DE VENENO

Para quem gosta de uma podreira do além mas não tem paciência de escutar a mesma música por mais de trinta segundos, a pedida é **Disk Putas**. Priscila Animal e Dora Maravilha se juntaram a Marcelo A., que tem em seu currículo a façanha de ter sido deportado de Rimini, na Itália, e o italiano Renato Caravaggio — que Marcelo conheceu no vôo de volta para o Brasil — só para convencer os dois a tocarem numa banda podrona vestidos de mulher. Tocaram no noivado do João Gordo com a Alê, dos Pin Ups, e em todos os lugares onde os donos foram loucos o bastante para "deixá-las" tocar. Fora isso, o lance delas é entupir o mundo com letras como "No m'pau eu dô nó/S'busseta m'dá dó/I us peitu? Ôia só!/Sa bixinha popopó! Tiress narz d'meu pó" ou um refrão que é "Morte aos Titãs". E no fim é sempre "Chega!". Chega!

C.E.M.

Mais conhecidos na Califórnia do que no Brasil. A banda punk brasileira preferida de Jello Biafra. O **Pupilas Dilatadas** foi muito falado mas pouco ouvido por aqui. Agora, com nova formação e um sommais básico, eles estão de volta encabeçando a coletânea punk/hardcore gaúcha *Paranóia Suicida*,



pelo próprio selo, Sulcos Suicidas. Quem se interessar encomende o disco para: Rua Roque Calage, 280, apto 310 - bloco U. CEP 91350. Porto Alegre/RS.

LESLEY GORE

O hit "It's My Party" surgiu em 63 para revelar uma garota que foi porta-voz de uma geração que via na festa do final de semana sua *raison d'etre*. Lesley Gore, nos seus tenros dezessete anos de idade, com charmosas sardas e olhos verdes, matizou o estilo de vida, o comportamento, os temores e as angústias, o sonho dourado e o reverso do sonho da juventude *wasp* classe-média americana dos anos 60, isoladamente do universo frio e "responsável" assumido pelos mais velhos. Filosofia *teen-ager*? Sociologia *ice-cream soda*?? Quem sabe, mas é certo que se uma coleção dos seus discos fosse encerrada numa cápsula do tempo, daqui a vinte séculos, as gerações futuras teriam o perfil exato da juventude que Lesley Gore retratou.

Se a *teen-angst* das Shangri-las era um excesso e resvalava constrangedoramente para a caricatura, com Lesley mantinha-se composta, crível, num nível de tensão controlada que era uma das principais qualidades dos pequenos dramas existenciais cantados por Lesley, como em "Leave Me Alone", "That's The Way The Boy Are" e " She's A Fool".

Lesley Gore é autêntica, mesmo quando a emoção transborda de suas interpretações passionais e comove até os corações de pedra que muitos de nós, desgraçadamente, ganhamos ao chegarmos à maturidade. É difícil acreditar que quase todos aqueles clássicos de Lesley Gore foram produzidos por Quincy Jones, o melhor exemplo do produtor acadêmico, bolorento e conservador que se pode imaginar.

Lesley foi a doce princesa, distinta e graciosamente elegante nos seus penteados impecáveis, suéteres folgados e vestidos tubinho. E estrelou diversos shows, especiais e séries televisivas em papéis dramáticos, românticos ou engraçados — foi a Mulher-Gato em dois episódios da série *Batman*, clássico *camp* da TV. Gravou o primeiro hino feminista, "You Don't Own Me", em março de 64. Foi o ponto de partida para sua militância político-feminista que se acentuou nos anos 70, depois de se envolver com teatro na virada da década anterior.

Lesley ficou cinco anos gravando pelo selo Mercury, depois passou à subsidisiária Crewe, onde registrou seus últimos hits, produzidos por Bob Crewe (Freddy Cannon, The Four Seasons), quando seu estilo começou a mudar, adotando um repertório *mainstream pop*, com temas mais adultos e um estilo interpretativo mais contido.

Em 72, depois de um retiro de dois anos, reapareceu com um álbum pela Mowest (subsidiária da Motown), com músicas de sua autoria e em parceria com Ellen Weston. É dessa época "When Everything Old Is New Again", escrita para ela por Carole Bayer-Sager, que Lesley até hoje usa para abrir seus shows. Em 76 passaria a gravar pela A&M, onde reencontrou o aborrecido Quincy Jones. A menina mais bonita e engraçada da canção americana não pode ser subestimada. Ninguém compreenderá a música pop por completo sem se deter demoradamente em Lesley Gore. *RENÉ FERRI*

DISCOGRAFIA SELECIONADA

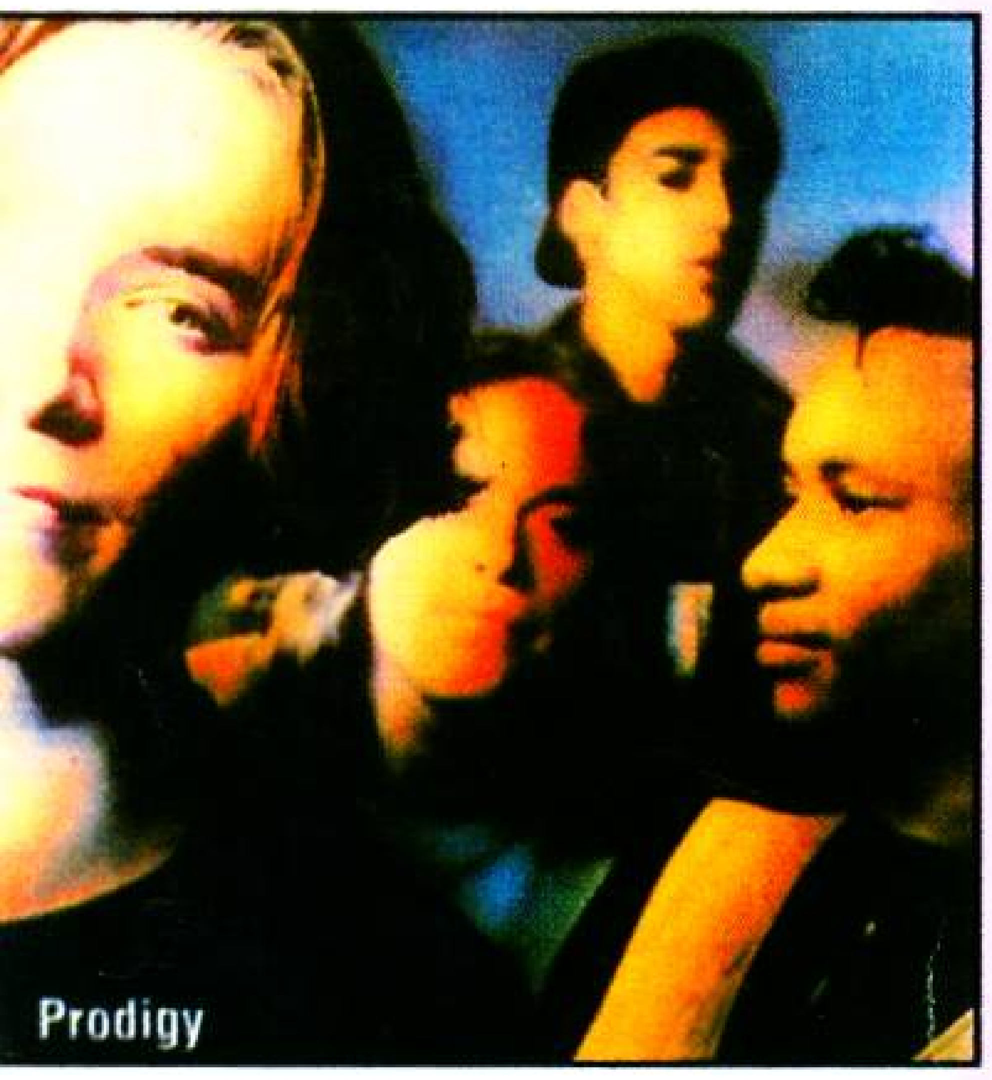
- *Leslie Gore Sings Of Mixed-Up Hearts* (10/63, Mercury, EUA)
- *Boys, Boys, Boys* (04/64, Mercury, EUA)
- *Golden Hits* (coletânea, 06/65, Mercury, EUA)

Nota: o único álbum de Lesley Gore editado no Brasil foi o primeiro, *I'll Cry If I Want To*, em 63 e com capa diferente da original.

Quanto vale um remix?

Joey Negro

Esses valores são pouco divulgados, mas colhendo aqui e ali dá para se entender por que gente como **Steve 'Silk' Hurley** pode trocar de carro todo mês. Pelo seu (brilhante) remix de "Makin' Happy" (Crystal Waters) ele recebeu uns 25 mil dólares. E isso foi no meio do ano passado! Hoje americanos como **Dave Morales** levam até 40 mil pelo seu toque de Midas. Já na Inglaterra, as coisas são mais "modestas". Segundo **Joey Negro**, o máximo que um inglês pode ganhar por um remix é 20 mil dólares. Já **Paul Oakenfold** garante que o que ele recebe em média é metade desse valor. E no Brasil? Mais na próxima coluna...

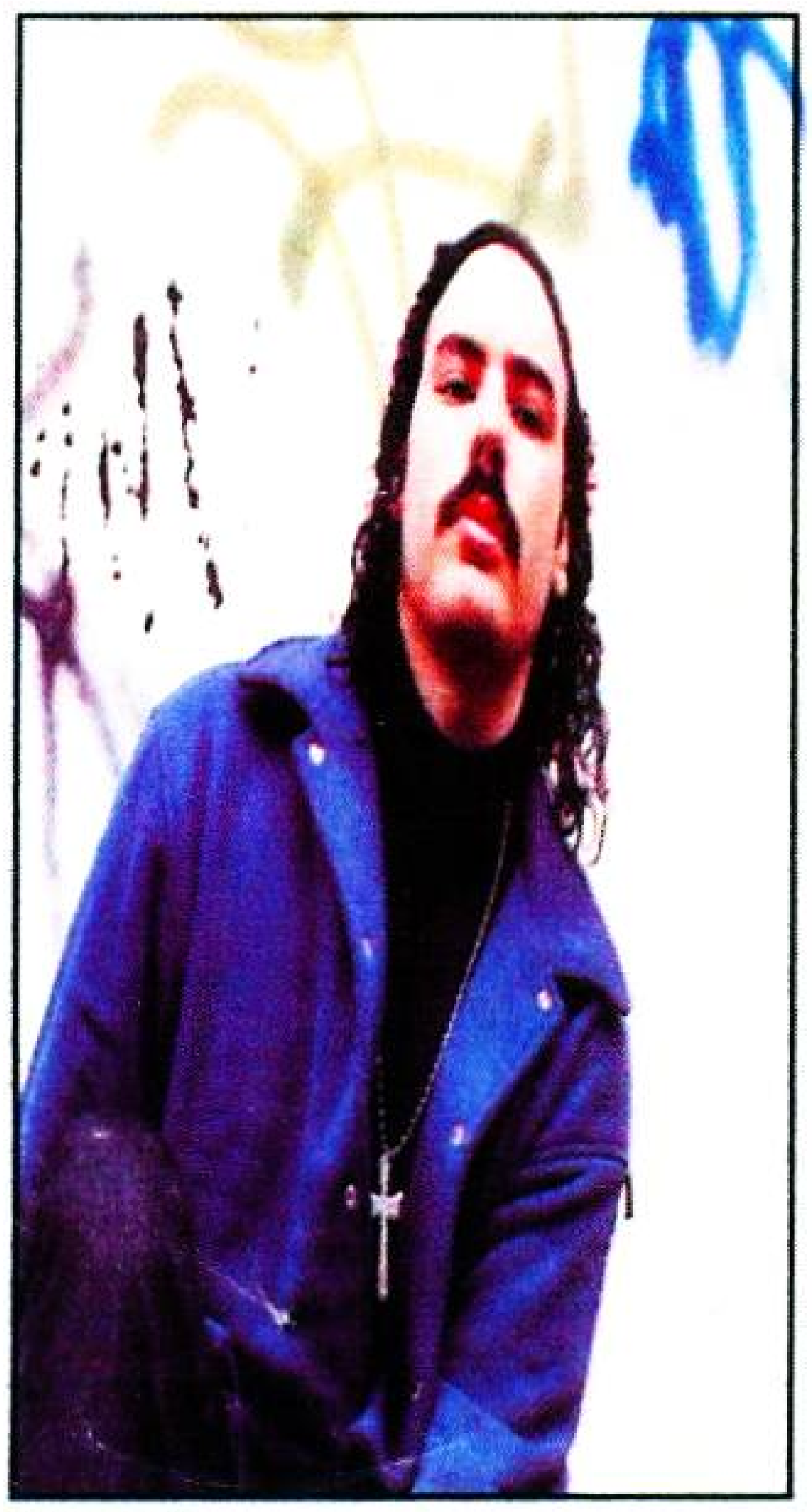

Prodigy

TECNO COVER

E as covers, claro: "I Feel Love", o tecno original de 77 de **Donna Summer**, ganhou uma versão serra elétrica do **Messiah**. "Smells Like Teen Spirit", do **Nirvana**, também foi tecnificada. E "Fire", clássico psicodélico B de Arthur Brown de 69, vira ragga-rave nas mãos do **Prodigy**.

MICHAEL JACKSON NO MIX

O tal álbum de remixes dos clássicos de **Michael Jackson** foi temporariamente adiado. Mas duas versões já saíram em 12"s: "Don't Stop 'Till You Get Enough" por Roger S e "Rock With You" pelos Masters At Work. Como previsto, nem todo o talento e esforço dos remixadores conseguiu igualar os originais.


Roger S

TECNO INFANTO-JUVENIL

Ao menos no capítulo das versões, tecno ficou igual a *disco*. Nos anos 70, da Quinta de Beethoven ao tema de *Guerra Nas Estrelas*, quase tudo ganhou uma versão para pistas. Hoje, tecno destrincha todos os lados. A Inglaterra está especialmente empesteada com versões de temas de programas infantis. "Sesame's Treet", é o tratamento do **Smart E's** para a música do *Vila Sésamo*, enquanto "A Trip To Trumpton" (**Urban Hype**) e "Charly" (**Prodigy**), pegam temas de programas de criança ingleses.

NAS PISTAS

"Raving I'm Raving" **SHUT UP AND DANCE** (Shut Up And Dance)
O pessoal do SUAD odeia raves: fato! Então o que é isso? Um tecno-tribal com um vocal soul que fala sobre raves como se fosse a coisa mais deprê do mundo. Inovador.

"It's My Life" **DR. ALBAN** (Arista)
O sueco-nigeriano mantem o rap inconfundível, mas a música é quase *disco*. Com certeza mais um hit para seu currículo.

"The Music's Got Me" **BASS BUMPERS** (ZYX)
Com uma base ragga-tecno por baixo o BB injeta um refrão soul e um rap veloz. Garantia de ninguém parado.

"Club Lonely" **LIL LOUIS & THE WORLD** (ffrr)
O homem que nos deu "French Kiss" em 89 volta poderoso. Um house suntuoso com historinha: uma garota é barrada num clube por não estar na lista de convidados. Coisas que diferenciam o comum do genial.

CAMILO ROCHA

PARADA

EUA 19/9 *Billboard*
"LSI (Love Sex Intelligence)"
SHAMEN Epic
"Everybody's Free (To Feel Good)"
ROZALLA Epic
"My Peace Of Heaven"
TEN CITY Eastwest
"The Best Things In Life..."
LUTHER VANDROSS & JANET JACKSON Perspective
"You Gotta Believe (Atomic Slide)"
FIERCE RULLING DIVA Invasion

INGLATERRA 12/9 *Music Week*
"The Mighty Ming!"
BROTHERS LOVE DUBS Stress
"Hypnosis"
PSYCHOTROPIC 02
"Praise"
INNER CITY Ten
"Ebeneezer Goode"
SHAMEN One Little Indian
"Bass Shake"
URBAN SHAKEDOWN/MICKY FIN Urban Shakedown

DISPONÍVEL EM
CASSETE | COMPACT DISC

AVALIAÇÃO
INDISPENSÁVEL
BOA PEDIDA
VALE CONHECER
NÃO FAZ FALTA
MANTENHA DISTÂNCIA

Paul Barker, Alain Jourgensen e o baterista William Rieflin

Kristin Callahan/LFI

MINISTRY
The Mind Is A Terrible Thing To Taste
Psalm 69: The Way To Succeed And The Way To Suck Eggs
(Sire/Warner)

No festival *Lollapalooza* não teve para ninguém: Pearl Jam, Red Hot Chili Peppers, Soundgarden, Ice T, foram todos esmagados por uma força superior, muitas toneladas de peso acima de qualquer um. Era o Ministry. E não foi nenhum fã que disse, mas — sem exagero — toda a imprensa internacional.

Já era de se esperar. Desde que lançou *The Land Of Rape And Honey* (88), a dupla formada por Alain Jourgensen (vocais/guitarras/cérebro) e Paul Barker (baixo/cérebro) vem se firmando como a banda mais pesada, mais podre e mais fim-de-mundo do planeta. Tudo graças a uma inédita mistura de tecno, thrash, hardcore e grunge. Com o Ministry, o som industrial deixou de ser chato.

Entre 89 e 92, eles fizeram gemas preciosas como *The Mind Is A Terrible Thing To Taste*, o ao vivo *In Case You Didn't Feel Like Showing Up* e o recente *Psalm 69: The Way To Succeed And The Way To Suck Eggs*. Agora, *The Mind...* e *Psalm 69...* estão saindo no Brasil. É dever de todo mundo que gosta de som pesado sair correndo já e comprar os dois. Chegue em casa, ligue no volume dez. Daí em diante, é *mosh* no tapete e *stage diving* no sofá.

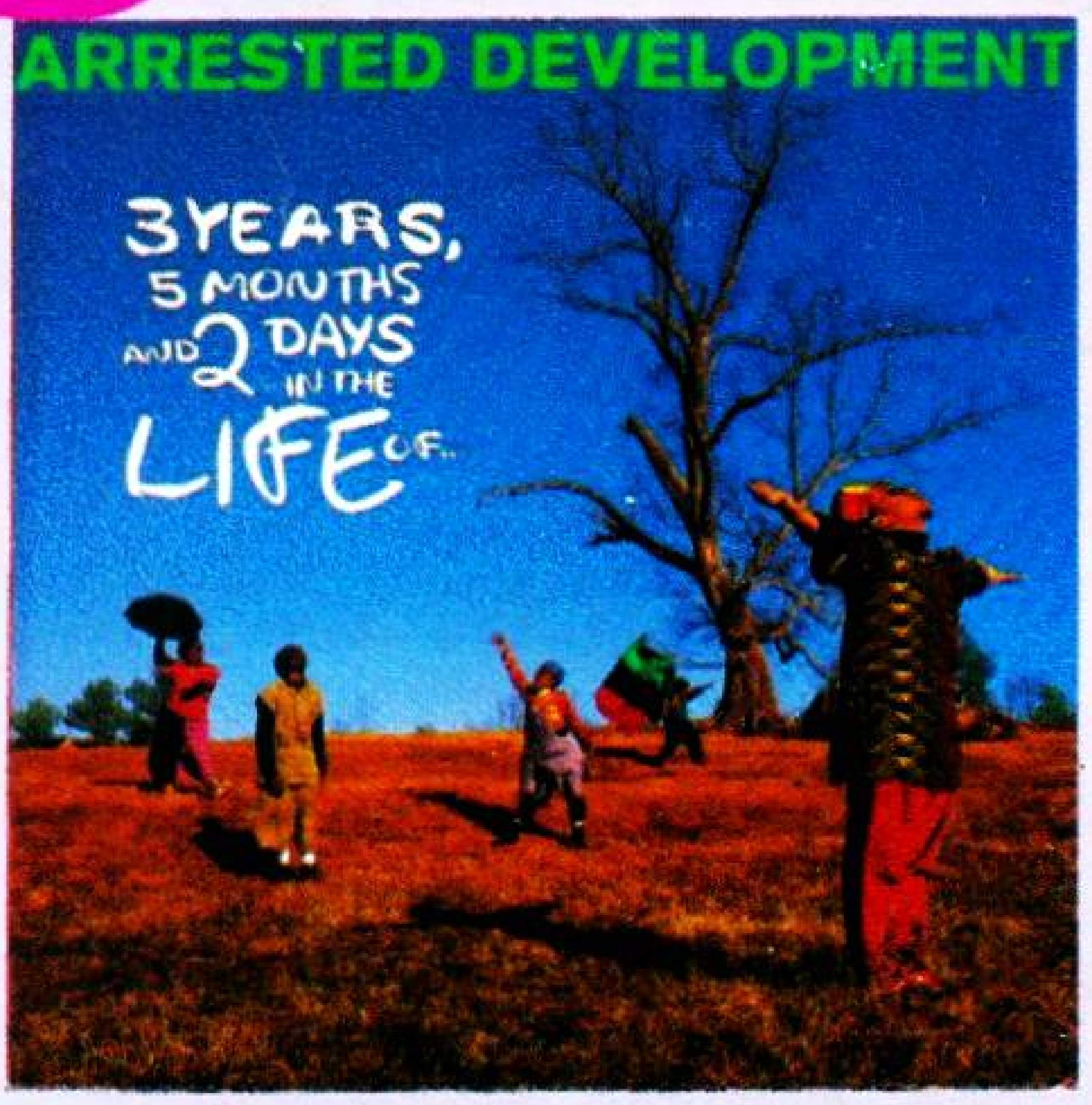
Eles provam que, de agora em diante, o conceito de "música pesada" terá que ser revisto. Depois de Jourgensen e Barker usarem furadeiras elétricas (e não soarem chatos como o Hermeto Pascoal), muitas bandas antes julgadas "de peso" ficaram parecendo o Abba.

Ouça as faixas "Thieves" e "Burning Inside" (em *The Mind...*) e comprove. *Psalm 69...* é até covardia. "N.W.O. (New World Order)", "Just One Fix" e a faixa-título (com um clima épico que lembra a trilha de Jerry Goldsmith para *A Profecia*) são pauladas. E "Jesus Built My Hot Rod" (o primeiro single do álbum) periga ser a melhor música já composta em todos os tempos (nesse instante, com um walkman soltando fumaça na orelha, não dá para lembrar de nenhuma melhor).

Mas é bom tomar muito cuidado ao comprar *The Mind...*: a capa é igualzinha a de *Smack Ao Vivo No Mosh* e você pode acabar ouvindo o Edgard Scandurra no lugar do Alain Jourgensen.

ANDRÉ BARCINSKI

D



ARRESTED DEVELOPMENT
3 Years, 5 Months And 2 Days In The Life Of...
(Chrysalis/EMI-Odeon)

Eles são a nova fronteira do rap, o grupo onde hoje se acha criatividade e inovação no gênero. Isso já foi dito de gente como Stetsasonic, Jungle Brothers, De La Soul, A Tribe Called Quest, Definition Of Sound, Dream Warriors e PM Dawn. E o AD se encaixa perfeitamente nessa linhagem afrocêntrica-freak-relax.

Seu grande diferencial é geográfico. Enquanto 99,99% do hip hop é urbano e as misturas a que se permite vêm de música de cidade (jazz, rock'n'roll, tecno, funk clássico, house, pop de FM), o AD levou tudo para o meio rural.

A capa entrega o jogo: dentro do manjado espírito afro-colorido, os membros do grupo aparecem num rancho. A idéia por trás do AD é que a melhor maneira de se alcançar as verdadeiras raízes da "mãe Àfrica" é através da vida simples do mato.

Eles são do estado da Geórgia (de onde vêm R.E.M. e Black Crowes) e fortemente influenciados pelo rhythm'n'blues tradicional do sul dos EUA. O som tem referências folk, gaitinhas, guitarras e coisas acústicas, samples de Bob Dylan e até uma letra que conclama as crianças a enfiar as mãos na terra e senti-la. Mas não vá esperando nada moroso e bundão, na linha contemplativa com o capinzinho na boca. A batida pega pelos calcanhares e toda a oportunidade de meter barulho, samples e scratches é bem aproveitada.

O rapper-líder Speech traz um estilo particular e inédito: ele *cantarola* seus versos, de um jeito parecido com quando você quer lembrar alguém de uma música e dá uma cantadinha. Absolutamente manso, pausado e se você sabe inglês, *dá até para entender* o que ele está dizendo sem auxílio do encarte. Não que o conteúdo valha tanto a pena: além das viagens à "mãe Àfrica", é território manjado, mas inevitável (racismo, gangues, gueto). Só que a retórica de Speech é muito mais imaginativa que os Ice Ts da vida.

Para gostar logo de cara, ouça na seguinte ordem o hit "Tennessee" (alta rotação na MTV e meio milhão de cópias do single vendidas nos EUA), "Mama's Always On Stage" e "Natural".

Não é a chegada do Messias, mas cem contra um como não aparecerá melhor disco de rap este ano.

CAMILO ROCHA

INXS
Welcome To Wherever You Are
(Mercury/PolyGram)

Mais um disco do INXS rigorosamente igual ao último, penúltimo e assim por diante: um pouquinho de dance, um pouquinho de rock, tudo bem-produzido paca etc. Pessoalmente, adoraria entender a atração exercida pelos caras. Talvez seja justamente essa aguda falta de personalidade do grupo australiano que garanta tantos discos de platina – uma profunda questão filosófica que nada tem a ver com a sua grana. Se você é fã, compre que não te arrependerás. *A.F.*

RAUL SEIXAS
O Baú Do Raul
(Philips/PolyGram)

É incrível que uma gravadora tenha tido a manha de registrar em vinil o arquivo pessoal de Raul Seixas. Parece até coisa de Primeiro Mundo. Pela primeira vez um roqueiro brasileiro merece tratamento tão digno. E quem mais merecedor de tal honraria do que o pai do rock tupiniquim?

Enquanto a jovem guarda inteira seguia os passos do rock italiano de meia-tigela, Raul pisava firme na mesma trilha de Gene Vincent, Carl Perkins, Chuck Berry e Elvis Presley, seu ídolo máximo. E é exatamente a influência deles que predomina nesses takes do começo da carreira do maluco beleza. De cara, uma gravação feita da TV, pela própria mãe de Raulzito, dele ao lado dos Panteras – então The Panthers – interpretando um *medley* de "Jailhouse Rock", "Teddy Bear", "Whole Lotta Shakin' Goin' On" e "Mulher Rendeira". Isso em 63!

Essa mesma mistura de rock'n'roll com baião inspirou "Let Me Sing, Let Me Sing", que Raul defendeu no VII Festival Internacional Da Canção, em 64, junto com "Eu Sou Eu, Nicuri É O Diabo". Ambas comparecem no disco em suas versões originais.

A viagem no tempo segue com "Nanny", a primeira gravação oficial d'Os Panteras, também de 64, e pula para 76, com gravações caseiras de Raul, acompanhado por sua mulher na época, Glória Seixas, interpretando mais clássicos do rock. De quebra, "Sou O Que Sou", uma balada inédita com letra digna do melhor de Raul. *C.E.M.*

MARIAH CAREY
MTV Unplugged EP
(Columbia/Sony)

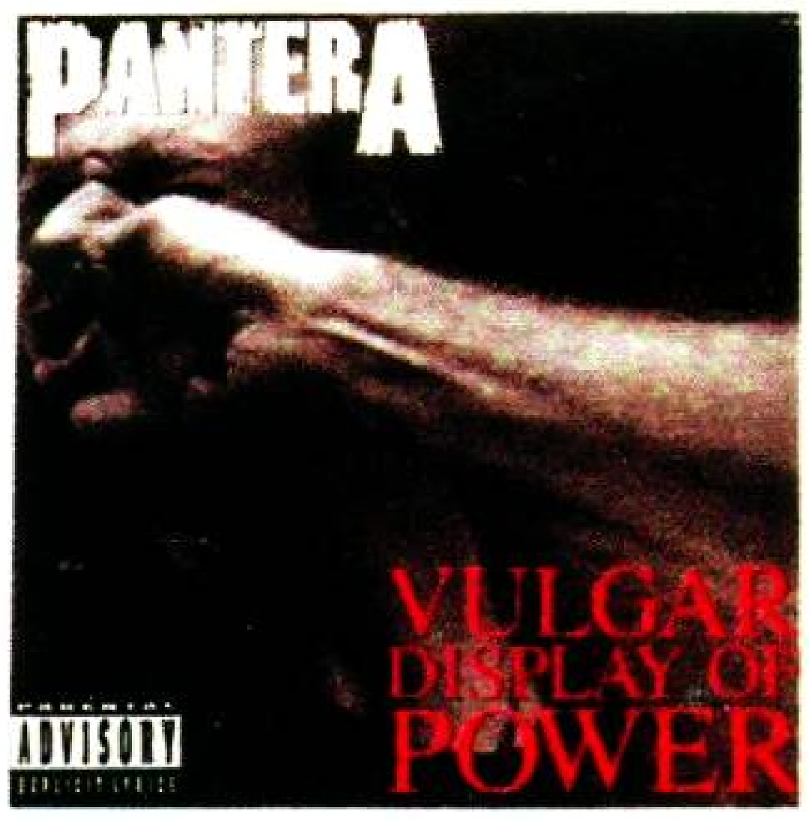
O programa *Acústico*, da MTV, é legal pelo artista gravar um show diferente, sem instrumentos elétricos, em um lugar pequeno e com pouca platéia. Até que chegou Mariah Carey, acompanhada de 26 músicos, metais, cordas e dez vocalistas, cantando seus hits com os mesmos arranjos de seus discos "normais". Qual a diferença entre esta e outras gravações suas? Pouca coisa. É a Mariah Carey de sempre. Funciona em vídeo, porque a mulher é bem apessoada. *R.C.*

ACID STORM
Biotronic Genesis
MYSTIFIER
Wicca
(Heavy Metal Maniac)

O grupo paulista Acid Storm evoluiu bastante nos últimos tempos e deixa isso claro nesse *Biotronic Genesis*. O novo vocalista, Mario Pastore, é que dá um jeito de acabar com a festa, se esganiçando como um frango sendo cozido vivo. É uma pena para o thrash metal da banda. Já os baianos do Mystifier atacam com um satanismo infantilóide levado aos extremos. De um lado, os caras pegam pesado adotando para si nomes de demônios e uma simbologia cascagrossa. De outro, eles pintam a cara num estilo Kiss rasteiro. O som podrão deve agradar os fãs de death metal, mas essas coisas do capeta já deram no saco. *E.O.*

CARTER THE UNSTOPPABLE SEX MACHINE
1992 – The Love Album
(Chrysalis/EMI-Odeon)

Pobre Inglaterra! Em quarenta anos de rock, o país nunca passou por uma fase tão medíocre como a atravessada atualmente. O exemplo mais triste desse estado das coisas atende pelo nome de Carter The Unstoppable Sex Machine. Um duo de pentelhos chamados Leslie "Fruitball" Carter e Jim "Jimbob" Morrison que – sabe-se lá como – colocou *1992 – The Love Album* no primeiro posto da parada britânica. A garotada de lá baba, mas para meus ouvidos, isso não passa de uma fusão *indie-dance* do Jesus Jones requentada ao som *pinball* do Sigue Sigue Sputnik. *A.G.C.D.*



PANTERA
Vulgar Display Of Power
(Atlantic/Warner)

Quem quer detonar a última novidade metálica e ter assunto para conversar com os amigos já deve ter gasto esse disco do Pantera. Não que eles sejam uma novidade – esse já é o quarto álbum dos caras –, mas só agora chegaram no ponto correto de ebulição para pegar na veia dos fanáticos. Com pancadas como "Mouth For War" e "By Demons Be Driven" fica até fácil esquecer o passado negro do quarteto, quando pareciam um xerox vagabundo do Poison. *C.E.M.*

GEORGE HARRISON
Live In Japan With Eric Clapton And His Band
(Dark Horse/Warner)

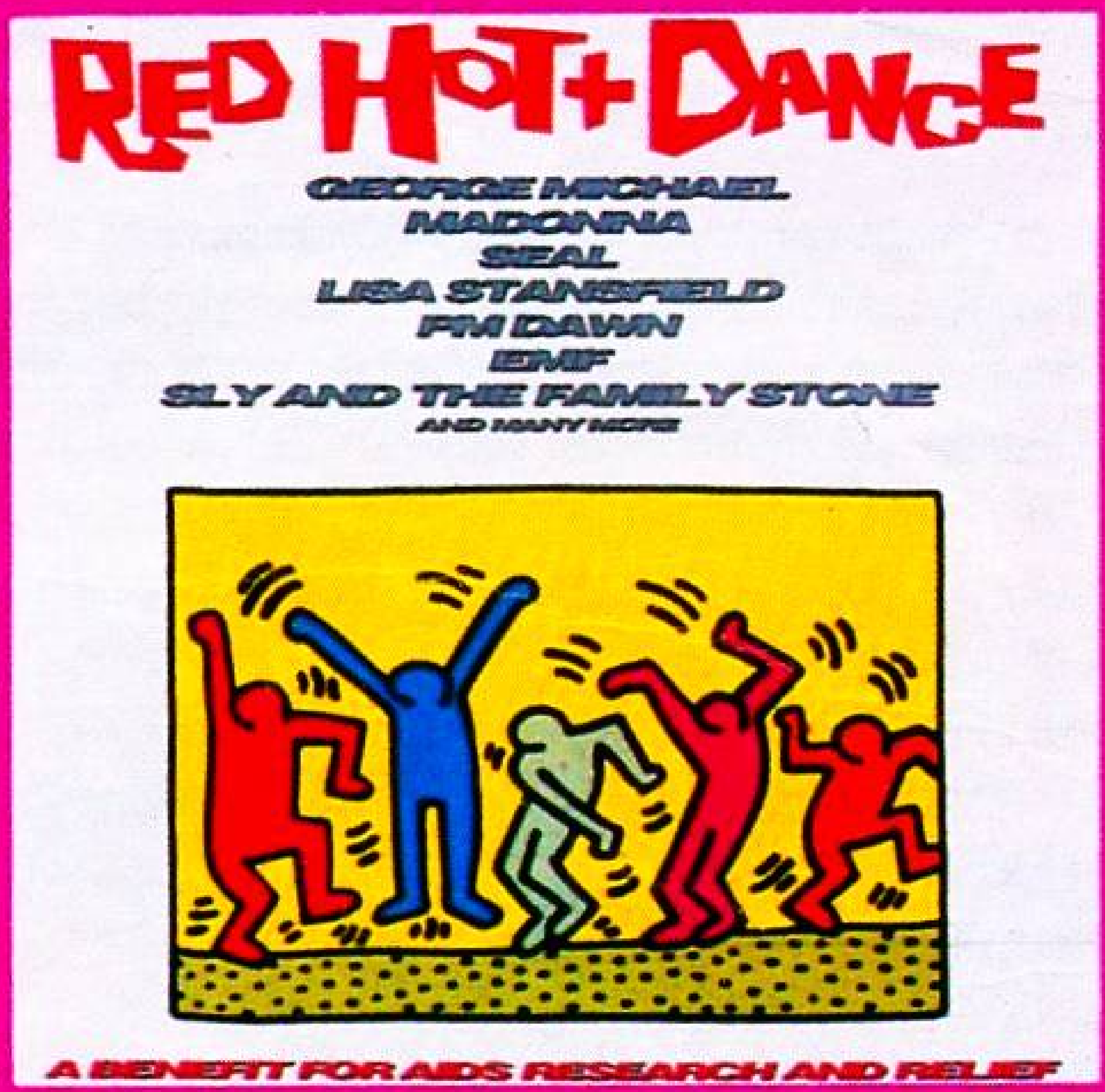
ERIC CLAPTON
Unplugged
(Reprise/Warner)

Eric Clapton faz essa cara de quem está no palco sem muito vontade, de quem sofre a cada nota que toca, mas todo ano faz um álbum novo e dá suas canjas em shows e discos de quem pedir. Em 92, além de lançar a trilha sonora de *Rush*, arrumou tempo para fazer este *Unplugged*, disco acústico gravado num programa da MTV. Clapton toca clássicos do blues, o lacrimoso hit "Tears In Heaven" e dá uma aula de violão. Mas quem está interessado em ter aulas? O guitarrista é acompanhado por sua banda e Ry Cooder, que – humildemente –permanece discreto para não roubar o show do anfitrião.

Já o George Harrison tem essa cara de quem odeia trabalhar. Para que dar duro se você pode ficar em sua mansão colecionando carros antigos? Fazia dezessete anos que ele não fazia um show, mas seu amigo Eric Clapton insistiu muito e até emprestou a banda. Harrison acabou topando tocar no Japão, convencido de que lá o público é mais manso e, em caso de fracasso, não joga tomates nos artistas. Seria o início de uma turnê mundial, mas ficou só nesse*Live In Japan*... O álbum não tem canções novas. As antigas continuaram nos mesmos moldes. Alguns solos de guitarra foram acrescentados aqui e ali, mas o disco parece uma coletânea de grandes hits com aplausos no meio. *R.C.*

SHABBA RANKS
Rough And Ready – Volume 1
(Epic/Sony)

Provando ser uma das figuras-chaves na nova geração da música jamaicana, Shabba aparece nesta antologia de músicas recentes e remixes de canções conhecidas – como "Just Reality", já editada por aqui. A produção de Bobby "Digital" Dixon e os arranjos da dupla Steely & Clevie é que dão a tônica e o peso para o reggae/ragamuffin' de Ranks. Mas curiosamente estão ausentes de duas das melhores faixas: "Mr. Loverman" e "Pirates' Anthem", com Shabba em duetos com a cantora Chevelle Franklin e com os rappers Cocoa Tea e Home T, respectivamente. *C.P.*



GEORGE MICHAEL, EMF, MADONNA, SLY STONE & OUTROS
Red, Hot + Dance
(Epic/Sony)

Red, Hot + Dance...Alegria, Alegria...

Para você ver: pelo menos quatro anos de buchicho, *hype* permanente nas revistinhas inglesas de estilo, até alguns estouros de venda e deu nisso: dance music virou *muzak*, trilha sonora de elevador.

OK, está certo que o time desta segunda coletânea beneficente anti-Aids não é assim o supra-sumo do underground dance. Sempre tem algum grupinho novo nas listas dos DJs descolados. Mas, no mínimo, estão bem representados os vários segmentos da dance que deu certo em termos de grande público. E o resultado é, bem, bundão.

Da "dance music de FM", mainstream, temos George Michael, que abre o disco com três trabalhos inéditos e fracos, inclusive "Too Funky" Todo o restante do disco obedece ao mesmo conceito: hits remixados por DJs famosos (entre eles Frankie Knuckles, um dos inventores da house; Nelle Hooper que era do Soul II Soul; e os monstros do reggae Sly And Robbie, etc.).

Seal e Lisa Stansfield colaboram com novos remixes de "Crazy" e "Change". Na praia "dance de raiz" - feita por e para gente de pista –, há Sabrina Johnston e Crystal Waters, essa com o centésimo remix de "Gipsy Woman". Igualmente morgado e sem o "larari, lariră". Na conexão rap-dance, PM Dawn e Young Disciples, entram com dois hits respeitáveis –"Set Adrift On Memory Bliss", que até trilha de novela já foi, e "Apparently Nothing". Madonna também pisa com um remix de "Supernatural" assinado por Sly & Robbie e chato para caramba.

Só duas coisas merecem menção especial. Um: a versão decente de Todd Terry para "Thank You (Falettinme Be Mice Elf Agin)", do Sly And The Family Stone – que, junto com James Brown, é avô de todo o funk; se você nunca ouviu, compre a trilha do filme *Woodstock* e descubra o mundo maravilhoso dos anos 60. E dois: acredite se quiser, o remix de Brian Eno para "Unbelievable" do EMF.

A impressão que bate neste fim de ano é que só sobrou nas pistas tecno histérico, disco anos 70 e aquele esqueminha mezzo-house "uma diva por mês, dez remixes de cada música". Podem ser os cabelos brancos chegando, mas prefiro ficar em casa.

ANDRÉ FORASTIERI

CIDADE NEGRA
Negro No Poder
(Epic/Sony)

É fácil ser condescendente com esse povo, na linha paternalista do clássico "críticos-classe-média e o endeusamento do Moleque De Rua". Mas reconheço um disco chato a quilômetros, mesmo sob a aura "luta-músico brasileiro-vida sofrida-Baixada Fluminense". "Ah, mas no Sunsplash eles foram consagrados pelo público mais exigente de reggae do planeta". Tudo bem, então proíba a maconha no Sunsplash, ponha o "chaka-um-chaka" dormente e burocrático do CN no palco e assista ao vôo das garrafas. Eles ainda fizeram uma música que fala que os salários estão baixos: nem a banda punk mais semi-analfabeta teria coragem. *C.R.*

WILSON PHILLIPS
Shadows And Light
(SBK/EMI-Odeon)

Como são chatas essas Wilson Phillips! E isso apesar de serem filhas de integrantes dos Beach Boys e The Mamas And The Papas. Imagine se fossem do Paul Simon com o Art Garfunkel. O problema é que são filhas "rebeldes", não respeitam as tradições paternas. Sua música é uma versão açucarada de Madonna. Um pop para trilha de telefilmes babas. A Deborah Blando é melhor, pelo menos sabe fazer boas covers de Rita Pavone. *R.C.*

KC AND THE SUNSHINE BAND,
JIMMY "BO" HORNE,
GEORGE McRAE & OUTROS
Dancin' Machine
(EMI-Odeon)

Se você não é um fanático por música disco, mas está numas de dar uma fuçada nos sebos atrás de alguma tranqueira da época em que até machão rebolava (?!!!), poupe seu tempo. Vá direto nessa coletânea. Belezas de canções como "That's The Way", do KC And The Sunshine Band, "Get Off", do Foxy, e "Dance Across The Floor", de Jimmy "Bo" Horne, são mais do que suficientes para abastecer seu toca-discos por um bom tempo. Melhor ainda é a edição em CD, que entre as quatro faixas-bônus inclui duas com James Brown, junto a Bobby Byrd e The JB's. *C.E.M.*

QUEEN
Live At Wembley '86
(Parlophone/EMI-Odeon)

Dou a mão à palmatória: em 87, na ocasião do lançamento de *Live Magic* (com excertos de shows em Knebworth, em Budapest e no próprio estádio de Wembley), escrevi mal sobre o disco, taxando-o de frio, burocrático ou coisa parecida. Me redimo louvando este registro ao vivo da mesma época. Mostrando-se uma ótima banda de arena - sem o sentido pejorativo -, Freddie & Cia. conduzem a platéia ao delírio, com seus próprios hits e covers de Leiber & Stoller, Gene Pitney e Little Richard. *C.P.*

HERMETO PASCOAL E GRUPO
Festa Dos Deuses
(Philips/PolyGram)

Um galo canta e inicia *Festa dos Deuses*, o novo disco de Hermeto Pascoal. Os deuses de Jimi Hendrix em "And The Gods Make Love" são gigantes épicos, wagnerianos. Os deuses de Hermeto Pascoal são seres pequenos, brincalhões, festeiros, que ocupam pedras, lagos, plantas, panelas e todas as coisas da natureza.

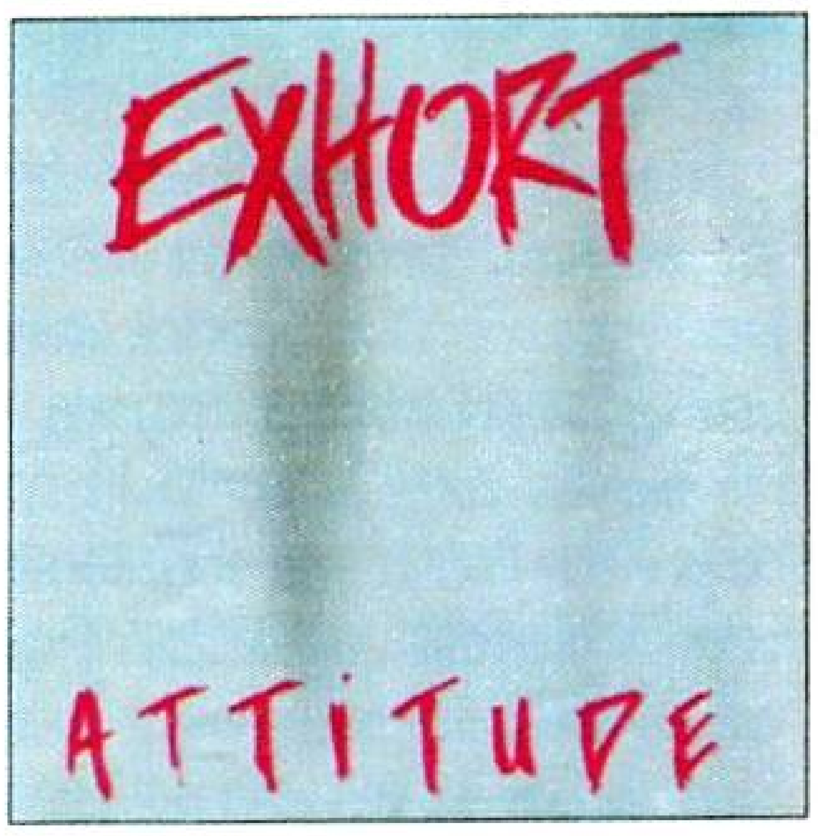
A concepção animista de Hermeto Pascoal se aprofunda nesse novo disco. Dentro dessa concepção, todos os seres e coisas têm suas auras, que por sua vez têm suas músicas próprias. O trabalho do xamã Hermeto é descobrir esta música.

Assim como pintores renascentistas procuravam a luz própria de cada objeto, Hermeto e sua banda procuram as sonoridades das águas, animais, objetos e até de gente. O objetivo é fazer com que cada ouvinte perceba apenas o som, esquecendo do objeto de onde vem tal som.

Pode não ser uma teoria muito convincente, mas com Hermeto rendeu uma música mais que convincente (e além do mais, com teorias melhores que essa, muita gente já fez música ruim). Qualquer prevenção contra excentricidades se desmancha ante a beleza, por exemplo, dos sons de chocalhos na água, ou do solo de serrote criado pelo percussionista Pernambuco.

Apesar dos solos de chaleira, pernas de cadeira etc., em *Festa Dos Deuses*, Hermeto não traz grandes ousadias na escolha de instrumentos: ele já foi bem longe nisso e descobriu até que é possível fazer boa música com coisas absurdas como sintetizadores e samplers. Dessa vez o interesse de Hermeto se concentrou principalmente na voz humana. É significativo que seu nome na capa do disco esteja escrito com letras formadas pelos próprios corpos dos músicos: a letra "T", por exemplo, é o percussionista com os braços abertos, a letra "L" é formada por dois outros percussionistas e por aí vai.

Dentro da lógica animista, Hermeto "humaniza" ainda mais sua música. O sinal mais óbvio disto são as versões musicadas de um discurso do sr. Fernando Collor, da filha de Hermeto dando uma aula de natação e do ator Mário Lago declamando uma poesia. Mas esta "humanização" da música se espalha por todo o disco. O sax de Carlos Malta, por exemplo, está combinado quase que todo o tempo com a voz da cantora Luciana Souza. E as composições soam como conversas entre cada instrumento. *ROGÉRIO DE CAMPOS*



EXHORT
(Rock Brigade)

Mesmo deixando clara a pouca experiência do grupo, o Exhort conseguiu mostrar em seu disco de estréia que tem estilo próprio. E que estilo! Eles dosam com precisão

tecladeiras, firulas guitarrísticas e puro peso. Sem cair em obviedades e nas "bunda-molices" típicas de quem se arrisca a rechear o metal de melodia, os caras se revelam bons compositores e ameaçam cumprir à risca a promessa de se transformar num dos grandes nomes do rock nacional. *E.O.*

BOBBY BROWN
Bobby
(MCA/BMG-Ariola)

Ser o cara que toma café com Whitney Houston todas as manhãs é uma péssima referência. Sorte de Bobby Brown ter feito um disco em 89, que foi um dos ápices dos *wingbeat* (hip hop com melodias soul tradicionais que vende milhões nos EUA). Seu sucessor merecia uma conferida. O problema é o gênero *swingbeat*, uma laranja espremida centenas de vezes nos últimos anos. Chegou no estágio em que poderia ser Bell Biv Devoe, Johnny Gill ou Bobby que eu ou você não iríamos notar a diferença. *C.R.*

BEASTIE BOYS
Check Your Head
(Capitol/EMI-Odeon) só editado em

Quando o mundo está apinhado de *new jacks* prontos para mandar bala em meganhas e chauvinistas engraçadinhos metendo impropérios (entre outras coisas) nos ouvidos do sexo "frágil", os Beasties Boys voltam à cena fugindo desses moldes. Eles haviam desaparecido dois anos atrás, após *Paul's Boutique*, deixando uma lacuna para os rappers de todas as cores e credos, desde o malaco Ice Cube até MC Serch, do 3rd Bass, que trafega no ridículo vangloriando-se de sua posição de rapper branco.

"Cheque sua cachola". É isso o que Adam Yauch, Adam Horovitz e Mike Diamond veiculam neste álbum, inexplicavelmente editado no Brasil apenas em cassete. Ele traz diferenças fundamentais. Primeira: desta vez os B-Boys encaram os instrumentos e Mike D mostra que estudou nas férias. Segunda: o ranço sexista instituído por Rick Rubin foi quase todo deletado. E a melhor: o percussionista/tecladista Mark Ramos Nishita, responsável pela mudança do som da banda.

O disco inicia com uma pirataria de *Live At Budokan*, do Cheap Trick. Ela anuncia "Jimmy James", matadora da saudade desse trio que incorpora genes de Sid Vicious, George Clinton, Moe, Larry e Shemp. "Funky Boss", a melô do office-boy irado, vem a seguir, colocando a pulga atrás da orelha. As duas seguintes — "Pass The Mic" e "Gratitude", com King Ad-Rock ensaiando um vocal semi-heavy — quase são esquecidas quando se ouve "Lighten Up", com cuíca e bate-papo entre uma guitarra com *wah-wah* e um teclado mellotrônico. É o começo da subversão por um caminho inesperado, seja nas instrumentais "Pow" e "In 3's", em "Groove Holmes" ou na jam "Live At P.J.'s", que levanta teses de mestrado sobre a proximidade do rap e do jazz. Sem contar Biz Markie e Ted Nugent numa versão hardcore de "Time For Livin" de Sly Stone. Os BB já não estão mais tão *beasties* (e muito menos *boys*). Estão só melhores. *JOSÉ JÚLIO DO ESPÍRITO SANTO*

BARÃO VERMELHO, CAETANO VELOSO, RENATO RUSSO & OUTROS
Viva Cazuza
(Philips/PolyGram)

Descontada a causa nobre (todos os lucros das vendas do disco reverterão para a assistência de aidéticos) e o despreendimento dos participantes, *Viva Cazuza* não passa de um razoável tributo à memória do artista, gravado ao vivo na Praça da Apoteose (RJ) no final de 90. Para alívio geral, as atuações de Fagner, dos Heróis Da Resistência e de Baby Consuelo foram omitidas. Mas Emílio Santiago, Bebel Gilberto e Leila Pinheiro garantiram momentos de constrangimento. De bom mesmo, há o Barão ("Maior Abandonado") e um arrepiante Renato Russo ("Quando Eu Estiver Cantando"). *A.G.C.D.*

PUNGENT STENCH
For God, Your Soul... For Me, Your Flesh
BENEDICTION
Subconcious Terror
(Nuclear Blast/Rock Brigade)

A gravadora Rock Brigade encontrou um filão bacana para sobreviver nestes tempos de vacas magras. Seus lançamentos de discos do selo alemão Nuclear Blast - especializado em podreiras death metal - vão muito bem, obrigado! Benediction é uma das muitas bandas paralelas do pessoal do Napalm Death. No caso, o vocalista Mark "Barney" Greenway comanda o festival de cassetadas do além promovido pela banda em *Subconscious Terror*. Faixas como "Eternal Eclipse", "Divine Ultimatum", "Grizzled Finale" e "Suspended Animation" são legítimo horror apocalíptico traduzido em música.

O austríaco Pungent Stench é melhor ainda. Quem diria que a mesma terra que abasteceu os bailes de debutantes por mais de um século com valsas melosas poderia abrigar uma paulada tão detonante como a promovida por esses caras. As letras são pura ira adolescente. Eles não perdoam nem mesmo a avó defunta que empurrava comida aos netinhos: "agora eu estou com fome, mas, por favor, não se incomode/ você não precisa cozinhar, porque você é o meu almoço", cantam eles em "A Small Lunch". De moleque para moleque! *C.E.M.*

SWING OUT SISTER
Get In Touch With Yourself
(Fontana/PolyGram)

Os ingleses do Swing Out Sister fazem pop chique na medida certa. Estouraram em 87 com a dançante "Breakout". A partir do segundo disco pegaram uma estrada Burt Bacharach-trilhas de filmes de espionagem dos anos 60, a qual resultou em belíssimos arranjos e melodias, sem perder o critério soul-pop. Ouvindo baixinho é um finíssimo background para coisas agradáveis depois das dez. Ouvindo alto vira um som para levantar o espírito e fazer algo útil. *C.R.*

O MURDER INC. une os elementos mais furiosos do pós-punk inglês com o melhor hardcore eletrônico do mundo, por uma ótima razão: a banda é formada por metade dos Revolting Cocks e metade da formação original do Killing Joke, uma ponte lógica que cobre dez anos de fúria e distorção. O álbum de estréia homônimo do grupo – lançado pelo selo Invisible – une a porrada típica da Wax Trax com o senso de composição dos "velhinhos" do KJ e de **CHRIS CONNELLY**, guitarrista/tecladista/cantor da banda (e também do Pigface, projeto paralelo de Paul Barker do Ministry). Dá até para dançar!

Quem gostar deve conferir também o segundo solo de Chris, **Phenobarb Bambalam** (Wax Trax). O primeiro era meio "conceitual" (no sentido Bowie – fase *Lodger* do termo). O novo impressiona mais.

Como era de se esperar, também traz caras do Ministry/RevCo (como o baterista Martin Atkins). O disco tem um pé no tecno inteligente dos anos 80 (alguém aí lembra do Shriekback?), mas com roupagem moderna e peso decente. Agora, veja bem, é *música*: Acima da avalanche noise, dominam refrão, estrutura, letra, essas coisas. E fugindo do papo "nóis aqui é macho" da gangue de Chicago, Chris dá até crédito para seu cabelereiro. Ótimo.

ANDRÉ FORASTIERI

O trabalho em grupos paralelos tem sido constante para os membros do Skinny Puppy. Afora o Welt e o Tear Garden, há também o projeto **HILT**, cuja origem data da época em que Cevin Key e Alan Nelson (que também é o autor dos vídeos que o grupo exibe ao vivo) tocavam juntos na banda punk Illegal Youth.

Quem ouvir o mais recente álbum deles – **Journey To The Centre Of The Bowl** (Nettwerk) – esperando rotineiros bip-bips, vai levar um susto. O que está em pauta aqui é uma *bad trip* absurdamente lisérgica, por onde vagam solos de guitarra pós-hendrixianos e vinhetas que poderiam servir de trilhas para desenhos animados.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

P.J.HARVEY é um trio e também o nome abreviado de Polly Jean Harvey, uma cantora/compositora – além de guitarrista e violinista – que surpreendeu a cena britânica com um álbum de estréia impecável. **Dry** (Too Pure) foi primeiro lugar nas paradas *indie* inglesas e causou polêmica. Não apenas pelas letras de Polly, que tratam com crueza de sexo, amor e morte, mas também por sua desinibição em aparecer nua da cintura para cima – na contracapa do disco e em uma capa do semanário inglês *New Musical Express*.

Isso, claro, não define o talento dessa garota de 22 anos, que cresceu ouvindo Captain Beefheart e Stones (seus pais são ex-hippies), vive reclusa no campo e já tocou sax numa *big band*. Com Stephen Vaughan (baixo) e Robert Ellis (bateria), ela faz um som de primeira: pesado, com barulho, mas com um senso de dinâmica único. É prestar atenção: o trio assinou com a Island e lança o segundo álbum no começo de 93.

DANIEL BENEVIDES

"Esqueça a merda que dizem sobre 'alternativo' e 'metal'. Ouça o **PRONG** e derrube a porra das fronteiras". A gentil recomendação do Nitzer Ebb, ao lado de outras vindas de Ice T, Jim "Foetus" Thirwell e Paul Raven (Killing Joke) dá o tom do EP de remixes do grupo, **Whose Fist Is This Anyway** (Epic). Thirwell e Raven conseguiram ampliar as cacetadas de quatro faixas de *Prove You Wrong*, o melhor álbum de 91 (deixa o Ministry no chinelo). O disco tem 26 minutos, uma faixa inédita e ainda destaca a versão definitiva de "Get A Grip (On Yourself)", dos Stranglers.

ROSCOE MACIEL

Para os fanáticos pelas elucubrações vocais de **IAN GILLAN**, uma boa surpresa. **Cherkazoo & Other Stories** (Edsel) é o CD que dá uma garimpada na produção do início dos anos 70 do então cantor do Deep Purple, em gravações que fez ao lado do baixista Roger Glover. A maioria das músicas faz parte da trilha de um desenho animado bolado por eles, mas nunca realizado. Quase todo o material foi gravado no estúdio caseiro do próprio vocalista e o resultado – com toques de som dos *sixties* – é anos-luz melhor do que qualquer uma das coisas que o cara anda cometendo atualmente.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

Dois baixos, duas baterias, sampler e vocal é a formação do **SONIC VIOLENCE**, um grupo inglês e esquisitão. Não é exatamente novidade (o Cop Shoot Cop, de Nova York, faz melhor), mas a tentativa de apavorar *sem* guitarra e com *dois* baixos leva o grupo em Transfixion (Dreamtime), para perto dos Swans, na primeira fase. "Cabeção" casca-grossa.

ALEX ANTUNES

STEVIE WONDER, MARVIN GAYE E OUTROS
The Sounds Of Motown

Direção: vários, 1985 (50 min., EMI-Odeon)

Na era pré-videoclip um dos poucos registros visuais de artistas que não tinham grana para bancar seus *Help!* (99% deles) são os programas de TV. Nos EUA, haviam os de Ed Sullivan e Johnny Carson e outros como o Soul Train; na Inglaterra o Globo de Ouro melhorado *Top Of The Pops* e o *Ready Steady Go!* Este último representa um riquíssimo acervo: durou quase toda a década de 60. Quase todo mundo que fez sucesso na época passou pelo *Ready...*

Como qualquer um desses programas, o *Ready Steady Go!* era cafona para a época. Por conseqüência, virou uma delícia para os olhos de hoje. Dançarinos com coreografias absurdas e, no comando de alguns programas, Dusty Springfield, a Wanderléa dos ingleses.
Quando o fenômeno Motown explodia nos EUA e estava prestes a desembarcar na Inglaterra (idos de 65) o *Ready...* prontamente registrou, num especial com os principais nomes da gravadora de Detroit. Um ano antes, George Harrison, durante uma passagem dos Beatles pelo programa, já dizia ao apresentador: "Ouvimos Motown o tempo todo" (o que pode ser constatado em *Beatles Live At The Ready Steady Go!*, disponível no Brasil). Este programa foi a grande introdução das novas estrelas ao público inglês.

Apareceram ao vivo e em preto e branco, com seus hits, Supremes ("Stop! In The Name Of Love" e "Baby Love", que nas semanas seguintes chegaria em primeiro na Inglaterra), Smokey Robinson ("You Really Got A Hold On Me"), Martha Reeves & The Vandellas ("Dancing In The Street"), Stevie Wonder ("Kiss Me Baby"), Temptations ("My Girl") e Marvin Gaye ("Can I Get A Witness").

É repetitivo e desnecessário se derramar sobre como e por que o som da Motown é tão bom. Isso é fato! Só que além da música, os artistas da Motown passavam por uma cuidadosa preparação de imagem, que ia dos passos de dança ensaiadíssimos até aulas de etiqueta. Prepare-se para elegância à décima potência.Pop que preenche todos os requisitos.

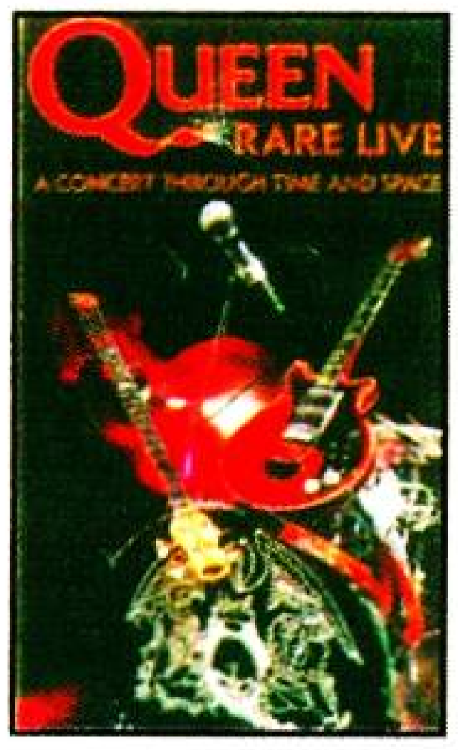
Não se tem mais.
Guarde com carinho.

CAMILO ROCHA

BRUCE DICKINSON
Dive! Dive! Live!

Direção: Jim Yukich (1991, 90 min., EMI-Odeon)

Vídeo-solo do vocalista do Iron Maiden para os fãs insaciáveis. O guitarrista Janick Gers barbariza. Melódico, também adora esporro e Hendrix. Tem hard rocks acessíveis e deliciosos. Lados B de singles chegados no folk. E covers legais: "All The Young Dudes" (que Bowie compôs para o Mott The Hoople), "Black Night" (Deep Purple) e "Sin City", (AC/DC). Tirando "Riding With The Angels", do Samson, e a estonteante "Son Of A Gun", não lembra muito o Maiden. Para bater a cabeça e tocar guitarra imaginária sozinho no quarto. *J.R.L.*



QUEEN
Rare Live

Direção: Vários. 1989 (60 min., hi-fi estéreo, EMI-Odeon)

Rare Live é um verdadeiro testamento da qualidade do Queen ao vivo. Uma colcha de retalhos de preciosidades da banda. São 13 anos de trajetória passados a limpo: desde imagens inéditas de um ensaio em Londres, em 73, até os últimos petardos da banda, em 86, passando por músicas inéditas em vídeo como "Liar" e "Stone Cold Crazy". A edição é primorosa. Os cortes de um show para outro são tão bons que em "Keep Yourself Alive" (parte gravado em Londres, em 74, parte gravado em Tóquio, em 85) a diferença de qualidade é irrisória. *C.Z.*

IMPORTADOS

Ian Tilton/ Retna

NIRVANA, MUDHONEY E OUTROS
Subpop Network Program Vol. 1

(EUA, 91, Sub Pop)

Esta coletânea de clips não é apenas uma chance que você tem para conhecer mais bandas de Seattle que os seus amigos. É a prova de que já se fazia muita coisa boa lá na terra de *Twin Peaks* antes mesmo do estouro do Nirvana (que aparece com "In Bloom" ainda com o antigo baterista). Nota dez para os clips do Mudhoney. Vale também pela oportunidade de se conhecer obscuridades como o Seaweed, The Fluid e os cafonas classe Z do Thee Headcoats. A fita é distribuída no Brasil pelo Studio Tan. *RENATO YADA*

OUTROS LANÇAMENTOS

DIRE STRAITS *Alchemy Live* (PolyGram) Show da banda em 83 no Hammersmith Odeon, Londres, em que foi gravado o álbum duplo *Alchemy – Dire Straits Live*.

DEF LEPPARD *In The Round, In Your Face* (PolyGram) Registro da turnê norte-americana da banda em 88, com hits como "Animal" e "Rock! Rock! (Til You Drop)".

PARADA

Convenções:
(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição anterior

LEITORES

1 (20) *Angel Dust* Faith No More PolyGram
2 (3) *Blood Sugar Sex Magik* Red Hot Chili Peppers Warner
3 (5) *Supermercados Da Vida* Barão Vermelho Warner
4 (1) *Achtung Baby* U2 PolyGram
5 (19) *Fear Of The Dark* Iron Maiden EMI-Odeon
6 (8) *Use Your Illusion 2* Guns N'Roses BMG-Ariola
7 (N) *Screamin In Blue Live* Midnight Oil Sony
8 (14) *Ten* Pearl Jam Sony
9 (R) *V* Legião Urbana EMI-Odeon
10 (18) *Os Grãos* Paralamas do Sucesso EMI-Odeon
11 (R) *Facelift* Alice In Chains Sony
12 (N) *Adrenalize* Def Leppard Warner
13 (2) *Nevermind* Nirvana BMG-Ariola
14 (N) *Masque* The Mission PolyGram
15 (6) *Moleque de Rua* Sony
16 (R) *Greatest Hits 2* Queen PolyGram
17 (N) *Anos Rebeldes* Trilha Sonora Som Livre
18 (9) *Roll The Bones* Rush PolyGram
19 (N) *Temple Of Dog* PolyGram
20 (N) *Bleach* Nirvana BMG-Ariola

LOJAS

1 (1) *Ten* Pearl Jam Sony
2 (7) *Facelift* Alice in Chains Sony
3 (2) *Fear of the Dark* Iron Maiden EMI-Odeon
4 (17) *The Southern Harmony...* The Black Crowes PolyGram
5 (N) *Bricks Are Heavy* L7 PolyGram
6 (12) *Countdown To Extinction* Megadeth EMI-Odeon
7 (N) *Unplugged* Eric Clapton Warner
8 (8) *The Plague That Makes...* Infectious Grooves Son
9 (N) *Revenge* Kiss PolyGram
10 (5) *Dehumanizer* Black Sabbath EMI-Odeon
11 (6) *Badmotorfinger* Soundgarden PolyGram
12 (N) *As Ugly As They Wanna Be* Ugly Kid Joe PolyGram
13 (N) *Dirty* Sonic Youth BMG-Ariola
14 (9) *Nevermind* Nirvana BMG-Ariola
15 (N) *Temple Of The Dog* PolyGram
16 (N) *Baú do Raul* Raul Seixas PolyGram
17 (N) *Live In Japan* George Harrison Warner
18 (N) *The Brasil Project* Toots Thielemans BMG-Ariola
19 (N) *Secret Story* Pat Metheny PolyGram
20 (R) *Rush* Eric Clapton Warner

EUA

LPs

1 *Some Gave All* Billy Ray Cyrus Mercury
2 *Unplugged* Eric Clapton Duck
3 *Ten* Pearl Jam Epic
4 *Beyond The Season* Garth Brooks Liberty
5 *Bobby* Bobby Brown MCA
6 *What's The 411* Mary J. Blige MCA
7 *Boomerang* Trilha Sonora Arista
8 *Funky Divas* En Vogue Atco
9 *Totally Krossed Out* Kris Kross Ruffhouse/Columbia
10 *I Still Believe In You* Vince Gill MCA

COMPACTOS

1 "End Of The Road" Boyz II Men Motown
2 "Sometimes Love Just Ain't Enough" Patty Smyth MCA
3 "Baby-Baby-Baby" TLC Arista
4 "Humpin' Around" Bobby Brown MCA
5 "November Rain" Guns N' Roses Geffen
6 "Stay" Shakespear's Sister London
7 "Jump Around" House Of Pain Tommy Boy
8 "Just Another Day" Jon Secada SBK
9 "She's Playing Hard To Get" Hi-Five RCA
10 "Please Don't Go" K.W.S. London

LPs COLLEGE

1 *Dirty* Sonic Youth DGC
2 *Singles* Trilha Sonora Epic
3 *Your Arsenal* Morrissey Sire/Reprise
4 *Dry* PJ Harvey Indigo/Island
5 *Psalm 69* Ministry Sire

GB

LPs

1 *Tubular Bells II* Mike Oldfield WEA
2 *Tourism* Roxette EMI
3 *Kylie Greatest Hits* Kylie Minogue PWL
4 *Back To Front* Lionel Richie Motown
5 *Diva* Annie Lennox RCA
6 *Unplugged* Eric Clapton Duck
7 *Best of...* The Smiths WEA
8 *Paul Weller* Go! Discs
9 *The Greatest Hits* Neil Diamond Columbia
10 *Dangerous* Michael Jackson Epic

COMPACTOS

1 "Rhythm Is A Dancer" Snap Arista
2 "The Best Thing In Life Are Free" Luther Vandross & Janet Jackson Perspective
3 "Baker Street" Undercover PWL
4 "Achy Breaky Heart" Billy Ray Cyrus Mercury
5 "Just Another Day" Jon Secada SBK
6 "Ebeneezer Goode" The Shamen One Little Indian
7 "Do You Want Me" Felix DeConstruction
8 "Walking On Broken Glass" Annie Lennox RCA
9 "Too Much Love Will Kill You" Brian May Parlophone
10 "It's My Life" Dr. Alban Arista

LPs INDEPENDENTES

1 *Red Heaven* Throwing Muses 4AD
2 *Delaware* The Drop Nineteens Hut
3 *Fontanelle* Babes In Toyland Reprise
4 *The Death Of Cool* Kitchens Of Distinction One Little Indian
5 *Rocking' The Forest* Sebadoh 20/20

Leitor: sua participação é importante! Escreva para a *Bizz - Parada Dos Leitores* - Av. Nações Unidas, 5.777, CEP 05479, São Paulo, SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Se possível, Acrescente seu telefone para que voltemos a consultá-lo quando necessário.

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA), de 12/09/92 a 26/09/92, Melody Maker, New Musical Express e Music Week (GB), de 22/08/92 a 12/09/92. Para a Parada dos Leitores, foram consideradas as cartas recebidas até 23/09/92.

Lojas consultadas: Cogumelo Discos e Câmbio Negro (BH), Pop Som e Multison (Porto Alegre), Modern Sound, New Sound e Sub Som (Rio de Janeiro), Temptation Discos e Jukebox (Curitiba), Baratos Afins, Bossa Nova, Musical Box, Wop Bob e Mesbla (São Paulo) em 23/09/92.

PolyGram

Temple Of The Dog

HUNGER STRIKE

GREVE DE FOME

(Chris Cornell)

I don't mind stealing bread from the mouths of decadence
but I can't feed on the powerless
when my cup's already overfilled, filled
but it's on the table, the fire is cooking
and they're farming babies
while slaves are working
the blood is on the table and their mouths are choking
I'm growing hungry

I don't mind stealing bread from the mouths of decadence
but I can't feed on the powerless
when my cup's already overfilled
but it's on the table, the fire is cooking
they're farming babies
while the slaves are a-working
and it's on the table and their mouths are choking
but I'm growing hungry, growing hungry
I'm growing hungry, growing hungry (3x)

I'm growing hungry, growing hungry (2x)
don't mind stealing bread, ooh, I don't mind
no, I don't mind stealing bread
I'm growing hungry, growing hungry (2x)

Não me importo em roubar pão das bocas da decadência
mas não posso me alimentar dos impotentes
quando minha caneca já está cheia, transbordando
mas está na mesa, o fogo está cozinhando
e eles estão cultivando bebês
enquanto os escravos trabalham
o sangue está na mesa e as bocas deles, entupidas
estou ficando com fome

Não me importo em roubar pão das bocas da decadência
mas não posso me alimentar dos impotentes
quando minha caneca já está cheia
mas está na mesa, o fogo está cozinhando
e eles estão cultivando bebês
enquanto os escravos trabalham
e está na mesa e as bocas deles, entupidas
mas estou ficando com fome, ficando com fome
estou ficando com fome, ficando com fome (3x)

Estou ficando com fome, ficando com fome (2x)
não me importo em roubar pão, ooh, não me importo
não, não me importo em roubar pão
estou ficando com fome, ficando com fome (2x)

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Celso de Salles Pucci
Editor Assistente: Camilo Rocha
Diretor de Arte: Michel Spitale
Editor de Arte: Richard Kovács
Redator: Rogério de Campos
Repórter: Carlos Eduardo Miranda
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Diagramadores: Antônio Fernando Morra, Izau Norbertino Renato Yada (sênior)
Correspondentes: Ana Maria G. Lemos (Londres), José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores: Texto - Alex Antunes, Ana Maria Bahiana, André Barcinski, Arthur G. Couto Duarte, Claudio Campos, Evil Otto , Jean Yves de Neufville, João Gordo, João Ricardo Lima, José Júlio do Espírito Santo, Leandro D. Fortino, Luís Cláudio S. Garrido, Luiz Henrique Romagniolli, Marcel Plasse, Marisa Adán Gil, Max Cavalera, Otavio Rodrigues, Rene Ferri. **Fotografia:** Angelo Pastorello, J. Santana, Rui Mendes. **Ilustração:** Maria Amélia. **Tradução:** Ronaldo Masciarelli. **Revisão e Preparação de Texto**: Alexandre Ortiz Ramos

PUBLICIDADE

Diretor: Rogério Rahier
Gerentes: Alaor Machado, Miguel Castello
Supervisores: João Jorge Rangel, Oscar de Oliveira (SP); Lídia Camarate, Thais Franco (RJ)
Contatos: Antonio Perissinoto, Roberto Vercelli, Tânia Mattana (agências); Ana Maria Lobo, Claudia Freitas, Marcelo Cataldi, Maria Tereza Barreira, Marília Hindi, Nadia Lappas, Patricia Juliaz (diretos)
Marketing Publicitário: Marta de Moraes
Coordenadores: Igor Assan, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

BIZZ 87 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 211-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril/Abril Press. **Rio de Janeiro**: R. Marechal Câmara, 160 - 15º andar-s/1533/34, CEP 20020, tel: (021) 532-0313, telex: (021) 36890, fax: (021) 532-1468. Telegramas: Editabril/Abril Press. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista: Circulação desta revista: **outubro/92. Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222
ANER IVC
Fotolito: Fotoline Ltda.
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

BIZZ — EDITORA AZUL

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 226-7007
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido. BZ-87

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.
Nome
Código de assinante
Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.
Novo endereço
Bairro CEP
Cidade Estado Tel.
Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

ÁLBUM BIZZ
Biografia, Letras e Fotos

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900 - Tel.: (011) 211-7866 - Fax (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º and. s/ 1533/34 - Centro - CEP 20020 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - Rio de Janeiro - RJ
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone: (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone: (001212) 557-5990/ 5993 - Telex: (00) 237670 - Fax: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone: (00331) 42.66.31.18 -Telex: (0042) 660731 ABRILPA - Fax: (00331) 42.66.13.99
Belo Horizonte: M.A.M. Publicidade e Repr. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - s/1904 - Ed. City Center - Bairro de Lourdes - CEP 30140 - MG - Tel.: (031) 224-9534 - Fax: (031) 226-2059
Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III s/202 - CEP 70300- DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre - RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Florianópolis: R. José Cândido da Silva, 264 - cj. 03 - Estreito - CEP 88075 - SC - Tel.: (0482) 44-8224
Curitiba: R. Cândido de Abreu, 140 - cj. 1008 - CEP 80530 - PR - Tel.: (041) 234-0439
Joinville - Rua Bahia, 163 - CEP 89200 - SC - Tel.: (041) 33-6186

OS MAIORES ASTROS DO ROCK
EM FOTOS ALUCINANTES!

O ROCK FALANDO SUA LÍNGUA
REVISTA BIZZ
LETRAS TRADUZIDAS
NAS BANCAS
EDITORA AZUL

CARTAS

U2

Parabéns pela esplêndida matéria e capa da edição 85 com a maior e melhor banda de rock do planeta: U2. Realmente nós, fãs incondicionais, fomos brindados com o roteiro do maior show da Terra e com uma reportagem sublime.

Rubermário Diniz
Vila Velha/ES

Senti-me na obrigação de manifestar minha opinião a respeito da matéria da BIZZ de agosto: o diário de bordo da turnê do U2. Lamentavelmente, um desperdício de matéria. O autor da mesma (Jim Greer) se prendeu em fatos inócuos e mostrou uma falta de criatividade incrível. Passeou tediosamente por entre a banda como um fantasma. Citou fatos inexpressivos como as cortinas (E eu quero saber de cortinas? Quero saber o que a banda tocou, a reação do público, e não sobre cortinas e bebedeiras do autor, tenha dó!). Até a mãe do mesmo entrou na história e não conseguiu salvar a pátria. Faltou o fundamental: o U2. Uma pena nossos ótimos jornalistas brasileiros não terem "poder" suficiente para "circular" por uma turnê do U2 com um crachá escrito "acesso total". Garanto que aproveitariam bem melhor a oportunidade.

Geórgia M. Neddermeyer
Goiânia/GO

Ex-ce-len-te, i-na-cre-di-tá-vel, simplesmente demais a BIZZ de agosto, enfocando a turnê de uma das maiores bandas de rock'n'roll do planeta: U2.

Sebastião Morais de Oliveira
São Paulo/SP

Pô, BIZZ !!! Sou sua assinante e é a primeira vez que escrevo para uma publicação, mas estou realmente indignada. Já assinei a *Veja*, assino a *Folha de S. Paulo* há anos, discordo de várias coisas publicadas, mas a relação com eles é mais impessoal. Nunca me senti traída como agora, com essa edição de agosto da BIZZ. A carta é longa por ser um desabafo: curto muito esta revista e estou superdecepcionada e frustrada. Quando meu exemplar de agosto se extraviou, quase tive um ataque: justo a edição com o U2! Eu já ia comprá-la nas bancas, antes que esgotasse, quando finalmente ela chegou no dia 27 último (por isso só estou escrevendo agora). Daí passei da ansiedade à decepção: desde novembro de 91 esperando por outra reportagem com eles e vocês me aprontam essa?! Capa linda, título corretíssimo, mas a matéria central impressa naquele horroroso papel opaco (é economia?), sem graça nenhuma (pô, até aquele chato do Ed Motta mereceu páginas coloridas). Se fosse só isso, tudo bem, mas o texto.... Quando comprei a *Spin* de julho e li aquela baboseira, passei mal e, quando chega a BIZZ, lá vem o mesmo texto, apesar de meio incompleto. Agora, imaginem só: uma revista envia alguém para acompanhar a turnê do último disco do U2 que, apesar de radicalmente diferente dos anteriores, é, a exemplo destes, nada menos que perfeito, com a habitual magia do grupo. A função desse cara é assistir os shows da banda que, para dizer o mínimo, são os mais envolventes e carismáticos da história do rock.
E o que faz esse tal Jim Greer? Escreve profissionalmente, quer tenha gostado ou não? Nada disso! Simplesmente exercita sua mordacidade todo o tempo, recheia frases aparentemente elogiosas sempre com um comentário agressivo e irônico, perambula pelos bastidores interpretando qualquer detalhe da maneira mais sarcástica e negativa possível. E o que significa aquela fixação obsessiva do cara pela altura do Bono?! Como se esse fato tivesse qualquer relevância, ele o cita mil vezes, sempre de uma forma jocosa e desabonadora (sem trocadilhos). Além disso, e vários trechos do "diário", só se vêem referências ao que o cara fez ou comeu ou sei lá o que: ele está fazendo uma matéria sobre o U2 ou escrevendo suas "crônicas de viagem"?
Quanto à afirmação de que os fãs se prostram em adoração a um toque do Bono ou qualquer gesto dele, eu sinceramente não entendo: que outra atitude se poderia esperar de qualquer pessoa equilibrada em tal situação? Nada tem a ver com fanatismo. Eu, por exemplo, tenho 41 álbuns e singles oficiais do U2 (fora os piratas, demos e out takes), 19 vídeos e 10 livros publicados sobre eles da Irlanda aos EUA, assino a revista oficial inglesa do U2 (*Propaganda*), compro as revistas importadas que pintam (inclusive a meleca dessa *Spin*) e, nem por isso sou fanática. Só reconheço o óbvio: eles são a melhor banda e Bono, o melhor vocalista e letrista não só do planeta ou da galáxia, mas do Universo, em todos os tempos, pois não existe, nunca existiu e está matematicamente provado ser impossível vir a existir banda melhor em qualquer futuro, próximo ou remoto. Só isso.
Mas não sou radical, nem espero que todas as publicações sejam como a delícia da *Hot Press* irlandesa falando do U2. O que não dá para agüentar não é uma opinião diferente, mas a irreverência gratuita e destrutiva espalhada pela matéria com pretensões literárias desse cara, que só agora descobriu que Deus pensa ser o Bono, quando todo mundo sabe que isso acontece desde 10 de maio de 1960. Por isso, meu consolo é que Deus não vai deixar barato essa reportagem maldosa, despeitada e herética , e vai amaldiçoar esse cara até a 18ª geração ou, melhor ainda, vai condená-lo a passar toda a eternidade com aquela agradável mãezinha que ele descreve.
E aí, BIZZ, qual é a de vocês? Acho que, se a intenção foi boa ao trazer algo recente sobre a *Zoo TV Tour*, vocês pecaram ao publicar um texto cujo teor e espírito nada tem a ver com a expectativa criada pela capa, feita de encomenda para atrair os fãs do grupo. Ao contrário do título da *Spin*, o de vocês não previne os incautos compradores: eles nem imaginam com que serão brindados. Além disso, eu notei dois

equívocos na tradução e anexo um xerox da página da *Spin*, com os trechos originais grifados:

1. Na página 36 da BIZZ, sobre o dia 24/março, consta que o ingresso do show no câmbio negro está entre US$ 15 e US$ 50, quando o correto é entre US$150 e US$500!

2. Na mesma página, sobre o dia 26/março, consta que a namorada do repórter teria dito "é que ele sabe dançar" quando, na verdade, a duplamente retardada garota disse "é que ele não sabe dançar" (duplamente retardada porque disse isso do Bono e por ser a namorada desse cara).

Realmente não consigo entender: como vocês podem escrever, na página 3, que essa matéria é para deleite dos fãs que exigiam mais sobre o U2?! Será que vocês escreveram isso e bolaram a capa sem ler o texto? Ou nem se importaram com essa incoerência, já que o que vende a revista é a chamada da capa? De qualquer forma, acho que uma atitude deveria ser tomada, com o intuito de preservar a boa imagem dessa revista junto ao seu público. Cheguei a pensar na execução sumária dos responsáveis por tudo isso, mas a situação não pode ser tratada com clemência. Sugiro, então, a imediata transferência desses elementos para a cobertura de uma mega-turnê eterna de Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo, com abertura de New Kids On The Block e com direito a participações especiais de Skid Row e Extreme. (Nesse exato instante, estou ouvindo o Bono cantar uma difícil balada irlandesa, "Springhill Mining Disaster", numa interpretação linda e passional, com aquela voz que os sebastians bachs da vida nem sabem que pode existir. Ele é simplesmente divino, e concluo que esses caras merecem mais: por favor, incluam nessa turnê o Seal e os Engenheiros do Hawaii).

Finalmente, se vocês realmente pagaram essa matéria a peso de ouro, isso já é caso para uma CPI por malversação de verbas. Essa grana teria sido muito melhor empregada se o André Forastieri tivesse ido cobrir alguns shows da *Zoo TV Tour*, mesmo que da platéia e sem credenciais para os bastidores. Ele poderia até detestar tudo mas, com certeza, criticaria com inteligência e elegância.

De sua leitora decepcionada (espero que temporariamente).

Regina M.R. Silva
São Paulo/SP

Nós também esperamos que seja temporariamente, Regina. Você tem toda razão sobre os erros de tradução e/ou revisão apontados, e os responsáveis já estão submetidos à punitiva audição diária de discos das bandas listadas em sua Turnê Pesadelo. Você e a Geórgia também têm razão em alguns pontos, no que diz respeito à matéria original de Jim Greer. Sobre o show em si, já havíamos publicado a resenha de José Emilio Rondeau no Ao Vivo *da edição de junho. Agora, é importante ressaltar — e nesse sentido é excelente a reportagem da* Spin *— que o U2 é o único responsável. O grupo vem boicotando toda a imprensa mundial, com exceção do jornalista Jim Shelley e do fotógrafo Anton Corbjin — os únicos que podem entrevistá-los e fotografá-los. Como se não bastasse, querem repetir a tentativa frustrada do Guns N'Roses de controlar a imprensa, exigindo ler as matérias sobre eles antes de sua publicação para, se não aprovarem, tentarem impedi-la. Enfim, não é a primeira vez que pop stars (mesmo talentosos e de postura "libertária") se comportam como criancinhas mimadas... e nada disso estraga o show em si, que queremos ver também aqui no Brasil. Esperamos que vocês todos engrossem o abaixo-assinado encartado na revista. Por último, um recadinho ao nosso caro Rubermário: Pare de ficar enviando quilos de cartas-"fantasmas" do Brasil todo para nossa* Parada do Leitor, *todas anunciando a compra de* Achtung Baby. *Estamos ligados e não queremos melar nosso abaixo-assinado com falsificações deste tipo, OK?*

CADÊ O ENCARTE?

Gostaria de expressar toda a minha revolta contra a indústria fonográfica brasileira através desta carta, mas acho que faltaria espaço para o dicionário de palavrões que eu poderia incluir.

Toda a minha fúria explodiu dias atrás quando comprei um CD do Pearl Jam. Quando botei o dito cujo no aparelho e fui pegar o encarte com as letras, cadê as letras?!? Cadê o encarte?!??? Nada!! Além da capa original estar mutilada, não havia absolutamente nada a não ser o nome das músicas (ah!) e aquele famoso aviso sobre "como cuidar direitinho do seu disquinho". Estava me achando o mais imbecil dos mortais por ter comprado o CD embalado, sem ver o que vinha dentro. Dias depois já estava conformado, porque achava que nem mesmo o vinil tinha o encarte. Mas como o pior fica sempre para o final, passei ontem numa outra loja de discos, vi o do Pearl Jam e o mesmo tinha encarte!!! O que uma pessoa normal tem para dizer de uma empresa que não tem o mínimo respeito pelo seu consumidor? O que dizer de uma empresa que lança no mercado produtos incompletos? E ainda reclamam se o consumidor brasileiro prefere o produto importado. Apesar dessa situação (disco sem encarte) ser extremamente comum no passado, a maioria das gravadoras melhorou muito de uns anos para cá. Não seria justo estender também esse "benefício" aos trabalhos dos grupos menos conhecidos? Por que um CD do Nirvana ou do Guns vem com encarte? É por isso que eu gostaria que a BIZZ gentilmente publicasse os endereços das principais multis para que todos os leitores dessa dileta revista que já compraram um disco sem encarte (por falha da gravadora) escrevessem milhares de cartas para as malditas, para ver se os executivos tomam vergonha na cara e aprendem a ganhar honestamente o seu dinheiro. Mas é para escrever mesmo, porque quem fica parado só cria raiz.

Alexandre B. Preti
Londrina/PR

Os endereços de todas as grandes gravadoras atuantes no mercado brasileiro estão na matéria "Rock Brasil 92", na BIZZ 84. Uma cópia de sua carta já foi enviada ao Departamento de Imprensa da Sony Music.

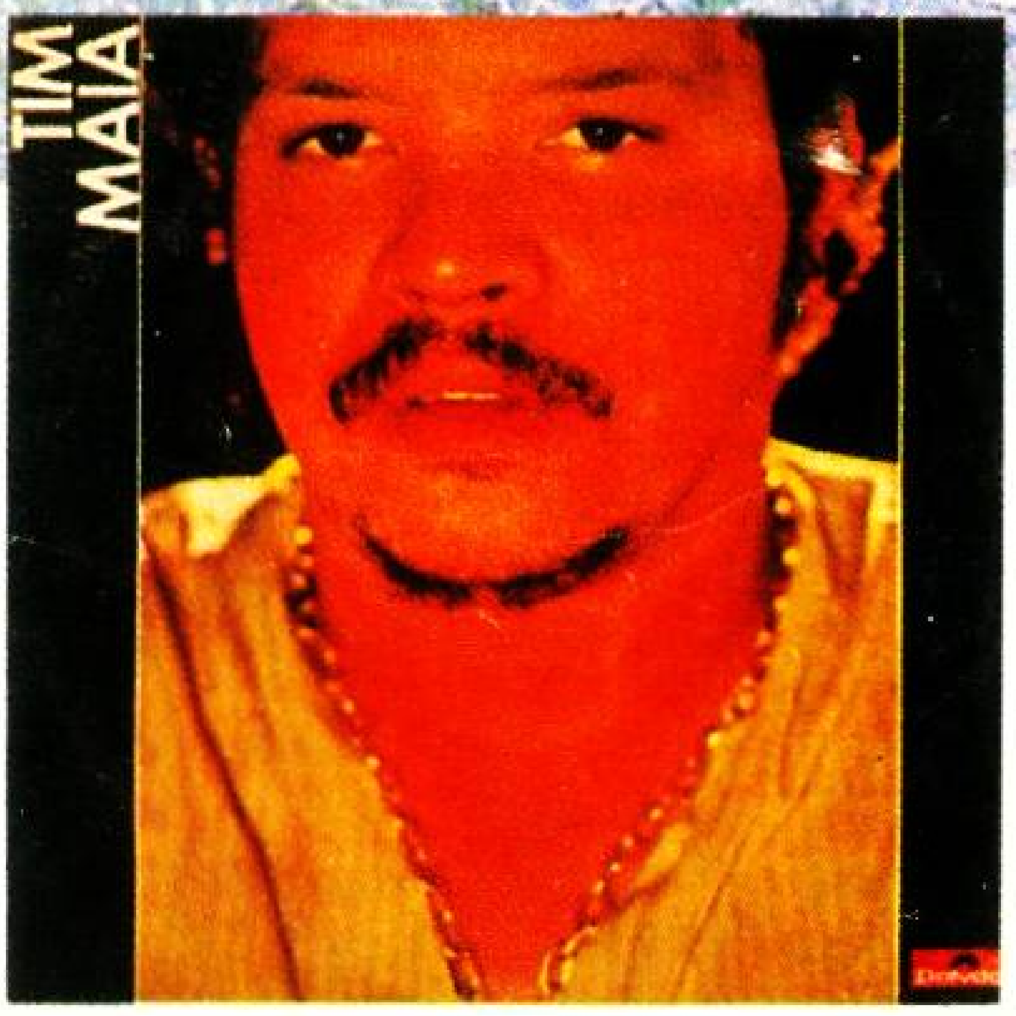
ARREPIANTE

Os filmes mais incríveis e assustadores que vão pintar nas telas já estão na revista *Terror & Ficção*. Um *trailler* do que há de mais novo no gênero com notícias, informações de bastidores e entrevistas com astros como Van Damme, Dolph Lundgren, Roger Corman e outros cobras. Suspense da primeira à última página.

TERROR & FICÇÃO

EDITORA AZUL

NAS BANCAS



TIM MAIA
TIM MAIA (1970)

O lançamento desse disco marcou o ano zero da música black no Brasil. Com seu álbum de estréia, aos 28 anos, Sebastião Rodrigues Maia abria um novo caminho para nossa música. Se João Gilberto havia adicionado elementos jazzísticos ao samba criando a bossa-nova, Tim incorporava o soul dos negros americanos. E fazia isso de maneira tão natural, brasileira e popular que a identificação de seu som com o grande público foi imediata e definitiva.

É verdade que a Jovem Guarda já flertava com o balanço dos *hitmakers* da gravadora Motown e o próprio rei Roberto Carlos gravou em 68 "Não Vou Ficar", o primeiro grande sucesso de Tim Maia como compositor. Porém, dois anos mais se passariam para que o país inteiro descobrisse que, além de ter muitos outros clássicos na cabeça, o cara cantava como ninguém jamais tinha conseguido deste lado do hemisfério e sabia exatamente como nivelar a música brasileira com o que havia de mais legal na época em matéria de soul.

Onze anos antes, Tim fizera um "estágio" nos EUA. Com apenas dezessete anos, preto e pobre, já era maluco o suficiente para se mandar para lá em plena barra pesada dos tempos pré-Martin Luther King. Isso no exato momento em que a derivação do rhythm'n'blues, que seria conhecida como soul music, começava a definir seus contornos. Ficou por lá até ser "convidado" a se retirar da festa pelas autoridades americanas (ele desabafaria em "Meu País", de 71: "Sim, bem sei que aprendi muito no seu país/ Justo no seu país/Porém, no meu país senti tudo que quis").

Mas foi por aqui que ele encontrou os elementos que tornariam a música que fazia tão rica e particular, como ficava comprovado no seu primeiro álbum. Com o paraibano Genival Cassiano compôs "Padre Cícero", uma irresistível mistura de forró e soul em homenagem ao *preacher* de Juazeiro. Essa feliz experiência genética teve seu ponto alto em "Coroné Antonio Bento" (Luiz Wanderley/ João do Vale), onde a atuação vocal alucinada de Tim fazia a gente acreditar que Memphis ficava em pleno sertão de Pernambuco. Aliás, a participação de Cassiano — o outro grande arquiteto do soul Brasil — foi fundamental no disco. São dele "Você Fingiu", a sensível "Eu Amo Você" e o hit "Primavera" (as duas últimas em parceria com Silvio Rochael).

E se o mundo todo pudesse ouvi-lo, ele ainda tinha muito para contar: em meio ao belíssimo arranjo de cordas em "Azul Da Cor Do Mar", Tim tocou no nervo do dente da paixão latina ("...um nasce para sofrer/enquanto o outro ri"). Desde então, poucos artistas têm convencido como ele, ao cantar a dor do homem espezinhado pela mulher ingrata.

Mais de duas décadas depois, o disco ainda impressiona pela riqueza das melodias e dos arranjos, além da atualidade sonora de faixas como "Cristina" (uma aula de como tirar música da alma) e "Flamengo".

Antes de sacramentar o samba-soul de "Réu Confesso" e "Gostava Tanto De Você" em 73, Tim lançaria mais dois álbuns pródigos em gerar sucessos, todos pela atual PolyGram — a mesma gravadora para onde fora levado pelos Mutantes. Em 92, ano de tantas comemorações, as cinqüenta primaveras de Tim Maia bem que mereceriam o lançamento na íntegra desse primeiro e fundamental ciclo de sua carreira em CD. Isso que é discoteca básica, obrigatória.

CLÁUDIO CAMPOS

A 1ª RÁDIO ROCK DO BRASIL VIROU LIVRO !

E VOCÊ É PERSONAGEM DESSA HISTÓRIA

O "maldito" Luiz Antonio Mello conta como foi montar uma rádio baseada num Ideal. A Rádio que revolucionou as FMs. A Rádio que mudou a História do Rock Brasileiro. A Rádio mais Rock 'n Roll do Planeta.

FM FLUMINENSE 94

Um lançamento
EDITORA ARTE&CULTUR

Você pode adquirir o "Onda Maldita" nas melhores livrarias do País, ou pelo reembolso postal. Rua Visconde de Itaboraí, 184/10º andar - Niterói - RJ - CEP 24030-091 Formato 14 x 21 cm, 240 páginas, Preço: Cr$ 75.000,00 (válido até 31.10.92)

III
SIDES TO EVERY STORY
INCLUINDO
"REST IN PEACE" "STOP THE WORLD" & "TRAGIC COMIC"
Produced by Nuno Bettencourt • Co-Produced by Bob St. John
© 1992 A&M Records, Inc. All rights reserved
A&M RECORDS
PolyGram